

**UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL  
MESTRADO E DOUTORADO**

**SUSÃ SEQUINEL DE QUEIROZ**

**CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS: UMA ANÁLISE DO  
*EMBEDDEDNESS* NA AGRICULTURA FAMILIAR E SUA INTERAÇÃO NOS  
MERCADOS LOCAIS**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
2021**

**Susã Sequinel de Queiroz**

**CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS: UMA ANÁLISE DO  
*EMBEDDEDNESS* NA AGRICULTURA FAMILIAR E SUA INTERAÇÃO NOS  
MERCADOS LOCAIS**

**SHORT FOOD SUPPLY CHAINS: AN ANALYSIS OF THE FAMILY FARMING  
EMBEDDEDNESS IN FAMILY FARMING AND ITS INTERACTION IN LOCAL  
MARKETS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável**.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Maria de Grandi

Coorientador: Prof. Dr. Clério Plein

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**2021**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Q3c Queiroz, Susã Sequinel de  
Cadeias curtas de abastecimento de alimentos:  
uma análise do embeddedness na agricultura familiar  
e sua interação nos mercados locais / Susã Sequinel  
de Queiroz; orientadora Adriana Maria de Grandi;  
coorientador Clério Plein. -- Marechal Cândido  
Rondon, 2021.  
178 p.

Tese ( Campus de Marechal Cândido Rondon) --  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de  
Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Rural Sustentável, 2021.

1. Cadeias curtas de abastecimento de alimentos.  
2. Mercados locais. 3. Agricultura familiar. 4.  
Feiras livres. I. Grandi, Adriana Maria de ,  
orient. II. Plein, Clério, coorient. III. Título.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon

Centro de Ciências Agrárias – CCA

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado

## SUSÃ SEQUINEL DE QUEIRÓZ

### CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS: UMA ANÁLISE DO EMBEDDEDNESS NA AGRICULTURA FAMILIAR E SUA INTERAÇÃO NOS MERCADOS LOCAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, de forma remota/síncrona, com uso da tecnologia de videoconferência, por meio das diversas opções de software/aplicativos disponíveis para essa modalidade, conforme orientação do Ato Executivo nº 021/2020-GRE, Resolução 052/2020 - CEPE e Portaria Capes nº 36/2020, em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável, área de concentração Desenvolvimento Rural Sustentável, linha de pesquisa Inovações Sociotecnológicas e Ação Extensionista, **APROVADA** pela seguinte banca examinadora:

1. Adriana Maria De Grandi – Orientadora  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE / Campus Marechal Cândido Rondon
2. Loreni Maria dos Santos Braum – Membro  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE / Campus Marechal Cândido Rondon
3. Dirceu Basso – Membro  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)
4. Geysler Rogis Flor Bertolini – Membro  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE / Campus Cascavel
5. Miguel Angelo Perondi – Membro  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Marechal Cândido Rondon, PR, 02 de agosto de 2021.

Wilson João Zonin  
Coordenador Especial do PPGDRS  
Portaria nº 4178/2020 – GRE

**CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS: UMA ANÁLISE DO  
EMBEDDEDNESS NA AGRICULTURA FAMILIAR E SUA INTERAÇÃO NOS  
MERCADOS LOCAIS**

**SUSÃ SEQUINEL DE QUEIROZ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável, sendo a banca examinadora formada por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Maria de Grandi – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Orientadora

---

Prof. Dr. Clério Plein – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Coorientador

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Loreni Maria dos Santos Braum – Universidade Estadual do Oeste do Paraná –  
UNIOESTE  
Membro interno

---

Prof. Dr. Dirceu Basso – Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA  
Membro interno

---

Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR  
Membro externo

---

Prof. Dr. Geysler Rogis Flor Bertolini – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Membro interno

Marechal Cândido Rondon, 02 de agosto de 2021.

Dedico esta tese à minha mãe, Rosi Emília Sequinel, que tanto almejou que eu estudasse, acreditou em mim e sempre me ensinou que tudo é possível se for alicerçado na humildade, no amor, no respeito e na honestidade. Aos meus filhos, Samuel e Rafael, por entenderem minha ausência em muitos momentos. Ao meu esposo, Nilton Rogério de Queiroz, que sempre me apoiou incondicionalmente nessa minha jornada acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que tudo sempre proveu na minha vida, me amparou nos momentos mais difíceis da minha vida e me encorajou pra continuar a minha jornada com fé que tudo daria certo no final.

Ao meu marido, Nilton, que sempre me ajudou em tudo que pôde e pelo seu apoio incondicional ao meu lado para encarar os desafios.

Aos meus pais, Odinor (*in memorian*) e Rosi, por saberem que estudar é preciso.

À minha orientadora, Adriana Maria de Grandi, pelo voto de confiança, por me apoiar e me conduzir sempre, tornando-se minha amiga.

Ao meu coorientador, Clério Plein, por sempre me incentivar e me encorajar, além das suas preciosas contribuições acadêmicas.

Aos professores da banca examinadora: Loreni Maria dos Santos Braum, Geysler Rogis Flor Bertolini, Dirceu Basso, Miguel Angelo Perondi, pela dedicação na leitura do texto final, críticas e sugestões que serão indispensáveis para a continuidade do trabalho.

Ao Programa, ao Coordenador e aos funcionários do curso de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste *Campus* Marechal Cândido Rondon, pela oportunidade a mim concedida, que aproveitei ao máximo.

À Unioeste, instituição pública a que devo toda a minha trajetória (sem ela não teria condições de estudar), desde a graduação, instituição da qual tenho o maior orgulho de fazer parte atualmente como docente e que também me proporcionou o privilégio de fazer um curso de pós-graduação com afastamento integral remunerado, proporcionado por meio da política de qualificação docente.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) que foi imprescindível.

Aos colegas do Colegiado de Ciências Contábeis que precisaram empenhar-se ainda mais pra cobrir as lacunas na minha ausência.

Às minhas queridas e amadas amigas, Loreni e Daliane, que sempre me ajudaram e me apoiaram.

Aos agricultores familiares da feira com quem mantive contato da Feira do Produtor em Cascavel-PR, que dedicaram parte do seu precioso tempo para sentar e conversar comigo durante as entrevistas em campo.

QUEIROZ, Susã Sequinel de. **Cadeias curtas de abastecimento de alimentos: uma análise do *embeddedness* na agricultura familiar e sua interação nos mercados locais**. 178 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, agosto de 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Grandi

Coorientador: Prof. Dr. Clério Plein

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo identificar como encontram-se estruturadas as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, sua interação nos mercados locais e seu potencial para inclusão socioproductiva e comercial da agricultura familiar. Como lacuna de pesquisa desta tese, identificou-se a necessidade de uma profunda revisão teórica sobre as cadeias curtas de abastecimento de alimentos no intento de progredir na delimitação conceitual do tema, podendo servir de referência pra futuros estudos nesse assunto e caracterizando como fonte de ineditismo no assunto. Para atingir tal objetivo, foram realizados quatro estudos. O primeiro estudo foi um ensaio teórico que apresenta uma reflexão sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural. A valorização da agricultura familiar e o seu potencial dinamizador das economias locais são o principal ponto de consenso. O segundo estudo bibliométrico objetiva apresentar, por meio da análise de citações, a estrutura da produção científica que fornece base para estudos sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais. O método utilizado foi exploratório e os dados para as análises foram constituídos de artigos científicos, recuperados na base *Web of Science*. A Análise Fatorial Exploratória (AFE) revela que a estrutura da produção científica sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais é explicada em 72,24%, por 84 artigos, os quais se agruparam em cinco dimensões: as definições constitutivas das economias locais alimentares alternativas; as características dos sistemas alimentares locais; a diversidade das redes alimentícias alternativas; a busca por práticas inovadoras e melhorias de gestão nas redes agroalimentares locais alternativas; lócus da dinâmica de redes alternativas agroalimentares em que a relação consumidor/produtor é priorizada. O terceiro estudo analisa o enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos, em apenas um dos tipos de cadeias curtas *face-to-face*. Para tanto, utilizou-se a metodologia de revisão sistemática para analisar as publicações sobre as cadeias curtas, disponibilizadas nas bases *Web of Science* e *SCOPUS*. Os resultados encontrados apontaram que, dos 26 trabalhos pesquisados, publicados de 2014 até 2019, 21 estudos possuem aplicabilidade empírica. É possível vislumbrar, nesses estudos, que o aspecto social é o que possui o maior destaque, tanto em seus componentes de necessidades quanto nos de seu potencial. O papel da confiança na relação produtor/consumidor chamou atenção. O quarto estudo analisa o mecanismo de funcionamento de uma feira livre como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioproductiva e comercial. Busca-se, também, verificar se ocorre o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e se a feira tem

como consolidar-se como um local de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “distintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos). O artigo se configura como um estudo de caso qualitativo aplicado à Feira do Pequeno Produtor em Cascavel, no estado do Paraná. Nos métodos utilizados, no caso dos produtores, foram coletados dados por meio de uma pesquisa direta (*face-to-face*) com os agricultores familiares feirantes e a análise dos dados foi executada em parte pelo *software* IRAMUTEQ. No caso dos consumidores, a análise dos dados foi efetuada por meio da tabulação dos dados no *software* Microsoft Excel a partir das médias aritméticas dos resultados e avaliada a partir da escala Likert. Quanto aos resultados, a feira se mostrou capaz de demonstrar a inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares por três principais aspectos: primeiro, por estar organizada a partir da associação dos produtores; segundo, por contar com relações consolidadas e de confiança entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores; e, terceiro, por possuir relações solidárias entre os participantes. A inclusão comercial também foi confirmada e, na feira, as cadeias curtas de abastecimento de alimentos são fortalecidas na medida em que se constroem vínculos comerciais entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores. A feira consolidou-se como um espaço a ser percebido pelos consumidores e dos produtores, no que se refere a duas das cinco dimensões dos mercados imersos.

**Palavras-chave:** Mercados Locais. Agricultura Familiar. Feiras livres.

QUEIROZ, Susã Sequinel de. **Short food supply chains**: na analysis of the Family farming embeddedness in Family farming and its interaction in local markets. 178 f. Thesis (Doctorate in Sustainable Rural Development) – State University of West Paraná, Marshal Cândido Rondon, August 2021.

Advisor: Profa. Dra. Adriana Maria de Grandi

Co-advisor: Prof. Dr. Clério Plein

## ABSTRACT

This thesis aims to identify how short food supply chains are structured, their interaction in local markets, and their potential for the socio-productive and commercial inclusion of family farming. As a research gap in this thesis, the need for a deep theoretical review on short food supply chains was identified to progress in the conceptual delimitation of the theme, which can serve as a reference for future studies and be a source of originality on the subject. For this goal, four studies were carried out. The first study was a theoretical essay that presents a reflection on the main trends and discussions involving the construction of the themes of (rural) development, family farming, and the markets in which the respective transactions occur, interpreting markets as a planning principle and social construction that are taking place in rural areas. The appreciation of family farming and its potential to boost local economies are the main point of consensus. The second bibliometric study aims to present the structure of scientific production that provides a basis for studies on farmers' markets and local agri-food systems through the analysis of quotations. The method used was exploratory, and the data for the analyses consisted of scientific articles retrieved from the Web of Science database. The Exploratory Factor Analysis (EFA) reveals that the structure of scientific production on farmers' markets and local agri-food systems is addressed in 72.24%, by 84 articles, which were grouped into five dimensions: the constitutive definitions of alternative local food economies; the characteristics of local food systems; the diversity of alternative food networks; the search for innovative practices and management improvements in alternative local agri-food networks; and the *locus* of the dynamics of alternative agri-food networks which prioritizes the consumer/producer relationship. The third study analyzes farmers' and consumers' rootedness in their interaction with local markets through empirical studies in short food supply chains, with only one face-to-face chain. Therefore, the systematic review methodology was used to analyze publications on short chains, available in the Web of Science and SCOPUS databases. The results showed that, of the 26 studies researched, published from 2014 to 2019, 21 studies have empirical applicability. In these studies, it is possible to notice that the social aspect has the most significant prominence, both in its components of needs and its potential, highlighting the role of trust in the consumer/producer relationship. The fourth study analyzes the working mechanism of a farmers market to estimate its potential for socio-productive and commercial inclusion. The aim is also to verify whether there is a strengthening of short food supply chains and whether the fair can consolidate itself as a place for consumers and producers to perceive aspects of the "distinctiveness" and "connectivity" dimensions of these rooted (immersed) markets. The article is configured as a qualitative case study applied to the *Feira do Pequeno Produtor* (Small Farmers Market) in Cascavel, Paraná. In the methods used, in the case of producers, data were collected through a direct survey (face-to-face) with family farming marketers, and data analysis was performed in part by the IRAMUTEQ software. In the case of consumers,

the data analysis was done by tabulating the data in Microsoft Excel software from the arithmetic averages of the results and evaluated using the Likert scale. As for the results, the farmers market in this study was able to demonstrate the socio-productive inclusion of family farmers through three main aspects: first, for being organized through the association of producers; second, because it counts on close and trust relationships between the family farm marketers and the customers; and, third, for having solidary relationships between the participants. The commercial inclusion was also confirmed, and, at the farmers market, the short food supply chains are strengthened as commercial links are built between the family farmers and the customers. The fair has established itself as a space perceived by customers and producers in two of the five dimensions of the immersed markets.

**Keywords:** Local markets. Family farming. Farmers markets.

## LISTA DE FIGURAS – ESTUDO 1

<b>Figura 1:</b> A matriz institucional do desempenho econômico para North.....	33
---	----

## LISTA DE FIGURAS – ESTUDO 2

<b>Figura 1:</b> Quantidade de publicações por ano .....	69
<b>Figura 2:</b> Nuvem de palavras das palavras-chave .....	70
<b>Figura 3:</b> A face integradora da produção científica dos Mercados de Agricultores .....	82

## LISTA DE FIGURAS – ESTUDO 3

<b>Figura 1:</b> Etapas da revisão sistemática .....	101
<b>Figura 2:</b> Critérios de inclusão e exclusão da seleção dos materiais .....	102
<b>Figura 3:</b> Países das publicações .....	108
<b>Figura 4:</b> Mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos .....	110
<b>Figura 5:</b> Relação entre estudos com aplicabilidade empírica e palavras-chave ..	113
<b>Figura 6:</b> Nuvem de palavras.....	115
<b>Figura 7:</b> Relação teórico/empírica dos domínios das SFSCs com o produtor/consumidor .....	126

## LISTA DE FIGURAS – ESTUDO 4

<b>Figura 1:</b> Produtores na feira .....	148
<b>Figura 2:</b> Estruturação do <i>drive-thru</i> na feira .....	149
<b>Figura 3:</b> Feira localizada em frente à Prefeitura Municipal de Cascavel .....	150
<b>Figura 4:</b> Agricultores Familiares Feirantes em abril de 2021 .....	152
<b>Figura 5:</b> Classes geradas pelo software IRAMUTEQ com a Classificação Hierárquica Descendente .....	156
<b>Figura 6:</b> Análise de similitude entre palavras no IRAMUTEQ .....	158
<b>Figura 7:</b> Duas das dimensões dos mercados imersos .....	160
<b>Figura 8:</b> O que vem à mente dos consumidores quando pensam em comprar na	

feira .....162

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Matriz Metodológica da Tese .....	25
--	----

### LISTA DE QUADROS – ESTUDO 2

<b>Quadro 1:</b> Estudos, terminologias e definições de mercados locais e circuitos curtos de proximidade .....	62
<b>Quadro 2:</b> Variáveis excluídas .....	72
<b>Quadro 3:</b> Classificação dos autores por dimensão .....	73

### LISTA DE QUADROS – ESTUDO 3

<b>Quadro 1:</b> Dados dos artigos selecionados .....	104
<b>Quadro 2:</b> Aplicabilidade empírica dos estudos .....	116

### LISTA DE QUADROS – ESTUDO 4

<b>Quadro 1:</b> Premissas da pesquisa e respectivos referenciais teóricos .....	144
--	-----

## LISTA DE TABELAS – ESTUDO 2

<b>Tabela 1:</b> Artigos e livros mais citados nos artigos sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais .....	70
---	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	20
1.2	OBJETIVOS.....	21
1.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>21</b>
1.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>22</b>
1.3	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO .....	22
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO .....	24
<b>ESTUDO 1 - AS DEFINIÇÕES CONSTITUTIVAS DA AGRICULTURA FAMILIAR E SEUS MERCADOS COMO PROPULSORA DE DESENVOLVIMENTO (RURAL)..</b>		
<b>27</b>		
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>28</b>
<b>2</b>	<b>O DESENVOLVIMENTO (RURAL) E SUAS DIMENSÕES</b> .....	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>A AGRICULTURA FAMILIAR E SEUS MERCADOS NA BUSCA POR DESENVOLVIMENTO (RURAL)</b> .....	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>
<b>ESTUDO 2 - ESTRUTURA INTELLECTUAL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE MERCADOS DE AGRICULTORES E SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS: UMA ANÁLISE POR MEIO DAS COCITAÇÕES</b> .....		
<b>48</b>		
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>49</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>52</b>
2.1	MERCADOS DE AGRICULTORES SOB O ENFOQUE DE ENRAIZAMENTO SOCIAL.....	52
2.2	REDES ALTERNATIVAS ALIMENTARES ( <i>ALTERNATIVE FOOD NETWORKS</i> – AFN).....	56
2.3	REDES ALTERNATIVAS AGROALIMENTARES ( <i>ALTERNATIVE AGRIFOOD NETWORKS</i> – AAFN) .....	58
2.4	SISTEMAS ALIMENTARES LOCAIS ( <i>LOCAL FOOD SYSTEMS</i> – LFS) .....	59
2.5	CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS (SFSCs).....	60
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>64</b>
3.1	ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA .....	64

3.2	AMOSTRA.....	65
<b>4</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>68</b>
4.1	ESTRUTURA INTELECTUAL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA .....	73
4.2	DIMENSÃO 1 – AS DEFINIÇÕES CONSTITUTIVAS DAS ECONOMIAS LOCAIS ALIMENTARES ALTERNATIVAS.....	75
4.3	DIMENSÃO 2 – AS CARACTERÍSTICAS DOS SISTEMAS ALIMENTARES LOCAIS.....	76
4.4	DIMENSÃO 3 – A DIVERSIDADE DAS REDES ALIMENTÍCIAS ALTERNATIVAS.....	77
4.5	DIMENSÃO 4 – A BUSCA POR PRÁTICAS INOVADORAS E MELHORIAS DE GESTÃO NAS REDES AGROALIMENTARES LOCAIS ALTERNATIVAS.....	78
4.6	DIMENSÃO 5 – <i>LOCUS</i> DA DINÂMICA DE REDES ALTERNATIVAS AGROALIMENTARES EM QUE A RELAÇÃO CONSUMIDOR/PRODUTOR É PRIORIZADA.....	79
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>80</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>83</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

	<b>ESTUDO 3 - CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS: UMA CARACTERIZAÇÃO COM BASE NA LITERATURA RECENTE .....</b>	<b>95</b>
1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>96</b>
2	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>97</b>
3	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>100</b>
4	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>103</b>
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>

	<b>ESTUDO 4 - ESTUDO DA FEIRA LIVRE DE CASCAVEL-PR: SOB A ÓTICA DOS PRODUTORES E DOS CONSUMIDORES .....</b>	<b>136</b>
1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>137</b>
2	<b>A FEIRA COMO UM CENÁRIO DOS MERCADOS IMERSOS E SUAS DIMENSÕES .....</b>	<b>139</b>
3	<b>MÉTODOS.....</b>	<b>143</b>
4	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A FEIRA E SEUS MERCADOS</b>	

<b>IMERSOS .....</b>	<b>146</b>
4.1 COMO A FEIRA PROMOVE A INCLUSÃO SOCIOPRODUTIVA E COMERCIAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES .....	146
4.1.1 Histórico da Feira .....	146
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>163</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICE A - PROPOSTA DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DO ESTUDO 4 .....</b>	<b>168</b>
1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS INTEGRALIZADORAS DO ESTUDO .....	172
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>177</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A maioria das unidades produtivas no mundo são geridas por agricultores familiares, contribuindo significativamente na produção de alimentos. A importância da agricultura familiar para os sistemas agroalimentares despontou com maior relevância a partir de 2014, quando as Nações Unidas fixaram o Ano Internacional da Agricultura Familiar. Desde então, ficou evidente o papel central da agricultura familiar na produção e no suprimento de alimentos para a segurança alimentar, a estabilidade social e política de vários países (PREISS *et al.*, 2020).

Não existe um consenso em relação à definição de agricultura familiar, porém, Abramovay (1997) explicita:

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de parentesco. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional é perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiares) estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1997, p. 3).

O estudo da “agricultura familiar” é uma discussão considerada recente no Brasil. A contribuição precursora foi de Abramovay (1992); concomitantemente, estudos de Veiga (1991), foram os primeiros no Brasil a distinguir o campesinato, também chamado de sociedades camponesas, da agricultura familiar. Abramovay (1992) explicitou que a agricultura familiar é oriunda sim do campesinato, no entanto, ela se apresenta como uma forma de organização do trabalho e da produção diferenciada em decorrência da crescente integração aos mercados.

Em se tratando de integração aos mercados, tem-se na literatura o conceito das cadeias agroalimentares que envolvem uma complexa e extensa rede de agentes intermediários, que começa antes mesmo de se jogar uma semente na terra, passa por empresas de insumos, sementes, implementos e até mesmo combustíveis, e vai além da porteira dos estabelecimentos agropecuários, envolvendo unidades de transformação de fibras e matérias-primas alimentares. No entanto, elas se mostram como cadeias longas, em que as relações e interações entre produtores e consumidores são praticamente inexistentes. Essas cadeias agroalimentares longas

tendenciam a romper os elos diretos entre produção e consumo, entre o agente que produz e o indivíduo que consome (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2017).

No quesito comercialização, identificada por Brandão *et al.* (2020) como negócios locais, vale ressaltar que o cultivo de hortaliças, por exemplo, favorece a comercialização em cadeias curtas, tanto pela proximidade geográfica entre os agentes quanto pela característica do produto que geralmente é consumido *in natura*. Além da conformação das cadeias curtas como facilitadoras à comercialização, outros fatores se incluem nesse processo como auxiliares da atividade agrícola, como as formas associativas de trabalho no campo, o acesso às políticas públicas já existentes com vistas a minimizar problemas desta natureza, por exemplo, os mercados institucionais de alimentação escolar e de aquisição de alimentos.

São também conhecidas na literatura as chamadas redes agroalimentares alternativas. Trata-se de um termo amplo que abrange as redes emergentes de produtores, consumidores e outros atores que incorporam alternativas ao modo industrial mais padronizado de abastecimento alimentar (MURDOCH; MARSDEN; BANKS, 2000). São chamadas assim justamente por sua condição de alternativa ao modelo dominante (MAYE; HOLLOWAY; KNEAFSEY, 2007; SCHERMER, 2015). Nesse sentido, três aspectos são importantes. Primeiro, as redes agroalimentares alternativas se distinguem do sistema convencional porque estão enraizadas em territórios específicos, tradições de produção e culturas alimentares. Em segundo lugar, essas redes buscam promover a inclusão socioeconômica de grupos sociais de produtores e consumidores marginalizados ou excluídos pelo sistema agroalimentar dominante e corporativo. E, em terceiro lugar, as redes agroalimentares alternativas procuram ser ambientalmente amigáveis, promovendo e apoiando a produção tradicional, natural e ecológica (TREGGAR, 2011).

Esse conceito de cadeias curtas é o principal norteador desta pesquisa, a qual foi desenvolvida por meio de quatro estudos interligados em si, partindo das bases teóricas para identificação dos conceitos principais sobre a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural (Estudo 1), as características dos mercados de agricultores e dos sistemas agroalimentares locais (Estudo 2), análise do enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais nas cadeias curtas

(Estudo 3), e um estudo numa feira livre como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioprodutiva e comercial de agricultores familiares, que caracteriza um dos tipos de cadeias curtas *face-to-face* (Estudo 4).

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Tanto na Europa quanto no Brasil, os estudos sobre a comercialização de alimentos oriundos da agricultura familiar têm crescido. A maioria das pesquisas reflete o atual momento de busca de alternativas ao que se poderia denominar “externalidades negativas” do atual sistema agroalimentar. Entre os problemas que esse sistema apresenta, enumeram-se a crescente desregulamentação dos mercados nacionais de alimentos, aumentos dos preços de alimentos no mundo desde 2008, as crises de segurança alimentar, a crescente oligopolização dos mercados, a não observância às regras de preservação ambiental, entre outros aspectos de riscos associados à alimentação (PLOEG, 2015; GAZOLLA, 2017).

As experiências agroalimentares têm construído nos últimos anos as chamadas “redes agroalimentares alternativas”, das quais uma das dimensões tem abordado o que se costuma chamar de cadeias curtas de abastecimento de alimentos (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003). Esse termo faz menção ao papel dos canais curtos de comercialização de alimentos nos negócios locais para o desenvolvimento rural e os processos alimentares da sociedade.

Nesta tese, opta-se por adotar a nomenclatura “cadeias curtas de abastecimento de alimentos” e consideram-se as demais, detalhadas no Estudo 2, como suas correlatas, uma vez que conceitualmente as definições apresentadas guardam semelhanças entre si.

As diferentes maneiras como demandas de consumidores e ofertas de produtores se articulam por meio de “códigos” específicos na produção (orgânico, regional, artesanal etc.), em muitos casos, vêm acompanhadas de novas estruturas de mercado, enquanto em outros mercados a oferta e a demanda são articuladas por agentes de mercado convencional.

Ao verificar essas questões, percebe-se a necessidade de extrapolar a simples descrição de fluxos de produtos e compreender a natureza das práticas estabelecidas entre produtores e consumidores nas cadeias curtas de abastecimento nos negócios locais, e no papel dessas relações na construção de valor e significado,

ao invés de examinar apenas o tipo de produto. Os futuros produtos serão cada vez mais “customizados” e “socialmente construídos” para atender a demandas específicas nos mercados alternativos locais (GRANOVETTER, 2007).

No que diz respeito ao estudo das cadeias curtas de abastecimento de alimentos percebe-se muitas nomenclaturas distintas para definir o referido tema, demonstrando como lacuna a necessidade de uma profunda revisão teórica sobre as cadeias curtas de abastecimento de alimentos no intento de progredir na delimitação conceitual do tema, podendo servir de referência pra futuros estudos nesse assunto e caracterizando como fonte de ineditismo no assunto.

A principal motivação deste estudo consiste em identificar quais as práticas locais existentes entre os atores (os produtores e os consumidores) enquanto agentes das cadeias curtas de abastecimento de alimentos) para poder compreender a natureza (convenções) das mesmas. Ou seja, como funcionam em sua estruturação, buscando investigar como o enraizamento pode contribuir para o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos oriundos da agricultura familiar. Para tanto, entender as características marcantes nos mercados alternativos e verificar se podem contribuir para a potencialização das características peculiares das relações de mercados nos canais curtos de comercialização (HINRICHS, 2000). Diante deste cenário, o problema de pesquisa deste estudo é: *Quais são e como funcionam as estruturas das cadeias curtas de abastecimento de alimentos no quesito comercialização, como é sua interação nos mercados locais e se possui potencial para a inclusão socioproductiva e comercial dos agricultores familiares?*

## 1.2 OBJETIVOS

Nesta subseção, apresentam-se os objetivos geral e específicos.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo geral identificar como encontram-se estruturadas as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, sua interação nos mercados locais e seu potencial para inclusão socioproductiva e comercial da agricultura familiar.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Fazer uma reflexão teórica sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural (Estudo 1);
- b) Analisar a estrutura intelectual da produção científica que fornece base para o estudo sobre os mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais, por meio da análise de citações (Estudo 2);
- c) Analisar o enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais, por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos, visando analisar os impactos do ponto de vista econômico, social e ambiental (Estudo 3);
- d) Analisar o mecanismo de funcionamento de uma feira livre como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioprodutiva e comercial de agricultores familiares em cadeias curtas de abastecimento de alimentos (Estudo 4).

### 1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O estudo se justifica pela importância do tema em questão para abrir novos horizontes de estudo aos que se dedicam à temática da agricultura familiar com foco na criação/fortalecimento de cadeias curtas de comercialização, uma vez que esta se constitui numa vertente ainda pouco estudada, se levado em consideração o tema com este enfoque, e, principalmente para o local em que se realiza o estudo, já que tem o intuito de realizar uma análise desses mercados locais, bem como da sua estruturação e que reflexos possam trazer para os agricultores familiares no município, por meio da comercialização nas feiras livres. Destaca-se também a importante contribuição teórica que o estudo pode proporcionar colaborando para o preenchimento da lacuna de pesquisa.

Considerando que o fortalecimento da agricultura familiar é o principal requisito para manter a reprodução social e econômica das famílias que vivem do que retiram da terra, também evidencia-se a contribuição científica do estudo sobre esse tema. Tanto contribuições para as produções acadêmicas pelo resultado das

investigações realizadas como por abrir oportunidades a outros estudos visando à ampliação do conhecimento da área, bem como evidenciar outras lacunas de estudos ainda não realizados, mas que poderão aumentar a fonte de compreensão sobre o assunto.

Renting, Marsden e Banks (2017) afirmam que existe uma necessidade de conceitos que ajudem a compreender as redes alimentares alternativas e passem a oferecer melhores “instrumentos” para sua heterogeneidade. Esta tese pode ser vista, em parte (Estudo 2), como uma contribuição para a compreensão dos diferentes níveis de definição e especificação conceitual dessas novas realidades rurais.

Uma busca realizada na base de dados *Scopus* e *Web of Science* revela que os mercados de agricultores, desde 1970, vêm sendo estudados, mas foi a partir de 2008 que o interesse pelo tema aumentou e só vem crescendo, demonstrando a atualidade do tema.

Diante disso, nota-se a relevância do tema em realizar novas pesquisas para compreender as cadeias curtas nos mercados locais, sobretudo porque os mercados alimentares locais dependem significativamente da capacidade diferenciada das cadeias curtas de manterem a confiança do consumidor e estabelecerem novos arranjos institucionais fidedignos.

Além disso, a literatura tem revelado um aumento geral na preocupação com questões como ecologia, saúde, bem-estar animal, procedência dos produtos em geral, resultando no surgimento de um potencial para produtos alimentícios que se distinguem, de modo confiável, em um ou mais dos aspectos questionados da qualidade dos alimentos (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2017).

As cadeias curtas de abastecimento de alimentos, de modo amplo, serão tratadas numa perspectiva teórica, toda a tipologia e para exemplificar um dos mecanismos de cadeias curtas de abastecimento de alimentos de *face-to-face* será realizado o estudo empírico (Estudo 4) de forma mais específica. Não sendo possível tratar todo o mecanismo de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos, pelo espaço limitado de tempo para a realização da tese e por conta da pandemia do COVID-19.

## 1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Quanto à estrutura, além desta introdução, esta tese está organizada da seguinte forma:

Estudo 1 – Além da introdução, apresenta-se uma discussão sobre aspectos relacionados ao tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados como constructos sociais, evidenciando a característica dos mercados locais de serem alternativas às quais a agricultura familiar pode recorrer. Em seguida, apresenta-se a discussão teórica e a análise de conteúdo. E, por fim, as considerações finais e sugestões para futuras pesquisas.

Estudo 2 – Apresentam-se aspectos gerais sobre o mercado de agricultores e sobre os sistemas agroalimentares locais e a metodologia adotada para a seleção das publicações. Posteriormente, apresenta-se a análise das citações contidas nas publicações que fornecem a base teórica para estudos sobre mercados de agricultores e sobre os sistemas agroalimentares locais, por meio da Análise Fatorial Exploratória e, por fim, as considerações finais e sugestões para futuras pesquisas.

Estudo 3 – Neste estudo, realiza-se uma revisão sistemática, que está dividida em três seções na sua estrutura. Além da introdução, apresenta-se a metodologia adotada para a seleção das publicações; posteriormente, os mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e a aplicabilidade dos estudos empíricos que buscam responder ao objetivo desta pesquisa; e, por fim, as considerações finais e sugestões para futuras pesquisas.

Estudo 4 – Neste estudo, além da introdução, apresenta-se a feira como um cenário dos mercados imersos e suas dimensões, bem como os métodos utilizados na pesquisa para os produtores e consumidores. Em seguida, os resultados e discussões sobre a feira e seu histórico, sobre a inclusão socioprodutiva e comercial dos agricultores familiares, principais motivos que os levam a participar da feira. Posteriormente, apresenta-se como a feira se consolida como local de percepção dos consumidores e pelos produtores no que se refere às dimensões dos mercados imersos e, por fim, as considerações finais.

A tese terá uma conclusão integradora dos quatro estudos, além das referências contidas tanto na introdução quanto na conclusão geral.

O Quadro 1 apresenta a matriz metodológica da tese, contendo as justificativas de distinção e de interdependência dos quatro estudos.

**Quadro 1:** Matriz metodológica da tese

PROBLEMA DE PESQUISA							
Quais são e como funcionam as estruturas das cadeias curtas de abastecimento de alimentos no quesito comercialização, como é sua interação nos mercados locais e se possui potencial para a inclusão socioproductiva e comercial dos agricultores familiares?							
OBJETIVO GERAL							
Identificar como encontram-se estruturadas as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, sua interação nos mercados locais e seu potencial para inclusão socioproductiva e comercial da agricultura familiar.							
JUSTIFICATIVA DE DISTINÇÃO			JUSTIFICATIVA DE INTERDEPENDÊNCIA				
Títulos dos estudos	Questão de pesquisa	Objetivo geral	Pesquisas sequenciais ou simultânea	Método único ou misto nas etapas de campo	Procedimentos de coleta de dados	Procedimentos de análise de dados	Status do estudo
Estudo 1 - As definições constitutivas da agricultura familiar e seus mercados como propulsora de desenvolvimento (rural)	Quais formas de reflexões teóricas que discutem a construção do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados em que transcorrem as transações consideradas como construções sociais?	Fazer uma reflexão teórica sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural.	Uma pesquisa teórica sequencial foi realizada (Estudo 2)	Ensaio teórico	Revisão de literatura de artigos científicos, livros e publicações	Análise de conteúdo temática	Publicado em periódico <i>qualis</i> B2 intitulado "Brazilian of Development" e gerou um capítulo de livro intitulado "Tendências Contemporâneas das Ciências Sociais".

## Quadro 1 – Continuação

Estudo 2 - Estrutura intelectual da produção científica sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais: uma análise à luz das citações	Como está estruturada a produção científica que fornece o embasamento teórico para estudos sobre os mercados de agricultores e os sistemas agroalimentares locais e seus correlatos?	Analisar a estrutura intelectual da produção científica que fornece base para o estudo sobre os mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais, por meio da análise de citações.	Pesquisa teórica profunda na caracterização de imersão entre produtores e consumidores nos mercados locais nas cadeias de abastecimento de alimentos (Estudo 3)	Misto: Quantitativo na Análise Fatorial Exploratória e Qualitativo na análise das dimensões geradas	Revisão de literatura de artigos científicos, recuperados na base <i>Web of Science</i>	Revisão bibliográfica e Análise bibliométrica, por meio de análise de citações, com apoio da Análise Fatorial Exploratória (AFE)	Publicado em periódico <i>qualis</i> A3 intitulado “Estudos, Sociedade e Agricultura”, da UFRJ.
Estudo 3 - Cadeias curtas de abastecimento de alimentos: uma caracterização com base na literatura recente	Quais são as formas de caracterização de imersão que se manifestam nas interações entre produtores e consumidores nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos nos mercados locais?	Analisar o enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos.	Pesquisa empírica (Estudo 4)	Revisão Sistemática da literatura	Publicações disponibilizadas nas bases <i>Web of Science</i> e SCOPUS, utilizando-se de parâmetros de inclusão/exclusão resultando em 26 artigos selecionados	Revisão bibliográfica e análise de conteúdo dos artigos, utilizando o UCINET® de Borgatti, Everett e Freeman (2002) e Nuvem de Palavras	Ainda não foi submetido para publicação
Estudo 4 - Estudo da feira livre de Cascavel-PR: sob a ótica dos produtores e dos consumidores	Quais as possibilidades de verificação do potencial de inclusão socioprodutiva e comercial de agricultores familiares? Essa inclusão pode fortalecer as cadeias curtas de abastecimento de alimentos?	Analisar o mecanismo de funcionamento de uma feira livre como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioprodutiva e comercial de agricultores familiares em cadeias curtas de abastecimento de alimentos.	Futuras pesquisas empíricas poderão verificar mais formas de inclusão socioprodutiva da agricultura familiar e maneiras de fortalecimento das cadeias de abastecimento de alimentos. Assim como estudar todas as outras tipologias de cadeias curtas.	Método qualitativo	Aplicação de entrevistas <i>face-to-face</i> para 30 produtores e fotografia. Aplicação de questionários para 30 consumidores.	Aplicação empírica da escala de Likert e média aritmética com consumidores da feira e <i>Software</i> de análise de dados IRAMUTEQ, Análise de Similitude e Nuvem de Palavras com os produtores	Ainda não foi submetido para publicação

Fonte: Adaptado de Braum (2018)

## **ESTUDO 1 - AS DEFINIÇÕES CONSTITUTIVAS DA AGRICULTURA FAMILIAR E SEUS MERCADOS COMO PROPULSORA DE DESENVOLVIMENTO (RURAL)**

**RESUMO:** Este ensaio teórico apresenta uma reflexão teórica sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural. Quanto ao procedimento de coleta de dados deste ensaio teórico utilizou-se de revisão de literatura de artigos científicos, livros e publicações. Quanto aos procedimentos de análise de dados foi feita análise de conteúdo temática. Os estudos remetem a um consenso sobre o papel da agricultura familiar e das formas heterogêneas de sua inserção na dinâmica da economia capitalista. Mesmo que de forma disseminada, as abordagens tendem a concordar que, no Brasil e em outros lugares do mundo, o foco das ações do desenvolvimento rural deve ser o combate à pobreza e às muitas fragilidades das populações rurais. Os mercados locais ou de proximidade demonstram serem alternativas de que a agricultura familiar pode lançar mão e cada mercado é um *locus* específico, em geral um povoado rural ou um pequeno município, onde ocorrem as transações. Trata-se de mercados socialmente construídos e nos quais as trocas materiais estão imersas em relações sociais de reciprocidade e de interconhecimento. A valorização da agricultura familiar e o reconhecimento de seu potencial dinamizador das economias locais talvez seja o principal ponto de consenso. Esses pesquisadores sustentam o argumento de que a capacidade de inovação dos agricultores familiares e a sua interação com as instituições locais são fundamentais para que possam ampliar a geração e a agregação de valor, assim como reduzir custos de transação e estimular economias de escopo.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento (rural). Agricultura familiar. Mercados.

## **THE CONSTITUTIVE DEFINITIONS OF FAMILY FARMING AND ITS MARKETS AS A PROPULSOR OF DEVELOPMENT (RURAL)**

**ABSTRACT:** This theoretical essay to make a theoretical reflection on the main trends and discussions that involve the construction of the theme of rural development, family agriculture, and the markets in which the respective transactions occur, interpreting the markets as a principle of social ordering and social construction that are occurring in rural areas. For the data collection procedure of this theoretical essay, a literature review of scientific articles, books, and publications was used; as for the data analysis procedures, thematic content analysis was performed. The studies lead to a consensus on the role of family agriculture and the heterogeneous forms of their insertion in the dynamics of the capitalist economy. Even though in a widespread way, approaches tend to agree that in Brazil and elsewhere globally, rural development actions should focus on combating poverty and the many fragilities of rural populations. Local or local markets prove to be alternatives that family farming can take advantage of, and each market is a specific locus, usually a rural settlement or a small town where transactions take place. These are socially constructed markets and in which material exchanges are immersed in social relations of reciprocity and interknowledge. The appreciation of family farming and the recognition of its potential for boosting local economies may be the main point of consensus. They argue that the ability of family farmers to innovate

and interact with local institutions is critical if they are to increase value generation and aggregation, reduce transaction costs, and stimulate economies of scope.

**Keywords:** (Rural) Development. Family farming. Markets.

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e a explicação dos processos sociais correlatos estão sendo formulados e enfatizados por alguns elementos de mudanças políticas, sociais e econômicas que amparam a transformação por que passa o referido tema. Esses elementos de mudança representam importantes aparatos científicos para identificar as dimensões fundamentais do desenvolvimento, como a econômica, a social, a ambiental e as relações entre elas (FAVARETO, 2006).

A partir da década de 1990, essas questões ingressaram nas discussões sobre desenvolvimento, adentrando os espaços em que outrora se discutiam somente questões sobre crescimento econômico, sustentabilidade e justiça social (SCHNEIDER, 2010).

Neste ensaio teórico, o que se pretende é fazer uma reflexão teórica sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural.

Quanto ao procedimento de coleta de dados deste ensaio teórico utilizou-se de revisão de literatura de artigos científicos, livros e publicações. Quanto aos procedimentos de análise de dados foi feita análise de conteúdo temática.

Este trabalho estimula novos estudos sobre o desenvolvimento (rural) e sobre os mercados sob um ponto de vista da nova sociologia econômica e da teoria institucional, como espaços de interação social, econômica e cultural.

Para fazer essa reflexão, este ensaio teórico está dividido em três seções. Na primeira, são identificados os principais fatores responsáveis pela construção da discussão sobre desenvolvimento (rural) e seus correlatos. A segunda seção trata da agricultura familiar e de seus mercados na busca por desenvolvimento (rural). E, por último, apresentam-se as considerações finais, em que são indicados alguns desafios ao debate sobre o desenvolvimento rural, a agricultura familiar e seus mercados.

## 2 O DESENVOLVIMENTO (RURAL) E SUAS DIMENSÕES

Ao se tentar compreender os chamados processos de desenvolvimento – no sentido que essa expressão pretende tomar no decorrer desta discussão – diante do desafio é inevitável observar os gargalos existentes entre teorias sobre meio ambiente, estruturas sociais e instituições, aspectos geralmente trabalhados de maneira isolada por tradições disciplinares concorrentes, como a economia, a sociologia ou a geografia, por exemplo. Essas disciplinas, na verdade, deveriam ser complementares para a elaboração científica dos conceitos de “desenvolvimento” ou de “processos de desenvolvimento”, abarcando tudo o que lhes deve ser pertinente, assunto que será abordado neste ensaio teórico (WILKINSON, 2002).

Quanto à questão ambiental, destacam-se os estudos de Jared Diamond e de Ignacy Sachs. Na obra de Jared Diamond (2007), intitulada *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*, o intento é demonstrar os caminhos que, ao longo dos tempos, levaram muitas sociedades a esmorecer por problemas provenientes de crises ambientais ou, de forma inversa, como elas alcançaram soluções e alternativas que evitaram desastres.

Diamond (2007), em sua obra, focaliza um aspecto inegavelmente importante por conseguir evidenciar as determinações ambientais para o desenvolvimento das sociedades humanas sem cair nos aspectos negativos do biologismo. O autor enfatiza o entendimento de que não existe nada superior na constituição biológica de um grupo de indivíduos de uma sociedade em relação aos grupos das demais sociedades. Para isso, comprova, inclusive, que grupos de indivíduos oriundos da mesma constituição construíram sociedades totalmente diferentes e que as razões são determinantes históricas e ambientais.

Uma das principais críticas que se pode fazer ao pensamento de Diamond está no aspecto de que ele visualiza as sociedades humanas como grupos que evoluem em respostas a aspectos voltados ao meio ambiente, não vislumbrando qualquer mediação com os aspectos sociais que perpetuam a história. O autor aceita essa crítica e argumenta que, em muitas situações, a estrutura social agiu como facilitadora ou impedidora da propagação de inovações importantes para o destino das respectivas sociedades, mas ressalta que, na sua concepção e em última instância, a determinação ainda será ambiental (FAVARETO, 2006).

Segundo Sachs (1995), nos seus estudos em busca de novas estratégias de desenvolvimento, o conceito de desenvolvimento se apresenta com um teor pluridimensional que se evidencia por vários adjetivos que o escoltam, como econômico, social, político, cultural, durável, viável e, por fim, humano, entre outros. Segundo o autor, os esforços devem ser concentrados na seguinte proposta: o social no comando, o ambiental como restrição assumida e o econômico realocado em seu papel instrumental. Entre os agricultores familiares, são os de racionalidade não convencional que mais se aproximam da visão de Sachs (BASSO, 2013).

No âmbito social, é preciso considerar a abordagem das capacitações nos estudos de Amartya Sen, economista e filósofo que ficou conhecido mundialmente por sua assessoria a órgãos das Nações Unidas, num trabalho que resultou no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH e pela conquista do Prêmio Nobel de Economia em 1998. A ideia central da construção do quadro de análise de Sen (1992) é que a expansão das liberdades do ser humano é, ao mesmo tempo, o fim e o meio dos processos de desenvolvimento. Os fins e os meios do desenvolvimento solicitam que a prospectiva da liberdade seja posta no centro do palco. Sua abordagem se diferencia das abordagens tradicionais da igualdade, com relação à renda principalmente. E, em uma segunda aquisição da construção teórica de Amartya Sen, em sua teoria, o desenvolvimento pode ser “medido”, já que algumas das capacidades da humanidade podem ser mensuradas e comparadas.

Para Sen (1992), o desenvolvimento busca a extração das primordiais fontes de privação de liberdade: pobreza e opressão, ausência de oportunidades econômicas, degradação social sistemática, indiligência ou displicência dos serviços públicos e incomplacência, intransigência ou interferência excessiva de Estados repressores. Atualmente o mundo nega liberdades até mesmo à maioria das pessoas.

Outro aspecto na teoria de Sen (1992) se refere à mudança do desenvolvimento. Ao dar ênfase à expansão das liberdades, ele reconhece que existe um conflito na organização dessas liberdades. Por essa razão, portanto, algumas sociedades são pouco desenvolvidas porque nelas as liberdades são restritas e inversas, pois, onde ocorre uma expansão das liberdades, ali resulta o desenvolvimento. Nesse âmbito, as pessoas são vistas como envolvidas ativamente quando lhes é dada uma oportunidade nos seus destinos e não, simplesmente, como beneficiárias passivas do resultado de um programa de desenvolvimento, por exemplo.

O debate acerca das instituições, no âmbito econômico, tem seu início no chamado “velho institucionalismo”, maiormente com Veblen (1974) e em Commons (1959), cujos trabalhos apontavam a importância das instituições na regulação do mercado e no desenvolvimento econômico de uma nação.

Com o estudo de Ronald Coase (1937), intitulado *The Nature of the Firm*, e, a partir da década de 1970, com os trabalhos do precursor de Coase, Oliver Williamson (1975; 1985; 1996) e Douglass Cecil North (1991), iniciou-se um conjunto de ideias alternativo ao velho institucionalismo: a chamada Nova Economia Institucional - NEI, centrada na noção de custos de transação advindos da Teoria dos Custos de Transação - TCT. Trata-se de estudos também distintos da abordagem neoclássica, cuja unidade de análise objetiva a produção e os custos de produção. Assim, a NEI, além de trazer para o centro de análise as instituições, apresenta como unidade de análise as transações e os custos originados da TCT.

Na perspectiva de North (2006), a NEI oportunizou uma visão mais expandida do desempenho econômico ao agregar novos elementos de estudos, como custos de transação, incertezas, coordenação das ações dos agentes econômicos, assimetria informacional, racionalidade limitada, comportamento oportunista dos agentes, direitos de propriedade, especificidade dos ativos, entre outros enfoques válidos não considerados no velho institucionalismo.

Como elucidam Williamson (2008) e Zylbersztajn (2009), a NEI propõe duas vertentes analíticas complementares, direcionadas ao estudo das organizações: uma macroanalítica e uma microanalítica. A vertente macroanalítica da NEI é de natureza macrodesenvolvimentista, enfatizando a origem, a estruturação e mudanças das instituições ao longo do tempo. Nesse grupo, encontram-se os trabalhos de Douglas North, de Steven Cheung e de Barry Eichengreen, tendo como primordial foco a relação entre instituições e desenvolvimento econômico. Nesse primeiro nível de análise da NEI, centrado nas instituições econômicas, recebem especial ênfase os estudos de Douglas North (1990; 1991; 2006). O autor está centrado nas forças que dão formato às instituições e explicitam o aparecimento de normas e regras sociais fundamentais para o estudo das organizações.

A segunda vertente da NEI é a microanalítica. De natureza microinstitucional, é expressada pela economia das organizações, que foca a natureza explicativa dos diferentes arranjos institucionais (que podem ser mercados, Estados, hierarquias corporativas, redes, associações, comunidades) adotados pelas organizações. Essa

vertente está preocupada com a análise de estruturas de governança, levando em consideração as microinstituições, ou seja, aquelas que regulam transações específicas. Nesse grupo, estão as contribuições de Harold Demsetz, de Oliver Williamson (TCT, University of California-Berkeley), de Claude Ménard (Paris I-Sorbonne) e de Yoram Barzel (Teoria dos Custos de Mensuração - TCM, Washington University), cuja perspectiva é microanalítica (ZYLBERSZTAJN, 2009).

North usa uma metáfora para ilustrar as instituições como as regras do jogo, e as organizações, os jogadores, que representam os diversos times que disputam o campeonato da sociedade. Segundo a visão de Dequech (2001), as instituições podem também “jogar” por uma perspectiva construtiva, e não meramente restritiva, na interação dos indivíduos.

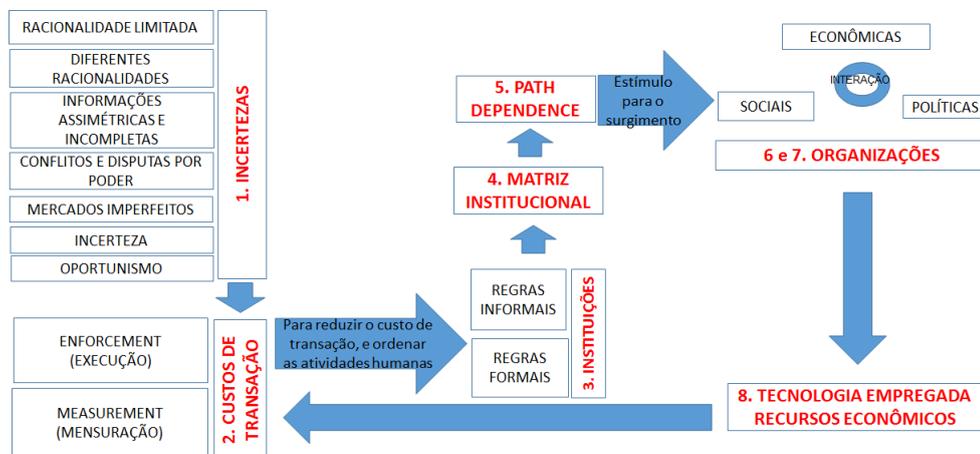
As organizações são os jogadores que geram a dinâmica do modelo a partir dos estímulos ofertados pela matriz institucional. Para North, as organizações são os principais agentes de uma sociedade e, dentro dessa categoria, são encontrados os mais diversos atores: “*political bodies (political parties, the Senate, a city council, a regulatory agency), economic bodies (firms, trade unions, family farms, cooperatives), social bodies (churches, clubs, athletic associations), and educational bodies (schools, universities, vocational training centers)*” (NORTH, 1990, p. 5).

Segundo North (1991), as instituições (as regras do jogo) são, em seu fundamento, pontos de vista humanos que estruturam as relações políticas, econômicas e sociais, e a sua interação com as organizações aperfeiçoa a evolução institucional de uma economia. North (2006) caracteriza as instituições como sistemas de normas formais (Constituição, leis, regulamentações), restrições informais (normas de conduta, costumes, convenções, tradições, tabus) e sistemas de controle ou mecanismos de *enforcement*, que regulam a interação humana na sociedade (NORTH, 1990).

Gala (2003) aponta que os custos de *enforcement*, por sua vez, referem-se à incerteza que os agentes têm sobre a propriedade do bem a ser trocado. North procura mostrar a dificuldade enfrentada pelos agentes econômicos em decorrência da existência de incerteza. A partir daí, introduz o conceito de instituições, que será a base de todo o seu modelo. Estas, ao reduzirem os custos de transação, atenuando o problema da incerteza, facilitarão a coordenação econômica e social (NORTH, 1990). Então, para reduzir a incerteza e para superar os custos de transação, surgem as instituições.

A Figura 1 demonstra a dinâmica da matriz institucional. Ao resguardar as instituições (formais e informais) de uma sociedade num ponto particular no tempo, a matriz institucional é responsável pela interação dos diversos agentes sociais, principalmente os que têm envolvimento com atividades econômicas. Para North, a dinâmica da matriz institucional promove a evolução social e as suas consequências de desempenho nos campos econômico e político. Essa matriz institucional intenta dar operacionalidade à teoria (NORTH, 1990).

**Figura 1:** A matriz institucional do desempenho econômico para North



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A Figura 1 explicita que o ambiente econômico, político e social dos agentes é contaminado por incertezas decorrentes da racionalidade limitada dos indivíduos, das diferentes racionalidades concorrentes, da assimetria e incompletude das informações, dos conflitos e das disputas de poder, dos mercados imperfeitos e das atitudes oportunistas. Tudo isso concorre para o aumento dos custos de transação, como indicado nos estudos da TCT de Williamson. Esses custos de transação podem ser classificados em: problemas de *measurement* (mensuração – proveniente dos estudos de Barzel) e *enforcement* (execução – a aplicação das regras do jogo de North, por exemplo). No intento de reduzir os custos de transação e de concatenar as atividades humanas, as sociedades desenvolvem as instituições. Estas são um compilado de regras formais (leis, normas, constituições) e informais (crenças, costumes, cultura, hábitos, convenções e códigos de comportamento) e sua aplicação ou execução (*enforcement*) na estruturação das interações sociais.

A partir dessa matriz, os principais agentes de mudança no modelo de North são as organizações. Ao operarem, as organizações afetam variáveis políticas, econômicas e sociais. Essas variáveis sofrem uma interação entre si. Dados a recursos econômicos juntamente com a tecnologia empregada, esses fatores definem os custos de transação e, então, são responsáveis pela evolução institucional e pelo desempenho econômico das sociedades ao longo do tempo (NORTH, 1990; 1994).

Segundo Rostow (1974), o desenvolvimento econômico passava por cinco etapas: i) a sociedade tradicional, ii) as condições para o arranco, iii) o arranco, iv) a marcha para a maturidade e v) a era do consumo em massa. Vários pensadores são críticos desse entendimento. Um desses autores é Furtado (1974), com sua obra *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, em que trata do desenvolvimento econômico como um mito, justificando que esse desenvolvimento progressivo não se sustenta por dois fatores: i) por problemas ambientais atrelados à questão dos recursos que não são renováveis e ii) em decorrência das desigualdades sociais.

Thomas (2000) atribui ao desenvolvimento três sentidos: uma percepção do Estado sobre o que seria uma sociedade desejável, um processo histórico de mudança social em que as sociedades são modificadas ao longo do tempo e um esforço dos atores envolvidos no processo no sentido de promover melhorias, ou seja, o desenvolvimento como prática. Nessa perspectiva, narra como isso se manifesta nos processos de desenvolvimento rural, por exemplo.

O desenvolvimento rural foi aproximado ao conjunto de ações do Estado e dos organismos internacionais designadas a intervenções nas regiões rurais pobres que não se integraram ao processo de modernização agrícola em decorrência da aplicação de fatores de produção considerados retrógrados (NAVARRO, 2001). O desenvolvimento rural possui outros correlatos, como: desenvolvimento agrário, desenvolvimento agrícola e desenvolvimento rural sustentável.

Schneider (2007) defende que o desenvolvimento rural ficou atrelado à agenda das ações de intervenção do Estado ou das agências de desenvolvimento, afastando muitos pesquisadores e estudiosos desse tema, por considerá-lo muito político e normativo. Isso fez com que os estudos rurais brasileiros, principalmente os acadêmicos, deixassem de lado o tema do desenvolvimento rural, que então passa a ser identificado como políticas de intervenção no meio rural, principalmente em regiões pobres. Somente a partir da década de 1990, uma mudança de enfoque e de

entendimento sobre o desenvolvimento rural ganhou espaço no Brasil, revitalizando o tema e originando novas abordagens (SCHNEIDER, 2007).

Favareto (2006) salienta que o processo pelo qual passa o rural, que estava condenado ao desaparecimento, integra-se completamente à dinâmica mais generalizada dos processos de desenvolvimento, por meio tanto da unificação de distintos mercados como também por meio de criação de instituições que regulamentam as formas de uso social desses espaços, reafirmando parte da teoria de North.

Três são as dimensões fundamentais e embasadoras da ruralidade segundo Abramovay *et al.* (2003): a proximidade com a natureza, a ligação com as cidades e as relações interpessoais provenientes da baixa densidade da população e do seu tamanho reduzido. No que se refere à proximidade com a natureza, com os recursos naturais, esse âmbito é agora objeto de busca de novas formas de utilidade social, destacando a preservação da biodiversidade, o aproveitamento do potencial paisagista e a busca por fontes renováveis de energia, por exemplo (ABRAMOVAY *et al.*, 2003).

Para Long (1996), outro aspecto importante a se considerar no desenvolvimento rural relaciona-se ao conhecimento, envolvendo ciência e tecnologia. Muitos são os argumentos sobre a natureza e o impacto do crescimento desenfreado das tecnologias de informação, com complexos sistemas de informação e meios de comunicação, bem como tecnologia de produção e formas computadorizadas de raciocínio. Esse domínio abrange a geração, a disseminação e a utilização de metamorfoses do conhecimento. Então ocorrem metamorfoses por junção entre os modos nomeados especialistas e do conhecimento local, por choques e ligações entre discrepâncias epistemológicas e quadros culturais, bem como por transformação do conhecimento e da tecnologia na interface entre as instituições do desenvolvimento.

Cada vez mais fica explicitada a transformação do cenário econômico, social e cultural, apesar de que a linguagem do desenvolvimento tendência a se adaptar e a se reconstruir em nível local como os “mercados de proximidade”, por exemplo, oriundos da agricultura familiar, assunto de que se trata no item a seguir.

### **3 A AGRICULTURA FAMILIAR E SEUS MERCADOS NA BUSCA POR DESENVOLVIMENTO (RURAL)**

Abramovay (1992) foi um dos primeiros autores no Brasil, seguido por Veiga e Lamarche, a distinguir o campesinato (sociedade dos camponeses) da agricultura familiar. No caso, “agricultura familiar” é um termo ainda em construção. Correlatos tradicionais de agricultura familiar são termos como “camponês”, usado por Mendras (1976), por Kaustky (1986) e por Graziano da Silva (1999) ou como “campesino”, bastante usado por Chayanov (2017), ou “campesinato” e “camponeses”, usados por Garcia Júnior (1989) e por Van Der Ploeg (2008).

Segundo Abramovay (1992), a agricultura familiar é oriunda do campesinato, porém, ela representa uma forma de organização do trabalho e da produção bastante distinta, em decorrência da sua crescente integração aos mercados. A agricultura familiar tem as suas origens históricas no campesinato. No entanto, trata-se de uma superação das formas camponesas, é um outro modo de vida.

Abramovay (2012) sinaliza a atenção para as diferenças entre campesinato e agricultura familiar. A agricultura familiar, ao se integralizar ao mercado econômico, perde a sua característica camponesa, pois o camponês se agrega parcialmente aos mercados incompletos. Sendo assim, uma definição precisa faz-se necessária para o entendimento da contradição de um sistema econômico que, ao mesmo tempo em que devasta a produção camponesa, eleva a agricultura familiar como a primordial base social de desenvolvimento.

No Brasil, o debate sobre a agricultura familiar passou a ganhar força a partir do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com a abertura comercial e econômica dos mercados no governo Collor (1990-1992). Nessa época, a expressão “agricultura familiar” emergiu como temática importante concomitantemente nas esferas políticas e acadêmicas (PLEIN, 2003).

A agricultura familiar é aquela em que a administração, a propriedade e o maior percentual do trabalho são oriundos de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou parentesco. Existem polêmicas sobre essa definição e pouca operacionalidade teórica por causa dos setores sociais e das suas representações que sustentam categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas. O importante é que a definição contenha os três atributos clássicos (administração,

propriedade e trabalho familiares) sempre presentes nas unidades da agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1997).

Abramovay *et al.* (2003) explicitam que a agricultura familiar, outrora denominada também com mais outros termos correlatos – além dos acima apresentados –, como “pequena produção”, “agricultura de baixa renda” ou “agricultura de subsistência”, não foi eliminada com o processo do desenvolvimento do capitalismo. Pelo contrário, passou a ser responsável por grande parte da produção agropecuária nacional. As suas unidades produtivas são constituídas com capacidade de incorporação de mudanças tecnológicas significativas, de participação em mercados dinâmicos e de operação com crédito de forma responsável (ABRAMOVAY *et al.*, 2003).

Em decorrência disso, neste ensaio teórico, faz-se necessário o estudo dos mercados em que a agricultura familiar está inserida e das contribuições dos autores da sociologia econômica e da teoria institucional para que haja uma compreensão dessas estruturas como constructos sociais, moldados por um conjunto de instituições que interferem nas relações entre os indivíduos.

Polanyi (2012) defende que o mercado não é somente oferta-demanda-preço e que as motivações humanas não se resumem simplesmente a atitudes materiais, mas podem ter outros propósitos, como políticos, religiosos e estéticos. Os seres humanos trabalham por uma variedade grande de razões. Segundo esse autor, as pessoas têm personalidades formadas a partir da experiência e da educação, e a sociedade tem uma história. Isso explicita que compreender os mercados significa analisar as instituições que modelam os comportamentos dos indivíduos nas transações, fomentando ou inibindo. Polanyi (2012) reafirma a ideia de *embeddedness*, defendendo que a economia está enraizada na sociedade e que, nas relações dos processos econômicos, é necessário dar importância aos aspectos políticos e culturais.

Granovetter (2007) reconstrói a noção do conceito de “*embeddedness*” em diálogo com Polanyi e Adam Smith, que capta a mediação do econômico pelo social, para a noção de construção social, em que o tipo de rede social (cada rede tem uma natureza e os atores se vinculam a ela por compartilharem seus significados e valores) é buscado na forma de funcionamento dos mercados. Os mercados são visualizados como extravasamento de redes sociais. A perspectiva de redes sociais de Granovetter

é muito eficaz na explicação da resistência de mercados de proximidade, mesmo não regulados (WILKINSON, 2002).

Em se tratando de uma construção social, Wilkinson (2002) acrescenta a essa tipologia de redes uma suposição forte sobre a influência da posição do ator, que é, neste estudo, o agricultor familiar, por exemplo, em determinadas redes. O conceito da “força de laços fracos” de Granovetter (1982) aponta para a posição estratégica de um ator que, não sendo absorvido numa única rede, transita por várias redes com características distintas. Um exemplo empírico disso ocorre a partir das redes sociais em que esses agricultores familiares conseguem construir, com outros atores, canais que servem para realizar a divulgação e comercialização dos seus produtos a distâncias mais longas. O autor aponta, inclusive, para a importância de outras redes sociais que podem dar suporte aos atores locais.

Long (1996), nos seus estudos sobre o global e o local, apontando novos rumos para a investigação rural, considera que é necessária a criação de uma perspectiva centrada no ator social. Segundo Long (2007), a vantagem da pesquisa que tem o enfoque centrado no ator é que ela demonstra a possibilidade de percepção de diferentes resultados em processos aparentemente homogêneos. Considera que os diferentes atores sociais são participantes ativos, com capacidade de criar estratégias a partir de suas interações sociais e institucionais. Assim, é possível o entendimento dos processos de construção dos projetos sociais de desenvolvimento e de como os diferentes atores agem nessa construção.

As redes de relações sociais se inserem irregularmente e em diferentes graus nos vários setores da economia, facilitando, dessa forma, os fenômenos de que já se tem conhecimento, como a desconfiança, o oportunismo (apregoados na teoria institucional de North) e a desordem (GRANOVETTER, 2007).

Raud-Mattedi (2005), em seus estudos, entende que, para o sociólogo Max Weber, assim como para o também sociólogo Émile Durkheim, o ator econômico não se comporta como um dispositivo, que reage aos estímulos do mercado, mas de acordo com elementos subjetivos, que não são individuais, mas, sim, sociais, isto é, enraizados no longo prazo e disseminados pelas instituições. Tanto nos estudos de Weber como nos de Durkheim, encontra-se uma análise sociológica do mercado que insiste na dimensão socializadora da relação mercantil.

Emerge no meio rural também uma nova conformação econômica e demográfica que não se pode deixar de citar. Essa nova conformação se caracteriza

fundamentalmente pela gradativa diminuição da lacuna existente entre o rural e o urbano, principalmente no que se refere ao mercado de trabalho, devido ao crescimento da população rural ocupada em atividades não agrícolas. O rural deixa de ser “sinônimo de atraso” e se desvincula da agricultura, que passa a ser uma de suas atividades (GRAZIANO DA SILVA, 2001). Esse novo rural seriam as famílias pluriativas, que são aquelas que combinam atividades agrícolas e não-agrícolas, viabilizando a integração entre os setores (agricultura com comércio e serviços) e entre os espaços (rural com urbano).

Wilkinson (2008) também destaca a importância dos estudos sobre os mercados de trabalho não agrícolas e a pluriatividade no debate recente. As atividades agrícolas pluriativas, entendidas como uma estratégia da família para diversificar suas atividades, assim incluindo atividades não agrícolas fora do estabelecimento, e a assegurar a reprodução deste e sua permanência no meio rural (WILKINSON, 2008).

Segundo Graziano da Silva (1999), a deterioração das diferenças entre o rural e o urbano leva ao aparecimento de uma série de acontecimentos sequenciais e ininterruptos entre ambos. Esse estado de novos acontecimentos pode ser captado pela expressão *rurbanização*, de autoria de Gilberto Freyre (1982), que descreve a etapa atual do processo de mudança espacial e demográfica no contexto do desenvolvimento rural.

Entretanto, segundo Wanderley (2009), o debate mais interessante estaria nas condições e possibilidades pelos assim chamados mercados alternativos, principalmente nos nichos e nos mercados de proximidades propiciados por novos produtos, geralmente com maior valor agregado. Outra novidade que se revela são os chamados produtos tradicionais, que conquistam espaços em face da demanda por produtos artesanais (*slow food*) ou pelas características éticas (*fair trade*) ou mesmo concatenados com a sustentabilidade (orgânicos, agroecológicos) (WILKINSON, 2008).

O *embeddedness* da economia em redes sociais, no entendimento de Wilkinson (2002), conecta-se diretamente com questões de confiança, diminuindo o oportunismo dentro da rede, e também oferece elementos importantes para compreender a força de mercados de proximidade, mesmo não regulados, bem como as condições de expansão e difusão. Esse aspecto se remete a recordar o que apregoa a Teoria da Força dos Laços Fracos, de Granovetter (1982). A sociologia econômica demonstra que os problemas ocasionados pelo oportunismo, tão caros à

tradição de Williamson e à Teoria dos Custos de Transação, são mais bem interpretados sob o prisma de redes sociais do que do individualismo metodológico.

Os mercados são comparados como redes de relações entre os indivíduos moderados por instituições, sendo, no caso, as da teoria de North, também apontadas como construções sociais. Assim, na concepção de Granovetter, a rede social não se posiciona como uma precaução de externalidades positivas frente ao oportunismo intrínseco ao comportamento individual. Nesta mesma linha de pensamento, indica-se a preocupação com a relação entre redes sociais e o aparecimento de diferentes tipos de mercados. O aspecto inovador da sociologia econômica, para Wilkinson (2002), é a intenção de explicar o funcionamento dos mercados a partir de um comportamento de redes sociais. O mercado, sendo uma construção social, então não pode ser interpretado pelas motivações individuais dos agentes, dos atores, ou seja, neste estudo, pelas motivações individuais dos agricultores familiares (WILKINSON, 2002).

Ainda segundo Wilkinson (2002), a persistência e a resistência da pequena agroindústria, a título de exemplo, são devidas ao seu *embeddedness* (enraizamento da economia capaz de diminuir custos de transação propostos nos estudos de Williamson), enquanto a sua adequação à mutação dos mercados e aos novos métodos de regulação exigem empenho de construção social de mercados.

A respeito dessa discussão, Wilkinson (2003) aponta quatro principais formas tradicionais de acesso aos mercados: acesso direto no mercado local e informal, intermediação via atravessador, integração com a agroindústria e compras por parte do poder público. Este ensaio teórico tem o foco na primeira forma: mercados locais ou de proximidade.

Os mercados de proximidade são mercados em que prevalecem as relações de troca entre pessoas que se mobilizam via relações de parentesco, interconhecimento e mutualidade. Nessa especificidade, segundo Schneider (2016), o agricultor familiar comercializa seus produtos nos processos de venda direta, geralmente em dado local, num mercado *spot*, numa relação de troca entre indivíduos e solidária, em um formato de regulação amparado principalmente na confiança e na amizade pelos seguintes canais de comercialização: na propriedade no sistema colhe-pague, no domicílio, na beira de estradas, entrega direta, feiras locais e grupos de consumo. No estudo de Basso (2013), encontra-se a tipologia das racionalidades. Esses agricultores familiares se enquadram na racionalidade não convencional, vale

lembrar que também, em parte, caracterizam-se com racionalidade em transição que fazem uso desses mercados.

Segundo Escobar (2007), o que se procura é a investigação das representações e das alternativas que poderão subsistir em cenários locais concretos, num contexto característico da nova era do “capital ecológico” e das buscas por biodiversidade mundial. Tais buscas – entre o capital global e os intentos da biotecnologia, de um lado, e, de outro, as comunidades – constituem o estado mais aprimorado na conciliação dos significados do desenvolvimento.

Darolt (2013) enfatiza que os mercados locais e a comercialização em circuitos curtos – também chamados de cadeias curtas ou redes curtas associadas à agroecologia, por exemplo – podem ser a chave para interligar produtores e consumidores de alimentos ecológicos sem a presença de atravessadores e uma maneira de incentivar o desenvolvimento dos mercados locais. Os circuitos curtos de comercialização são iniciativas que impulsionam a retomada do contato entre produtores e consumidores.

Mundler (2008) argumenta que a fusão entre agricultura ecológica e circuitos curtos tem impactos positivos em várias dimensões, como: i) na economia local, originando oportunidades de trabalho e de renda; ii) na dimensão social, com a aproximação entre produtores e consumidores; e iii) na dimensão ambiental, com o reconhecimento da importância da paisagem e dos recursos naturais.

A congruência do desenvolvimento em circuitos curtos se reproduz na organização das propriedades rurais. Nesse âmbito, as práticas agrícolas manuseadas, os volumes de produção e as variedades de produtos, mais a organização do trabalho, devem conciliar-se para atender às demandas dos consumidores (MUNDLER, 2008). Assim, geralmente são os agricultores que se moldam aos circuitos de comercialização, e não o contrário. Para atender à demanda dos consumidores em diversidade, quantidade, regularidade e qualidade, novas formas de comercialização têm sido implementadas, como os circuitos em redes (MUNDLER, 2008).

Darolt (2013) salienta que o mercado institucional atende ao que se pode classificar como consumidor coletivo dentro de um circuito curto de comercialização, chamado também como venda direta pelo governo brasileiro. Assim, por meio de programas de governo, os alimentos de base ecológica são comprados diretamente dos agricultores familiares ou das associações e cooperativas de produtores e vêm

até a população via entidades de assistência social do governo e escolas públicas. Esses programas são inseridos nas políticas públicas orientadas para garantir a segurança alimentar e nutricional da população do entorno. Nos últimos anos, no Brasil, dois programas se destacaram na compra de produtos de base ecológica: o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE.

Os circuitos curtos requerem proximidade geográfica, participação ativa do consumidor e, quando se faz necessário, apenas um intermediário conhecedor do processo. Chaffotte e Chiffolleau (2007) reforçam que os circuitos curtos permitem uma condição mais bem remunerada ao produtor, preços mais acessíveis ao consumidor, melhor aproveitamento da produção local, geração de empregos e dinamização da economia local.

Os circuitos longos ainda retêm a maior parte dos agricultores familiares, os mercados alternativos atualmente comportam apenas uma pequena porcentagem de agricultores familiares locais, estando a maioria nos mercados convencionais (DIAO; HAZELL; THURLOW, 2010).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este ensaio teve por objetivo fazer uma reflexão teórica sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados em que transcorrem as transações. Essa reflexão foi baseada nas contribuições dos autores da sociologia econômica e da teoria institucional que consideram os mercados como constructos sociais, moldados por um conjunto de instituições que interferem nas relações entre os indivíduos no espaço, no caso, no espaço rural.

Diante da análise do contexto social, político e econômico em que emergiu o debate sobre o desenvolvimento rural entre estudiosos e pesquisadores, os autores institucionalistas sugeriram que as unidades de análise deveriam ser as transações. A opção então foi eleger os mercados como uma unidade representativa dessas transações.

Os mercados são considerados estruturas socialmente construídas e moldadas por um sistema de instituições que estão em constante construção e, com

isso, abandona-se a ideia neoclássica de que o mercado é um ser soberano e abstrato que tem vontades próprias movimentadas somente pelo aspecto econômico.

Este trabalho aponta que vem aparecendo, de forma recorrente em estudos sobre mercados, que, em última análise, todos os mercados são socialmente construídos e estão imersos (*embedded*) em relações sociais e econômicas.

O grupo das regras formais e informais pode ser achado na matriz institucional das sociedades e a dinâmica dessa matriz será o *path dependence*. North lança mão do seu conceito de *path dependence* para explicar como a fonte da mudança incremental é a aprendizagem. A ideia central é a de que a dependência de caminho vem de mecanismos de retornos crescentes que reforçam a direção uma vez adotada, daí as resistências à mudança institucional (NORTH, 1990; 1981).

Os mercados locais ou de proximidade demonstram serem alternativas de que a agricultura familiar pode lançar mão e cada mercado é um *locus* específico, em geral um povoado rural ou um pequeno município, onde ocorrem as transações (DAROLT, 2013). Trata-se de mercados socialmente construídos e nos quais as trocas materiais estão imersas em relações sociais de reciprocidade e de interconhecimento. A valorização da agricultura familiar e o reconhecimento de seu potencial dinamizador das economias locais talvez seja o principal ponto de consenso. Esses pesquisadores sustentam o argumento de que a capacidade de inovação dos agricultores familiares e a sua interação com as instituições locais são fundamentais para que possam ampliar a geração e a agregação de valor, assim como reduzir custos de transação e estimular economias de escopo. Há de se considerar que a presença, a relevância e o papel do tema poderão propiciar mais pesquisas. Dessa forma, este artigo abre possibilidades para pesquisas futuras e aponta a necessidade de estudos mais aprofundados que fornecem uma base sobre os mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Editora da Unicamp; Hucitec, 1992.

ABRAMOVAY, R. De volta para o futuro: mudanças recentes na agricultura familiar. **Seminário Nacional do Programa de Pesquisa em Agricultura Familiar da EMBRAPA**, v. 1, p. 17-27, 1997.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Edusp, 2012.

ABRAMOVAY, R. *et al.* Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar. **Agricultura em São Paulo**, v. 50, n. 1, p. 11-24, 2003.

BASSO, D. **Racionalidades modernas e identidades socioprofissionais de agricultores familiares**. 2013. 238 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2013.

CHAFFOTTE, L.; CHIFFOLEAU, Y. Circuits courts et vente directe: définition, typologie et évaluation. **Cahiers de l'Observatoire CROC**, n. 1 et 2, février/mars, 2007.

CHAYANOV, A. **A teoria das cooperativas camponesas**. Revisão e tradução de Regina Vargas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

COASE, R. H. The nature of the firm. **Economica**, London, New Series, v. 4, n. 16, p. 386-405, nov. 1937.

COMMONS, J. R. **Institutional economics, its place in political economy**. Madison: University of Wisconsin Press, 1959.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. *In*: NEIDERLE, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. (Orgs.). **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. p. 139-170.

DEQUECH, D. Bounded rationality, institutions, and uncertainty. **Journal of economic issues**, v. 35, n. 4, p. 911-929, 2001.

DIAMOND, J. **Colapso**: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. 5. ed. São Paulo: Record, 2007.

DIAO, X.; HAZELL, P.; THURLOW, J. The role of agriculture in African development. **World development**, v. 38, n. 10, p. 1375-1383, 2010.

ESCOBAR, A. **La invención del Tercer Mundo**: construcción y deconstrucción del desarrollo. Traducción de Diana Ochoa. 1ra. edición. Caracas: Fundación Editorial el Perro y la Rana, 2007.

FAVARETO, A. S. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial**. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FREYRE, G. **Rurbanização**: que é? Recife: Massangana, 1982.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GALA, P. "A teoria institucional de Douglass North". **Revista de Economia Política**, v. 23, n. 2 (90), p. 89-105, 2003.

GARCIA JÚNIOR, A. **O sul: caminho do roçado (estratégias de reprodução camponesa e transformação social)**. São Paulo: Marco Zero; Unb, 1989.

GRANOVETTER, M. The streng of weak ties. A network theory revisited in Marsden, Peter V. y Nan, Lin (Eds.). **Social atructure and network analysis**. London: Sage, 1982. p. 105-130.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. Fórum – Sociologia Econômica. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, 2007.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Editora da UNICAMP/Instituto de Economia, 1999.

GRAZIANO DA SILVA, J. Quem precisa de uma estratégia de desenvolvimento. **Textos para Discussão Nead**, Campinas, v. 2, p. 5-52, 2001.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. Tradução de Otto Erich Walter Maas. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

LONG, N. Globalizacion y localizacion: nuevos retos para la investigación rural. *In: La Sociedad Rural Mexicana Fuente al Nuevo Milenio*, vl. 1: L'Inserción de la Agrícola Mexicana en la Economía Muncial / S.M.L Flores, M. Chauvet, p. 35-74 – Mexico, 1996.

LONG, N. **Sociología del desarrollo: una perspectiva centrada en el actor**. México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social: El Colegio de San Luis, 2007.

MENDRAS, H. **Societés paysannes**. Paris: Armand Colin, 1976.

MUNDLER, P. (Org.). Petites exploitations diversifiées en circuits courts. **Soutenabilité Sociale et Économique**. Lyon: ISAARA, 2008.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Revista Estudos Avançados**, v. 16, n. 44, p. 83-100, 2001.

NORTH, D. **Structure and change in economic history**. Norton, 1981.

NORTH, D. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press: 1990.

NORTH, D. Institutions. **Journal of Economic Perspective**, Pittsburgh, v. 5, n. 1, p. 97-112, Winter 1991.

NORTH, D. Institutional change: a framework of analysis. **Social Rules**, p. 189-201, 1994.

NORTH, D. **Custos de transação, instituições e desempenho econômico**. Rio de Janeiro: Editora do Instituto Liberal, 2006.

PLEIN, C. **As metamorfoses da agricultura familiar**: o caso do município de Iporã d'Oeste, Santa Catarina. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

POLANYI, K. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RAUD-MATTEDI, C. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, 2005.

ROSTOW, W. W. **Etapas do desenvolvimento econômico**: um manifesto não-comunista. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SACHS, J. D. **O fim da pobreza**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHNEIDER, S. Tendências e temas dos estudos sobre desenvolvimento rural no Brasil. *In*: **Congresso Europeu de Sociologia Rural**. Wageningen, Holanda, 20-24 ago. 2007.

SCHNEIDER, S. A presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe. **Redes**, Santa Cruz Sul, v. 21, n. 3, p. 11-33, set./dez. 2016.

SEN, A. **Repenser l'inegalité**. Paris: Seuil, 1992.

THOMAS, A. Development as practice in a liberal capitalist world. **Journal of International Development**, n. 12, p. 773-787, 2000.

VAN DER PLOEG, J. D. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2008.

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa** – um estudo econômico das instituições. Tradução de Olívia Krähenbühl. São Paulo: Ática, 1974.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo real como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WILKINSON, J. Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-824, 2002.

WILKINSON, J. A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina. **Estudos sociedade e agricultura**, 2003.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores**: o novo mundo da agricultura familiar. UFRGS, 2008.

WILLIAMSON, O. E. **Markets and hierarchies**: analysis and antitrust implications. New York: Free Press, 1975.

WILLIAMSON, O. E. **The economic institutions of capitalism**: firms, markets, relational contracting. New York: Free Press, 1985.

WILLIAMSON, O. E. **The mechanisms of governance**. New York: Oxford University Press, 1996.

WILLIAMSON, O. E. Transaction cost economics and organization theory. **HBS Conference on Organization Design**. December 5-6, 2008.

ZYLBERSZTAJN, D. Papel dos contratos na coordenação agro-industrial: um olhar além dos mercados. *In*: SOUZA, J. P.; PRADO, I. N. (Orgs.). **Cadeias produtivas**: estudos sobre competitividade e coordenação. 2. ed. Maringá: Editora da UEM, 2009.

## **ESTUDO 2 - ESTRUTURA INTELECTUAL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE MERCADOS DE AGRICULTORES E SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS: UMA ANÁLISE POR MEIO DAS COCITAÇÕES**

**RESUMO:** Este estudo objetiva apresentar, por meio da análise de cocitações, a estrutura da produção científica que fornece base para estudos sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais. O método utilizado foi exploratório e os dados para as análises foram constituídos de artigos científicos, recuperados na base *Web of Science*. Os resultados revelaram que os estudos sobre este tema iniciaram-se na década de 1944, mas só a partir de 2000 ocorreu aumento significativo nas pesquisas. A Análise Fatorial Exploratória – AFE revela que a estrutura da produção científica sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais é explicada em 72,24%, por 84 artigos, os quais se agruparam em cinco dimensões: as definições constitutivas das economias locais alimentares alternativas; as características dos sistemas alimentares locais; a diversidade das redes alimentícias alternativas; a busca por práticas inovadoras e melhorias de gestão nas redes agroalimentares locais alternativas; *locus* da dinâmica de redes alternativas agroalimentares onde a relação consumidor/produtor é priorizada. Este estudo reforça a necessidade de continuidade de investigações, visando a busca de um entendimento sobre o importante papel dos mercados de agricultores e dos sistemas agroalimentares locais na sociedade. Futuras pesquisas poderiam explorar as formas e as possibilidades de aproximação entre produtor e consumidor na cadeia de circuitos curtos de abastecimento de alimentos nos mercados de agricultores.

**Palavras-chave:** Mercados de Agricultores. Sistemas Agroalimentares Locais. Análise de cocitações.

## **INTELLECTUAL STRUCTURE OF SCIENTIFIC PRODUCTION ON FARMERS' MARKETS AND LOCAL AGRI-FOOD SYSTEMS: AN ANALYSIS THROUGH CO-CITATIONS**

**ABSTRACT:** This paper presents, through co-citation analysis, the structure of scientific production that provides the basis for studies on farmers' markets and local agri-food systems. The method used was exploratory, and the data for the analysis consisted of scientific articles retrieved from the Web of Science database. The results revealed that studies on this topic began in 1944, although only from 2000 there was a significant increase in research. The Exploratory Factor Analysis - EFA - reveals that the structure of scientific production on farmers' markets and local agri-food systems is addressed in 72.24% by 84 articles. The result of EFA was grouped into five dimensions: the fundamental definitions of alternative local food economies, the characteristics of local food systems, the diversity of alternative food networks, the search for innovative practices and management improvements in alternative local agri-food networks, and the *locus* of the dynamics of alternative agri-food networks where the consumer-producer relationship is prioritized. This study reinforces the need for further research to seek an understanding of the vital role of farmers' markets and local agri-food systems in society. Future research is recommended to explore the ways and possibilities for producer-consumer rapprochement in the short-circuit food supply chain in farmers' markets.

**Keywords:** Farmers' Market. Local Agri-food Systems. Co-citation analysis.

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse do consumidor em alimentos alternativos tem sido vislumbrado por um crescimento nas vendas de alimentos de sistemas 'alternativos' de abastecimento alimentar que se mostram diferentes das cadeias convencionais (particularmente lojas de supermercados). Esses sistemas alternativos incluem os chamados mercados de agricultores (Farmer Markets - FM), lojas de fazenda, agricultura apoiada pela comunidade (CSA) e entregas à domicílio (FESTING, 1997; CONE; MYHRE, 2000; HOLLOWAY; KNEAFSEY, 2000; MORRIS; BULLER, 2003; RENTING *et al.*, 2003). Autores têm se referido a distinções estabelecidas entre os sistemas convencionais e 'alternativos' agroalimentares (ILBERY; KNEAFSEY, 1998; MURDOCH; MARSDEN; BANKS, 2000; HINRICHS, 2003, SCHNEIDER *et al.*, 2020).

No crescente da literatura sobre redes de alimentos alternativos (ILBERY; KNEAFSEY, 1998; GOODMAN; DU PUIS, 2002; ALLEN *et al.*, 2003; GOODMAN, 2003), essas relações mútuas conceituais ainda precisam ser exploradas na sua totalidade e criticamente analisadas. Muitos escritores têm questionado os pressupostos sobre a valorização espacial, a alimentação local, a qualidade e a sustentabilidade (GOODMAN, 2003). É interessante ressaltar que ser local não é um pré-requisito por si só para gerar os tipos de estruturas inovadoras (HOLLOWAY; KNEAFSEY, 2000).

Marsden e Smith (2005) reconhecem os problemas de excesso de dicotomização ou desvinculação de processos globais dos locais. É importante considerar o local neste contexto, como uma forma de contingência social; que é um espaço para reorganizar possibilidades que tentam combater as forças dominantes na paisagem agrária. O local, por conseguinte, torna-se potencialmente um espaço social (um lugar para compartilhar alguma forma de desconexão) para a reestruturação de recursos e de valor; um lugar para a evolução de novos cenários de *commodities* e redes.

Economias locais possuem sua própria marca de vantagens comparativas por meio da construção de redes, o capital-conhecimento humano, local, habilidades, criatividade, motivação e compromisso com a comunidade. E tendo uma visão partilhada do presente e do futuro, podem ser aproveitadas para construir mutuamente

relações benéficas entre fornecedores, produtores e consumidores. Um senso de propriedade compartilhada dos recursos da comunidade e da responsabilidade pela sua viabilidade e preservação pode inspirar confiança e compromisso em reduzir os custos de transação, facilitando o processo de interação econômica (EKINS, 1997) sem marginalizar o capital social e ambiental.

Os mercados de agricultores desempenham um papel proeminente nas redes alternativas de alimentos. A contribuição dessas organizações da economia social para o desenvolvimento da rede pode dizer respeito, em parte, ao processo de agrupamento regional. Esses mercados de agricultores não estão apenas contribuindo para a visibilidade e disponibilidade local de alimentos; eles também estão fornecendo uma plataforma para uma ampla gama de partes interessadas para conhecer, aprender e mobilizar conhecimento sobre os limites e possibilidades de sistemas alimentares locais (BECKIE; KENNEDY; WITTMAN, 2012).

Diante dessa constatação, surge o seguinte questionamento: *Como está estruturada a produção científica que fornece o embasamento teórico para estudos sobre os mercados de agricultores e os sistemas agroalimentares locais e seus correlatos?* Buscando responder a essa questão, este estudo teve por objetivo analisar a estrutura intelectual da produção científica que fornece base para esses estudos sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais, por meio da chamada “análise de cocitações”.

Conforme o próprio termo “cocitação” permite entender, trata-se de como pesquisadores, em seus textos, comentam uns com os outros a relação sobre determinado tema. Assim, um estudo apoiado em cocitações precisa, evidentemente, a partir de um tema, selecionar autores e textos para serem inter-relacionados. A escolha dos artigos científicos foi realizada por meio de bases de dados, *Web of Science (WOS)*, produzida e mantida pela Thomson Reuters, e *SCOPUS* com as seguintes palavras-chave: “*Farmers Market*” and “*Local Agro-food Systems*” or “*Proximity Market*” or “*Alternative Food Networks*”. Foram identificadas 267 publicações, nas quais foram analisadas as cocitações. O Bibexcel foi usado na organização dos dados para a análise bibliométrica e o SPSS, para a Análise Fatorial Exploratória (AFE), cujo objetivo foi verificar o padrão de correlações existentes entre as variáveis e utilizar esses padrões de correlações para agrupar as variáveis em fatores (HAIR *et al.*, 2009).

Sob essas perspectivas, este estudo traz as seguintes contribuições: em relação às produções acadêmicas da área, apresenta os resultados das investigações realizadas, abrindo oportunidades de estudos mais focados e objetivos, visando à ampliação do conhecimento da área, além de evidenciar lacunas de estudos ainda não realizados, mas que poderão ampliar a fonte de conhecimento. Conforme Lopes *et al.* (2012), as publicações científicas demonstram a evolução dos estudos, dentro de determinado período, a partir dos autores clássicos do tema.

A escolha por um tema específico, neste caso, mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais, contribui para o conhecimento mais expressivo do constructo, especificamente, quando é realizado por meio da bibliometria. Neste aspecto, é possível detectar outras áreas temáticas que se relacionam com o objeto de análise, pois a bibliometria fornece, quantitativa e estatisticamente, índices da produção em estudo, avaliação e a interlocução entre indivíduos, instituições e áreas de pesquisa (RODRIGUES, 1982; LOPES *et al.*, 2012).

Outra importante contribuição deste estudo volta-se para a análise de cocitação, desenvolvida por Small (1973) e McCain (1991) em conjuntos de periódicos, e White e Griffith (1981), com foco nos autores, demonstrando a frequência de relacionamento entre autores, oportunizando uma melhor compreensão sobre a proximidade temática e, assim, sobre a estrutura intelectual da produção científica do tema em estudo (SMIRAGLIA, 2011). Essas contribuições, além de abrirem caminhos para novas investigações, oferecem aos pesquisadores oportunidades de se aprofundarem no tema de suas pesquisas nas vertentes conceituais e metodológicas.

Cabe evidenciar que, neste estudo, a estrutura intelectual da produção científica sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais é entendida como a estrutura visualizada a partir do grau de similaridade de conteúdo (tema de pesquisa), a qual, ao ser reunida em agrupamentos (dimensões), evidencia as relações estruturais de conectividade teórico-metodológica do tema, a proximidade e as interconexões deste campo de domínio científico.

Quanto à estrutura deste estudo, além desta introdução, apresentam-se aspectos gerais sobre os mercados de agricultores e sobre os sistemas agroalimentares locais e suas nomenclaturas e a análise da produção científica como um todo. Em seguida, a metodologia adotada para a seleção das publicações. Posteriormente, apresenta-se a análise das cocitações contidas nas publicações, apresentando a base teórica para estudos sobre mercados de agricultores e sistemas

agroalimentares locais, por meio da Análise Fatorial Exploratória e, por fim, as considerações finais e sugestões para futuras pesquisas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesta seção, são apresentados aspectos sobre os mercados de agricultores, redes alternativas de alimentos, redes alternativas agroalimentares, sistemas (agro)alimentares locais, cadeias curtas de abastecimento de alimentos e análise da produção científica.

### **2.1 MERCADOS DE AGRICULTORES SOB O ENFOQUE DE ENRAIZAMENTO SOCIAL**

Hinrichs (2000), ao estudar sobre os mercados de agricultores e comunidade, apoiou a agricultura, argumentou que, para muitos, a noção de enraizamento social tornou-se um caminho apropriado para laços sociais, assumindo que houve modificação e melhora nas interações humanas econômicas e que essa inserção, neste senso de conexão social, reciprocidade e confiança, é muitas vezes visto como a marca (e vantagem comparativa) dos mercados agrícolas diretos. Além disso, muitas vezes, é ligada ao marketing direto, reconhecimento do crescente interesse dos consumidores na proveniência dos alimentos que comem.

A partir desta revisão da literatura, apresenta-se uma série de proposições e complexidades associadas com os mercados de agricultores. Estas dizem respeito a sua natureza como um espaço construído, sua relação com os princípios da comida local (ou talvez sua ligação direta com as iniciativas locais de alimentos), as crenças e perspectivas de grupos de atores de valor agregado compartilhados ou divergentes sobre como o mercado está e/ou deve ser. É a sua capacidade para engendrar um propósito comum nessas ligações tangíveis entre produtores e consumidores em prol da sustentabilidade (SMITHERS; LAMARCHE; JOSEPH, 2008).

Nesse contexto, a abordagem transdisciplinar da sociologia econômica, com sua noção subjacente de “inserção social”, tornou-se cada vez mais pertinente. Isso levou muitos autores (THRIFT; OLDS, 1996; LIE, 1997; JESSOP, 1999; HINRICHS, 2000) a revisitar a obra do historiador econômico Karl Polanyi (1886-1968), e sua posterior reavaliação por Mark Granovetter (1985). Granovetter (1985) expandiu a

noção de inserção introduzida por Polanyi, argumentando que uma abordagem do conceito de imersão pode facilitar uma compreensão de como o funcionamento de uma economia capitalista está influenciada por ser incorporado dentro de relações sociais em curso.

O conceito de imersão ganhou muito destaque em ciências sociais. A sua ampla aplicação na geografia econômica, sociologia econômica, sociologia rural ou economia institucional é estimuladora (GRANOVETTER, 1985; AMIN; ROBINS, 1990; STORPER, 1997; WILKINSON, 1997; RAY; SAYER, 1999; GREGSON *et al.*, 2001). Mas, também, pode ser a razão para a “confusão” do conceito (HESS, 2004). Na verdade, Holloway e Kneafsey (2000, p. 293) sugerem que os mercados de agricultores podem “ser vistos como um espaço em que os produtores e os consumidores podem contornar os espaços de consumo construídos por atores poderosos na cadeia alimentar”.

Como os comportamentos e as instituições são afetados pelas relações sociais é uma das questões clássicas da teoria social (GRANOVETTER, 1985). Em seu artigo seminal, Granovetter (1985) argumenta que as relações sociais podem alterar substancialmente a natureza das atividades entre indivíduos por meio da geração de confiança, particularmente onde há interação direta e permanente entre os participantes em causa. Isso levou a um reconhecimento mais geral de que, na realidade, a concepção neoclássica altamente dispersa do mercado, e sua atividade econômica associada, é sempre incorporada dentro de uma realidade política, cultural e social mais ampla. Thorne (1996), no entanto, embora reconhecendo que, essencialmente, toda a troca econômica é incorporada dentro das relações sociais, aponta que muitas vezes são distanciadas e fogem do controle dos indivíduos em um nível local.

A partir dessa discussão, esclarece-se que a noção de “enraizamento social”, e o que isso pode significar em um contexto geográfico ou espacial, tem sido objeto de considerável debate e crítica. Portanto, a extensão do conceito para o domínio da natureza recebeu menos crítica, apesar da afirmação de Murdoch, Marsden e Banks (2000) de que “enraizamento” pode referir-se não só às relações sociais, mas também às relações naturais.

Para o contexto de estudos agroalimentares, Goodman (2003) afirma que os conceitos de imersão e de enraizamento são construções sócio-materiais cuja ideia é intrinsecamente ambivalente, contingente e dinâmica. De fato, alguns autores afirmam

que os mercados de agricultores e outros acordos de venda direta incorporam específicos conjuntos de valores e ideologias entre produtores e consumidores de alimentos (KLOPPENBERG *et al.*, 2000; HINRICHS, 2003). O conceito de “imersão” pode ser um dispositivo teórico muito útil para aprofundar a investigação da relação entre alimentação e território. Em termos gerais, esta noção tem sido usada para enfatizar o componente social da ação econômica. Em estudos agroalimentares, “imersão” provou ser um conceito eficaz para salientar o caráter socialmente mais amparado das redes alternativas de alimentos.

A noção de imersão é utilizada em contextos diferentes, como pode ser ilustrado por expressões utilizadas em um único artigo: por exemplo, Buller e Morris (2004) referem-se a “inserção social” - “que o alimento foi produzido por”, “inserção sócio-cultural”, “enraizamento territorial”, “inserção geográfica”, “em ecologias locais”. Em segundo lugar, é o contexto espacial, incluindo enraizamento local, territorial, espacial, sistemas alimentares locais, cadeias alimentares curtas, e etiquetas de origem. A terceira forma de contexto e de enraizamento é o que vem da natureza, incluindo questões referentes a comida orgânica, a produção ambientalmente amigável e a rótulos ecológicos.

Para analistas, os mercados de agricultores detêm intriga dado o seu estatuto como um espaço (construído) para a expressão de ideias e valores a respeito de comida local e da natureza de sua diversidade (KIRWAN, 2004).

A produção de alimentos que está incorporada dentro de contextos particulares, especialmente nos contextos locais, é vista como tendo uma vantagem de marketing em que alimentos produzidos localmente são muitas vezes assumidos como tendo uma maior qualidade do que a produção alimentar global (MURDOCH; MARSDEN; BANKS, 2000).

Kirwan (2004) afirma que, em termos granovetterianos, a confiança no produto está sendo desenvolvida como resultado das relações pessoais em curso entre os produtores e os consumidores em causa. Como Granovetter (1985) sugere, essa confiança depende da interação anterior entre os participantes deste mercado de agricultores, e, neste contexto, continuou a satisfação dos consumidores com a qualidade percebida dos produtos que recebem (que inclui a sua confiança na integridade pessoal do produtor). A troca entre eles também é influenciada pela promoção produtora de compreensão do consumidor de que os métodos tradicionais

de produção têm sido empregados, muitas vezes, juntamente com o *localness* (localidade, proximidade espacial) de sua produção.

Sonnino e Marsden (2005) concentram a atenção no conceito de “*embeddednes*”, que, como a literatura deixa claro, é uma das principais características que distinguem redes alternativas de alimentos das cadeias convencionais. Baseando-se na literatura crescente sobre o significado e as implicações desse conceito no contexto de alimentos, utiliza-se ‘imersão’ como uma ferramenta analítica para identificar uma agenda refinada e quadro de investigação e concepção de redes alternativas de alimentos.

De acordo com Penker (2006), embora aqui apresentadas separadamente, as dimensões sociais, espaciais e ecológicas de imersão na verdade se sobrepõem na realidade e são encontradas frequentemente em combinações na literatura. Assim, embora cada trabalho se concentre em um aspecto da inserção, inevitavelmente toca em outros aspectos.

Para Wilkinson (2008), na última década ocorreram profundas mudanças nas formas de intermediação entre a produção familiar e o mercado, acesso ao qual agora exige mais autonomia e capacidades próprias por parte dos agricultores. O autor também destaca a importância dos estudos sobre os mercados de trabalho não agrícolas e a pluriatividade no debate recente. As atividades agrícolas pluriativas são entendidas como uma estratégia da família para diversificar suas atividades, assim incluindo atividades não agrícolas fora do estabelecimento, e assegurar a reprodução deste e sua permanência no meio rural (WILKINSON, 2008).

Wilkinson (2008) observa os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais e defende que esses mercados podem ser visualizados como alongamento de relações familiares, em que a confiabilidade do produto transcorre da confiança no produtor, podendo abster de garantias formais de qualidade. Nas palavras do autor, “parentesco, vizinhança, conhecimento pessoal e transações repetidas entre os atores afirmam reputações e consolidam lealdades, fazendo com que tais mercados se tornem relativamente imunes de pressões externas, sejam de ordem mercadológica ou reguladora” (WILKINSON, 2008, p. 94). Como reconhecido por Wilkinson (2016), ao alegar as teorias das convenções, as sociedades estipulam uma pluralidade de valores, considerados legítimos, os quais acomodam a produção e as trocas de bens e serviços, percebendo o valor como uma “propriedade construída

socialmente e não como um resultado de encontros agregados entre oferta e demanda baseados em preferências individuais” (WILKINSON, 2016, p. 58).

## 2.2 REDES ALTERNATIVAS ALIMENTARES (*ALTERNATIVE FOOD NETWORKS* – AFN)

Os pesquisadores lidam com uma diversidade de processos e locais que produzem e sustentam as redes alternativas de alimentos em lugares e momentos específicos (MORRIS; BULLER, 2003; MAXEY, 2006). Os autores conceituam as redes alternativas alimentares (AFNs), em relação ao desenvolvimento rural e regional, como várias formas de reestruturação capitalista que possuem uma visão e um discurso ecológico e social que abraça a consciência ambiental e possui metas sociais progressistas (FEENSTRA, 1997; HENDRICKSON; HEFFERNAN, 2002; GOODMAN, 2003; HASSANEIN, 2003; WATTS; ILBERY; MAYE, 2005).

Essas conceituações revelam uma variedade de posicionamentos e incluem alegações de que existem AFNs ao longo de um espectro de ‘forte’ para ‘fraco’ em termos de vida social e objetivos ambientais (WATTS; ILBERY; MAYE, 2005) e em que grau e como elas combatem (ou não) em grande escala a agricultura industrial e o sistema convencional de provisionamento de alimentos (HENDRICKSON; HEFFERNAN, 2002; ALLEN *et al.*, 2003; SMITH; JEHLICKA, 2007).

Pesquisas recentes também interrogam se e em que grau as AFNs abordam os objetivos de justiça e inclusão social, sustentabilidade ecológica e viabilidade econômica (ou alternativas ao capitalismo) dentro de um movimento social mais amplo, que considera a alimentação como um direito humano e não como uma mercadoria (HASSANEIN, 2003; HINRICHS, 2003; GOODMAN, 2004; SLOCUM, 2007).

A noção granovetteriana de enraizamento social tem focado principalmente na compreensão das relações em curso entre atores sociais dentro de específicos contextos de intercâmbio econômico, tais como mercados de agricultores (HINRICHS, 2000; KIRWAN, 2004). As redes de alimentos alternativos incluem um gama de atores que estão envolvidos com questões que vão de segurança e qualidade alimentar às externalidades sociais, econômicas e ambientais experimentadas por indivíduos, comunidades e regiões (GOODMAN, 2004; SONNINO; MARSDEN, 2005). Essas redes alternativas de alimentos têm o potencial de unir diferentes grupos em um

movimento que tenha um foco na justiça alimentar e a academia pode ser um jogador chave nesse processo (ALLEN, 2008).

Jarosz (2008) defende que as redes de alimentos alternativos (AFN) representam esforços para ressocializar a produção, a distribuição e o consumo dos alimentos. As AFNs são definidas em quatro maneiras principais: (1) por distâncias mais curtas entre produtores e consumidores; (2) pelo tamanho pequeno e métodos de agricultura biológica ou integradora, que são contrastadas com grande escala, agronegócio industrial; (3) pela existência de locais de compra de alimentos, tais como cooperativas de alimentos, mercados de agricultores, feiras livres e CSAs; (4) por um compromisso com as dimensões sociais, econômicas e ambientais da produção sustentável de alimentos, distribuição e consumo.

Redes de alimentos alternativos incluem melhores meios de subsistência para os agricultores e benefícios econômicos para as comunidades locais, alimentos saudáveis para os consumidores, de produção mais ecológica (FORSSELL; LANKOSKI, 2014). Em alguns estudos, as AFNs são apontadas por características inerentes em termos de resultados desejados (TREGGAR, 2011) ou de AFNs como redes em que os participantes estão comprometidos com a sustentabilidade (JAROSZ, 2008).

Jarosz (2008) discorre que as redes alternativas de alimentos (AFN) são comumente definidas por atributos, tais como a proximidade espacial entre agricultores e consumidores, pela existência de locais de varejo, como mercados de agricultores, comunidade agrícola apoiada (CSA), feiras e um compromisso com a produção sustentável de alimentos e consumo. Centrando-se sobre os processos em vez de atributos, este papel identifica os processos baseados em lugar que tanto promovem e restringem o surgimento e desenvolvimento de AFN. Ao fazer isso, Jarosz (2008) defende que, considerando os contextos rurais e urbanos, são importantes para a compreensão da diversidade e contingência da AFN. Essa diversidade e contingência surge de uma constelação particular de processos ecológicos, políticos, econômicos e socioculturais enraizados no lugar.

### 2.3 REDES ALTERNATIVAS AGROALIMENTARES (*ALTERNATIVE AGRIFOOD NETWORKS* – AAFN)

Como o interesse acadêmico em AAFNs tem crescido, a literatura sobre como essas redes são regidas desenvolveu-se de duas maneiras distintas. A primeira incide sobre a ‘re-localização’ de alimentos, explorando as relações econômicas, políticas e sociais que caracterizam os mercados dos agricultores e outras formas de venda direta e próxima (HINRICHS, 2000; HOLLOWAY; KNEAFSEY, 2000; GOODMAN; DUPUIS, 2002; SAGE, 2003; SONNINO; MARSDEN, 2005; KIRWAN, 2006). A segunda abordagem examina o papel das práticas de certificação de qualidade e certificação ambiental dentro das AAFNs. Autenticidade e confiança são mediadas a partir da interação pessoal com o produtor. O fomento da confiança do consumidor na ‘autenticidade’ e ‘qualidade’ do produto é fundamental na construção de uma base de clientes de confiança.

O desenvolvimento de redes alimentares alternativas (*Alternative Food Networks*) tem atraído muita atenção nos últimos anos, com uma nova política de alimentos começando a preencher as lacunas deixadas pela regulamentação do governo convencional e com a crescente preocupação pública sobre a proveniência e manipulação de alimentos. Pela ótica de desenvolvimento rural, este novo ressurgimento do interesse em ‘mais natural’ ou ‘mais local’ – também visto como mais saudável (NYGARD; STORSTAD, 1998) – oferece potencial para mudar a produção de produtos alimentares fora de seu ‘modo industrial’ e desenvolver cadeias de fornecimento que, no entanto, são a ênfase sobre o tipo de relação entre o produtor e o consumidor nessas cadeias de fornecimento, e enaltecem o papel dessa relação na construção de valor e significado, em vez de apenas o tipo de produto em si.

A junção de AAFNs nas teorias da literatura e de transição (PLOEG *et al.*, 2004; SEYFANG, 2006) abriu um novo campo de pesquisa por meio do desenvolvimento de ferramentas analíticas para estudar a contribuição de AAFNs para uma mudança social mais ampla, mudança que prevê AAFNs como novos vetores de diversificação dos rendimentos agrícolas incorporados na lógica da contenção de custos dos circuitos de produção não-comoditizados da prementes questões do desenvolvimento rural contemporâneos (GOODMAN, 2004).

## 2.4 SISTEMAS ALIMENTARES LOCAIS (*LOCAL FOOD SYSTEMS* – LFS)

Selfa e Qazi (2005) destacam que, para alguns atores da rede de alimentos em todas as localidades rurais e urbanas, sistemas alimentares locais são definidos por relações sociais que podem ou não podem ser geograficamente próximas, enquanto, para outros, os sistemas alimentares locais são definidos por um limite politicamente construído como um município, por exemplo. Produtores e consumidores nas áreas urbanas deste estudo são identificados mais estreitamente e exemplificados como: *face-to-face*, mercados diretos, que estão fisicamente próximos quando conceituam seus mercados locais. No entanto, em lugares onde há menos consumidores e mercados, “local” não é necessariamente definido somente como os que estão fisicamente próximos (SAGE, 2003).

Mount (2011) salienta que a ampliação é o próximo obstáculo para o movimento de comida local. Com a finalidade de sistematizar cada vez mais os sistemas alimentares locais (LFS), estes terão que crescer para poder envolver mais consumidores e produtores. Uma das possibilidades é incentivar o envolvimento de fazendas de médio porte, ampliando a acessibilidade do local de alimentos, proporcionando fontes de receitas alternativas para a agricultura familiar. Barreiras logísticas, estruturais e reguladoras são empecilhos conhecidos para o aumento da escala em LFS.

A oportunidade de melhorar o valor agregado nos produtos levanta um questionamento referente ao valor que adere à comida local. Esse discurso sobre comida local pode sugerir importantes ligações no LFS, que são geradas pela reconexão de produtor e consumidor, a troca direta por meio da qual isso ocorre, e os objetivos e valores comuns que fornecem a base para a reconexão. No entanto, essas afirmações são baseadas em suposições tênues sobre como interações dentro do intercâmbio direto pode produzir valor agregado, e como LFS são governados. Uma análise do potencial de escala no LFS dependerá da compreensão de como o valor é determinado dentro do LFS, e dos processos por meio dos quais esses sistemas são governados. Tal análise mostra que um processo baseado em governança é suscetível de melhoria na viabilidade (MOUNT, 2011).

Em suma, é a comida local, principalmente, que atrai a agricultura familiar para a comercialização local de alimentos. Esta avaliação de valor agregado é quase totalmente explicada por processos, relações e estruturas que podem ser ineficazes

ou difíceis de serem mantidas em larga escala. Se uma parte importante do prêmio “comida local” é, como esta conta sugere, destinado a compensar o produtor para intangíveis benefícios que são gerados por reconexão via troca direta, então a introdução de questões estruturadas de alto nível somada a capacidade dos produtores de entregar com sucesso alimentos localmente, pois eles serão desafiados a manter um intercâmbio direto com seus consumidores (MOUNT, 2011).

## 2.5 CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS (SFSCs)

Marsden, Banks e Bristow (2000), em sua discussão sobre “cadeias de abastecimento curtas de alimentos”, argumentam que a imersão espacial é menos acerca de proximidade (isto é, reduzindo a distância geográfica entre o produtor e o consumidor) e mais sobre a incorporação do produto em causa com “informações carregadas de valor” sobre o local de produção, no local de consumo. Não é a distância que um produto é transportado que é fundamental, mas o fato de que ele é incorporado com informação carregando valor quando se chega ao consumidor. Isso permite ao consumidor fazer conexões com o lugar/espço de produção e, potencialmente, com os valores das pessoas envolvidas e métodos de produção utilizados.

O potencial dessas cadeias de abastecimento alimentar curtas, como com Sistemas Alimentares Locais, foi demonstrado por produtores que podem facilmente tirar vantagem da proximidade geográfica por meio das vendas diretas aos consumidores, e dos requisitos de processamento mínimo (MOUNT, 2011).

Cadeias curtas de abastecimento de alimentos (SFSCs) são consideradas fatores de crescimento econômico rural. A característica crucial da SFSC é que os alimentos que estão inseridos nas cadeias de fornecimento são conectados às PME (pequenas e médias empresas) de alimentos de regiões rurais. A economia alternativa local de alimentos analisa as iniciativas alimentares da comunidade (tais como projetos locais de alimentos) ou iniciativas de alimentos públicos (como os contratos públicos), por exemplo, que representam alternativas diferentes (ILBERY; MAYE, 2005).

Esse processo é demonstrado por meio de formas de comercialização direta e, portanto, *face-to-face*, de contato entre o produtor e o consumidor. Marsden, Banks e Bristow (2000) identificaram dois novos tipos de SFSC: cadeias espacialmente

próximas e espacialmente estendidas. As cadeias espacialmente próximas correspondem a cenários em que os produtos são vendidos a partir de saídas locais na região, localização, ou no local de produção, para que o consumidor esteja imediatamente ciente da natureza incorporada localmente do produto no ponto de varejo. Em contraste, existem as cadeias espacialmente estendidas, em que os produtos são vendidos aos consumidores (por meio de canais como a Internet), e que estão localizados fora da região de produção e/ou não têm experiência ou conhecimento pessoal da área. Aqui, a chave é usar a rotulagem de produtos e imagens para transferir informações sobre o processo de produção.

No caso de alimentos locais (alternativos), ambas as relações econômicas (como preços e mercados) e relações sociais (por exemplo, laços locais e confiança) são vistos como vitais para o sucesso. A interação social pode assumir a forma de reconhecimento, atenção, respeito, amizade e sociabilidade, e todos podem ser incluídos dentro do conceito de “respeito”. Sage (2003), por exemplo, destacou a importância da geografia local de consideração no desenvolvimento de redes alternativas de alimentos.

No Quadro 1, são apresentados os principais estudos, terminologias e definições e Circuitos Curtos de Proximidade.

**Quadro 1:** Estudos, terminologias e definições de mercados locais e circuitos curtos de proximidade

Estudo	Terminologia	Definição
Cone e Myhre (2000); Festing (1997); Holloway e Kneafsey (2000); Morris e Buller (2003); Renting <i>et al.</i> (2003)	<i>Farmers Markets</i> (FM) – Mercado de Agricultores	Um espaço em que os produtores e os consumidores podem contornar os espaços de consumo construídos por atores poderosos na cadeia alimentar. São “pilares” para a reconstrução de sistemas alimentares locais.
Ekins (1997)	Economias Locais	Possuem sua própria marca de vantagens comparativas por meio da construção de redes, o capital-conhecimento humano, local, habilidades, criatividade, motivação e compromisso com a comunidade. E, tendo uma visão partilhada do presente e do futuro, podem ser aproveitadas para construir mutuamente relações benéficas entre fornecedores, produtores e consumidores. Um senso de propriedade compartilhada dos recursos da comunidade e da responsabilidade pela sua viabilidade e preservação pode inspirar confiança, compromisso, e reduzir os custos de transação, facilitando o processo de interação econômica sem marginalizar o capital social e ambiental.
Marsden e Smith (2005)	<i>Alternative Feeding Economy</i> (AFE) – Economia Alimentar Alternativa	Reconhecem os problemas de desvincular processos globais dos locais. É importante considerar o local, neste contexto, como uma forma de contingência social; que é um espaço para reorganizar possibilidades que tentam combater as forças dominantes na paisagem agrária. O local, por conseguinte, torna-se potencialmente um espaço social (um lugar para compartilhar alguma forma de desconexão) para a reestruturação de recursos e de valor; um lugar para a evolução de novos cenários de <i>commodities</i> e redes.
Ilbery e Kneafsey (1998); Goodman e Du Puis (2002); Goodman (2003); Allen <i>et al.</i> (2003); Alugar <i>et al.</i> (2003); Goodman (2004); Sonnino e Marsden (2005)	<i>Alternative Food Networks</i> (AFN) – Redes Alternativas Alimentares	Abordam os objetivos de justiça e inclusão social, sustentabilidade ecológica e viabilidade econômica (ou alternativas ao capitalismo) dentro de um movimento social mais amplo, que considera a alimentação como um direito humano e não como uma mercadoria (HASSANEIN, 2003; HINRICHS, 2003; GOODMAN, 2004; SLOCUM, 2006). As redes de alimentos alternativos incluem um gama de atores e dependem de várias formas de marketing direto, surgiram em resposta a preocupações sobre os impactos do sistema alimentar convencional, globalizado. Essas preocupações vão desde questões de segurança e qualidade alimentar até as externalidades sociais, econômicas e ambientais experimentadas por indivíduos, comunidades e regiões (GOODMAN, 2004; SONNINO; MARS DEN, 2005).
Goodman (2003)	<i>Alternative Agri-Food Networks</i> (AAFN) – Redes Alternativas Agroalimentares	Buscam novas relações de confiança com os consumidores (GOODMAN, 2003), a fim de responder ao aumento das ansiedades alimentares e defendem uma concepção de produção e consumo, envolvendo aspectos políticos, ecológicos e econômicos, uma junção de atores pertencentes a diferentes esferas da vida social e econômica que se juntam para construir novos sistemas de significação e novos sistemas de fornecimento de alimentos, novas alternativas de sobrevivência para os agricultores familiares.

## Quadro 1 – Continuação

Feenstra (2002); Mount (2011)	<i>Local Food Systems</i> (LFS) – Sistemas Alimentares Locais (SAL)	Um esforço colaborativo para construir economias alimentares autossustentadas e baseadas no local, em que a produção, transformação, distribuição e consumo são integrados de forma a buscar melhoria para a economia, para o ambiente e para a saúde social de um lugar específico.
Selfa e Qazi (2005)	Sistema Agroalimentar Local	São definidos por relações sociais que podem ou não podem ser geograficamente próximas, enquanto, para outros, os sistemas alimentares locais são definidos por um limite politicamente construído como um município ou uma biorregião, por exemplo.
Marsden, Banks e Ristow (2000); Alugar <i>et al.</i> (2003)	<i>Short Food Supply Chains</i> (SFSCs) – Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos	Representam uma revalorização dos alimentos. Identificam-se três principais tipos de SFSC, e todos facilitam ou permitem que as características definidoras de um SFSC existam, ou seja, a capacidade de um SFSC de gerar alguma forma de conexão entre o consumidor de alimentos e o produtor de alimentos. Com um SFSC, não é o número de vezes que um produto é manipulado ou a distância ao longo da qual é finalmente transportado, mas o fato de que o produto chegue ao consumidor incorporado com informação, por exemplo, impressa na embalagem ou comunicada pessoalmente no ponto de varejo. É esta que permite ao consumidor, com confiança, fazer conexões e associações com o lugar/espaco de produção, e, potencialmente, são os valores das pessoas envolvidas e os métodos de produção empregados. A imersão espacial é menos sobre proximidade (isto é, reduzindo a distância geográfica entre o produtor e o consumidor) e mais sobre a incorporação do produto em causa com “informações carregadas de valor” sobre o local de produção, no local de consumo. Não é a distância a que um produto é transportado que é fundamental, mas o fato de que ele é incorporado com informação carregado de valor quando chega ao consumidor.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Na sequência, têm-se os procedimentos metodológicos utilizados no estudo, analisando a produção científica, a amostra e os procedimentos para análise.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

O conhecimento pode ser popular, filosófico, religioso (teológico) e científico (THÉOPHILO, 1998). Segundo este autor, o que diferencia o conhecimento científico dos outros tipos é a forma pela qual ele é obtido. Os cientistas têm como objetivo central conhecer os fenômenos (KERLINGER, 1980). A ciência desempenha papel estratégico nas transformações estruturais socioeconômicas, por isso, no cenário contemporâneo, ela é indispensável para o desenvolvimento tanto no âmbito nacional quanto mundial (MACHADO, 2015).

A Bibliometria faz uso de técnicas quantitativas e estatísticas para quantificar a produção científica, contribuindo para desenvolver a ciência (MEDEIROS; VITORIANO, 2015). Ela possibilita o mapeamento e a geração de diferentes indicadores para tratar e gerenciar as produções científicas (GUEDES; BORSCHIVER, 2005). Originalmente, a Bibliometria foi denominada “bibliografia estatística”, termo adotado por Hulme em 1923 (ARAÚJO, 2006); posteriormente, no ano de 1969, Pritchard foi o primeiro a usar a terminologia atual (MEDEIROS; VITORIANO, 2015).

A Bibliometria fornece, então, “um poderoso conjunto de métodos e medidas para estudar a estrutura e o processo de comunicação científica” (BORGMAN; FURNER, 2002, p. 4), pois contempla diversos métodos e medidas que servem para avaliar a produção, bem como para comparação e reconhecimento dos autores.

Small (1973) desenvolveu uma forma de analisar a ligação entre dois documentos, tendo por base o estudo da frequência com que estes são citados juntos, e denominou esta técnica como análise de cocitação. Assim, dentre as informações das produções científicas que podem ser feitas na bibliometria, está a análise das cocitações. Uma cocitação refere-se às ocorrências conjuntas em um único documento, isto é, uma cocitação ocorre no momento em que dois documentos/autores/periódicos estão presentes nas referências de uma publicação posterior (WHITE; GRIFFITH, 1981). Ressalta-se que a proximidade e a interlocução

de dois documentos, quando se trata de análise de cocitação, não são determinadas pelos autores dos documentos, mas a comunidade científica que se apropria do conteúdo daqueles documentos estabelece conexões enquanto geram novos conhecimentos. Trata-se de como pesquisadores, em seus artigos científicos, fazem a citação de obras em comuns, as quais, também são citadas em outros trabalhos científicos. Para considerar uma cocitação de obras é necessário que vários artigos cite os mesmos trabalhos de forma concomitante. Quanto mais as obras forem citadas conjuntamente em outros artigos científicos, maior é o poder de reconhecimento de tais obras.

A análise da produção científica pode ser apresentada de forma descritiva ou por meio do uso de indicadores, aplicando, entre outras, análises multivariadas dos dados bibliométricos, como a Análise Fatorial Exploratória (VANZ; STUMPF, 2010). Os *softwares* são bons aliados quando se trata de análises bibliométricas, pois possibilitam a representação de volumes grandes de informações por meio de mapas e agrupamentos (MACHADO, 2015). A fonte de dados para a realização dos estudos bibliométricos são principalmente as bases de dados, como *Scopus*, *Web Of Science* e Periódicos Capes. A próxima seção apresenta a metodologia usada neste estudo.

### 3.2 AMOSTRA

A seleção dos artigos científicos foi realizada por meio de duas buscas em bases de dados, nos sites *Web of Science* (WOS) e *Scopus*, no dia 29 de maio de 2019, com as seguintes palavras-chave: “*Farmers Market*” and “*Local agro-food systems*” or “*Proximity Market*” or “*Alternative food networks*”. A busca na base *Scopus* resultou em 7 artigos; já no WOS, foram encontrados 260 artigos. Assim, selecionou-se a segunda opção, que apresentava maior quantidade de publicações relacionadas ao tema proposto. Ressalta-se também a escolha pelo fato de ser uma das bases mais completas do mundo.

Para obter maior criteriosidade, foram realizados os seguintes refinamentos no WOS:

- 1) Selecionaram-se somente artigos e capítulos de livros, resultando em 231 documentos.
- 2) Quanto ao período, optou-se por manter todos os anos.

3) Depois, foram selecionadas as áreas de publicações que estivessem mais ligadas ao tema desta tese: *Geography; Sociology; Agriculture Multidisciplinary; History Philosophy of Science; Enviromental Studies; Regional Urban Planning; Enviromental Sciences; Green Sustainable Science Technology; Economics; Food ScienceTechnology; Agronomy; Management; Agricultural Economics Policy; Development Studies; Business; Political Science; Social Science Interdisciplinary e Ecology.*

Após o refinamento com as áreas selecionadas, resultaram 182 documentos. Dessa forma, esta pesquisa é composta por 182 documentos, cuja data da primeira publicação foi no ano de 1944 e da última foi 2014, demonstrando assim a relevância e atualidade no tema proposto.

De acordo com Small (1973), a cocitação ocorre quando uma mesma citação é mencionada em dois ou mais artigos. Para Smiraglia (2011), quando dois ou mais autores/documentos são citados em uma publicação posterior, isso indica que há similaridade nos pensamentos, seja ele via conceitos ou via métodos. Logo, quanto maior a quantidade de documentos em que os dois autores são citados, maior a probabilidade de serem relacionados ao mesmo tema.

Assim, para fins de análise das cocitações contidas nos 182 artigos resultantes da busca realizada no WOS, cujos refinamentos foram descritos anteriormente, optou-se por analisar os 100 mais citados. Dessa forma, foram selecionados os artigos que continham pelo menos 8 citações.

### 3.3 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE

Para a organização dos dados coletados, foi utilizado o programa Bibexcel; posteriormente, foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para efetuar as análises de correlação que existe entre as dimensões estudadas.

Em se tratando dos critérios utilizados para a seleção das publicações cocitadas que serão analisadas, é importante frisar que não há registros na literatura que determinem a quantidade máxima ou mínima a ser utilizada. Logo, fica a cargo do próprio pesquisador a definição.

Contudo, para a realização da Análise Fatorial Exploratória (AFE), o primeiro indicador que se deve levar em consideração é a medida de adequacidade que a

amostra representa ao fator de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), no qual deve ser superior a 0,60 (HAIR *et al.*, 2009), tendo em vista que apenas valor acima deste (até chegar em 1,0) se pressupõe que a análise fatorial é pertinente para aquela amostra.

Além da KMO, esta pesquisa seguiu o parâmetros sugeridos por Hair *et al.* (2009), em que o teste de Elasticidade de Bartlett deve ser maior que 0,05; o KMO de cada variável estudada na matriz anti-imagem deve ser acima de 0,5; posteriormente, ajusta-se o modelo com a exclusão das variáveis que possuem comunalidade inferior a 0,5, como também das variáveis que apresentam cargas cruzadas acima de 0,5 em mais de uma variável; e, por fim, na matriz rotativa, analisam-se as cargas fatoriais, no sentido de excluir as variáveis com carga negativa.

O método de rotação ortogonal dos fatores foi o Varimax, tendo em vista que, segundo Hair *et al.* (2009), vem a ser superior aos demais métodos de rotação fatorial ortogonal quando há a intenção de se estudar uma estrutura fatorial simplificada.

Inicialmente, usando todos os dados da amostra selecionada para realização da análise de cocitação por meio da Análise Fatorial Exploratória, buscou-se identificar a correlação entre estes 100 documentos. O método de extração foi o de componentes principais e o de rotação, o Varimax.

Na AFE, sem fixar fatores, resultou em 10 dimensões com variância total explicada de 76,08%, no entanto, não gerou KMO geral e Bartlett. Esses dois parâmetros são necessários para iniciar a Análise Fatorial Exploratória (AFE). Observou-se também que a maior parte dos autores, totalizando 93, agrupavam-se em 5 dimensões; e apenas 7 autores estariam nas demais dimensões. Houve também dimensões distintas, em que apenas um e/ou dois autores (neste estudo, cada autor é considerado como uma variável) estavam naquela dimensão. No entanto, uma dimensão (fator) deve ter no mínimo três variáveis.

O fato de, na primeira rodada de análises, não gerar KMO geral e nem o resultado teste de esfericidade de Bartlett levou à necessidade de outra análise para identificar qual(quais) documento(s) poderiam não ter correlações. Para essa identificação, elaborou-se uma Matriz de Correlação de Spearman, que mede a associação entre duas variáveis qualitativas.

Ressalta-se que não foi gerada nenhuma advertência, indicando que não havia uma variável específica apresentando problema de correlação. Apurando casos incomuns, verificou-se que não foram geradas anomalias.

Assim, optou-se por excluir, pelo método da tentativa e erro, cada uma das sete variáveis que estavam sozinhas em um fator, a fim de verificar qual não tinha correlação dentro do conjunto de dados. Nesta análise, após a exclusão da variável “Buck\_Getz\_Guthman\_1997” e fixação em cinco fatores, o KMO geral foi de 0,554 e a variância total explicada, de 69,30%. Dessa forma, restaram 99 documentos para os demais parâmetros de análise sugeridos por Hair *et al.* (2009).

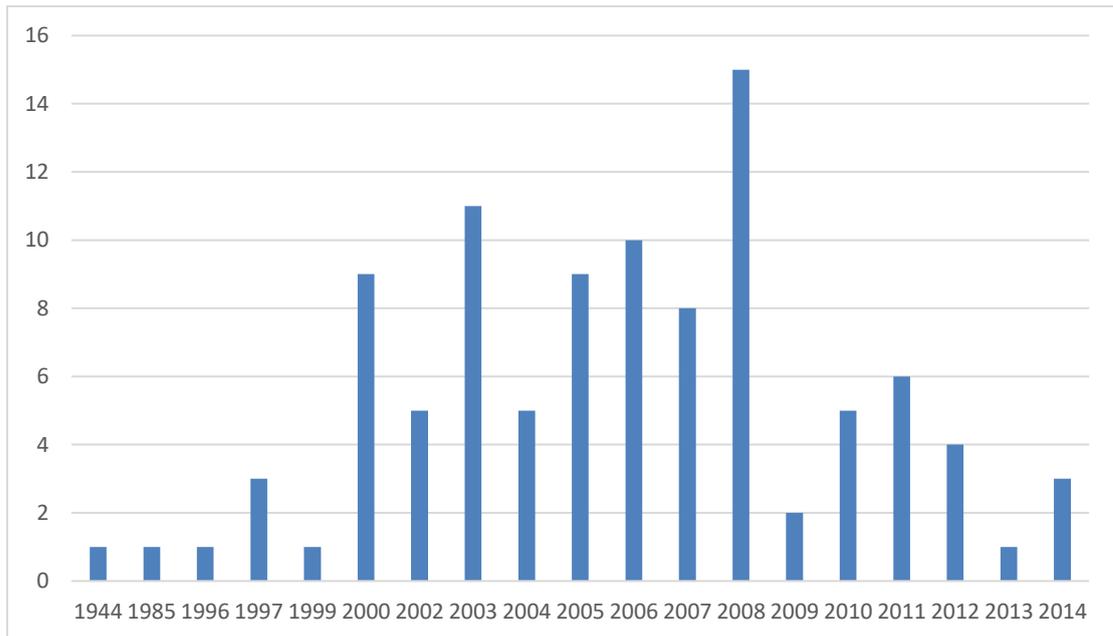
O Bibexcel foi utilizado na organização dos dados para a análise bibliométrica e o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), para realizar a AFE, a qual tem por objetivo analisar o padrão de correlações existentes entre as variáveis e utilizar esses padrões de correlações para agrupar suas variáveis em um número menor de dimensões (HAIR *et al.*, 2009).

Quanto aos critérios para seleção das publicações cocitadas a serem analisadas, ressalta-se que não há na literatura vigente uma especificação de quantidade mínima ou máxima a ser adotada, então essa escolha fica a critério do próprio pesquisador. No entanto, para realizar a Análise Fatorial Exploratória, o primeiro indicador a ser observado é a medida de adequabilidade da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), a qual deve ser superior a 0,60 (HAIR *et al.*, 2009), pois somente valores entre 0,6 e 1,0 indicam que a análise fatorial é apropriada para aquele conjunto de dados.

Cada publicação selecionada para a AFE foi tratada como uma variável. Assim, das 100 publicações inicialmente selecionadas para a análise de cocitações, 84 variáveis permaneceram no modelo final, o qual ficou com KMO geral de 0,869, variância total explicada de 72,24% e com alfa de Cronbach superior a 0,700 em cada uma das cinco dimensões que compõem o modelo final.

#### **4 RESULTADOS**

O tema mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais vem sendo mais estudado nas últimas décadas e sua evolução ao longo do tempo, sendo possível observar que 61% das publicações ocorreram a partir do ano de 2010, demonstrando a atualidade do tema. Dessa forma, a Figura 1 demonstra a quantidade de publicações por ano dos 100 documentos estudados nesta pesquisa.

**Figura 1:** Quantidade de publicações por ano

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A partir da Figura 1, é possível identificar que a maior quantidade de publicações pertinentes ao tema ocorreu entre 2000 e 2008. É notável o quão debatido o assunto é, tendo em vista que já havia publicações em 1944 sobre o referido assunto.

O ano de 2008 foi o que mais teve publicação, com 15 artigos; o segundo ano com mais publicações foi 2003, com 11 artigos – ressalta-se que 2003 foi o ano de publicação do artigo mais citado pelos demais autores –; e, em terceiro lugar, o ano de 2007, com 10 artigos publicados.

Percebe-se que, após 2008, o número de publicações não é muito representativo, no qual o número de artigos cai drasticamente, indicando que esta pesquisa é de crucial importância para o contínuo desenvolvimento da pesquisa científica no tocante ao tema.

Para melhor compreensão do que estes 100 documentos abordam, optou-se por realizar uma nuvem de palavras com as palavras-chave, conforme demonstra a Figura 2.



Tabela 1 – Continuação

DuPuis e Goodman (2005)	Should we go “home” to eat?: toward a reflexive politics of localism	47	25,82%
Tregear (2011)	Progressing knowledge in alternative and local food networks: Critical reflections and a research agenda	46	25,27%
Hinrichs (2003)	The practice and politics of food system localization	41	22,53%
Jarosz (2008)	The city in the country: Growing alternative food networks in Metropolitan areas	40	21,98%
Sonnino e Marsden (2005)	Beyond the divide: rethinking relationships between alternative and conventional food networks in Europe	40	21,98%
Murdoch, Terry e Marsden (2000)	Quality, Nature, and Embeddedness: Some Theoretical Considerations in the Context of the Food Sector	38	20,88%
Watts, Ilbery e Maye (2005)	Making reconnections in agro-food geography: alternative systems of food provision	38	20,88%
Sage (2003)	Social embeddedness and relations of regard: alternative ‘good food’ networks in south-west Ireland	37	20,33%
Winter (2003)	Embeddedness, the new food economy and defensive localism	37	20,33%
Goodman (2004)	Rural Europe Redux? Reflections on Alternative Agro-Food Networks and Paradigm Change	33	18,13%
Kirwan (2004)	Alternative Strategies in the UK Agro-Food System: Interrogating the Alterity of Farmers’ Markets	30	16,48%
Marsden, Banks e Bristow (2000)	Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development	29	15,93%
Goodman (2003)	The quality ‘turn’ and alternative food practices: reflections and agenda	28	15,38%

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A matriz das 100 publicações mais citadas foi utilizada para execução da análise fatorial exploratória. Com a AFE, foi possível avaliar os padrões existentes entre as publicações citadas pelos 184 artigos sobre os mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais. No SPSS, cada publicação foi tratada como uma variável. Nesta análise, o primeiro teste executado foi o de Kayser-Meyer Olkin (KMO), que varia entre 0 e 1. O teste de KMO indica se a amostra pode ser tratada pelo método de análise fatorial (WILLIAMS; ONSMAN; BROWN, 2010). Para ajustar o modelo, o valor do teste KMO de cada variável foi analisado. O valor mínimo indicado para o teste KMO para cada variável deveria ser 0,5. Assim, se o valor do KMO individual de uma variável era menor que 0,5, a variável era excluída e a análise fatorial era executada novamente. Depois de ajustar o KMO individual, analisou-se a comunalidade de cada variável, sendo que todas ficaram superiores a 0,50. Se o valor da comunalidade é próximo de zero, isso indica que a variável tem baixa correlação com o fator (FÁVERO *et al.*, 2009). Das 100 variáveis selecionadas para a realização

da AFE, 16 foram excluídas. No Quadro 2, são apresentadas as variáveis excluídas e o motivo.

**Quadro 2:** Variáveis excluídas

<b>Autor</b>	<b>Motivo da exclusão</b>
Buck e Guthman (1997)	Não gerava KMO geral
DuPuis e Goodman (2005)	Carga cruzada
Goodman, DuPuis e Goodman (2012)	Carga cruzada
Seyfang (2008)	Comunalidade inferior a 0,400
Goodman, Maye e Holloway (2010)	Comunalidade inferior a 0,400
Friedmann (2007)	Comunalidade inferior a 0,400
Alkon e McCullen (2010)	KMO individual inferior a 0,500
Galt (2013)	KMO individual inferior a 0,500
Hassanein (2003)	KMO individual inferior a 0,500
Hinrichs (2000)	KMO individual inferior a 0,500
Carolan (2011)	Carga fatorial inferior a 0,500
Goodman, DuPuis e Goodman (2012)	Carga fatorial inferior a 0,500
Goodman (2003)	Carga fatorial inferior a 0,500
McClintock (2014)	Carga fatorial inferior a 0,500
Guthman (2003)	Carga fatorial inferior a 0,500
Kirwan (2006)	Carga fatorial inferior a 0,500

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Após a exclusão das variáveis com KMO inferiores a 0,50, foi analisada a matriz rotativa gerada no SPSS e a variável Lumpkin e Dess (1996) foi excluída por apresentar carga negativa no fator. Depois de sua exclusão, as comunalidades das demais variáveis ficaram superiores a 0,50. Cabe destacar que somente uma variável foi excluída por vez. Assim, a AFE foi executada diversas vezes para que o modelo ficasse ajustado.

Dessa forma, no modelo final da análise bibliométrica perante as cinco dimensões mencionadas, o KMO geral foi de 0,869, o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo em 0,000 e com variância explicada de 72,24%, e o método de extração foi a análise de componente principal.

A partir desse agrupamento, os resumos de cada publicação foram analisados qualitativamente, a fim de identificar os padrões apresentados pelas publicações.

#### 4.1 ESTRUTURA INTELECTUAL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A matriz das 100 publicações mais citadas foi utilizada para a execução da análise fatorial exploratória. Com a AFE, foi possível avaliar os padrões existentes entre as publicações citadas pelos 184 artigos sobre os mercados de agricultores e os sistemas agroalimentares locais. No SPSS, cada publicação foi tratada como uma variável.

**Quadro 3:** Classificação dos autores por dimensão

	Componente				
	Dimensão 1	Dimensão 2	Dimensão 3	Dimensão 4	Dimensão 5
Kirwan_2004	,859				
Slocum_2007	,858				
Marsden_Banks_Bristow_2000	,848				
Morris_Buller_2003	,813				
Ilbery_Maye_2005	,812				
Goodman_Watts_1997	,807				
Feenstra_2002	,784				
Winter_2003a	,784				
Renting_Marsden_Banks_2003	,782				
Beckie_Kennedy_Wittman_2012	,778				
Ilbery_Maye_2006	,773				
Jarosz_2008	,773				
Parrott_Wilson_Murdoch_2002	,769				
Henderson_2007	,768				
Goodman_2004	,763				
Murdoch_Miele_1999	,752				
Hinrichs_Kremer_2002	,750				
Seyfang_2006	,741				
Selfa_Qazi_2005	,737				
Watts_Ilbery_Maye_2005	,736				
Ilbery_Kneafsey_2000	,734				
Holloway_Kneafsey_2000	,732				
Sonnino_Marsden_2005	,720				

Quadro 3 – Continuação

	Componente				
	Dimensão 1	Dimensão 2	Dimensão 3	Dimensão 4	Dimensão 5
Brown_Miller_2008	,719				
Holloway_etal_2007	,718				
Feagan_2007	,713				
Allen_2008	,710				
Feenstra_1997	,710				
Mount_2011	,703				
Hendrickson_Heffernan_2002	,702				
Kneafsey_etal_2008	,698				
Lyson_Guptill_2004	,691				
Raynolds_2000	,690				
Marsden_Smith_2005	,689				
Morris_Kirwan_2011	,688				
Venn_etal_2006	,683				
Smithers_Lamarche_Joseph_2008	,681				
Brunori_Rossi_Malandrin_2011	,677				
VanderPloeg_etal_2000	,665				
Goodman_DuPuis_2002	,664				
Morgan_Marsden_Murdoch_2006	,652				
Higgins_Dibden_Cocklin_2008	,648				
Jarosz_2000	,636				
Forssell_Lankoski_2014	,630				
Tregear_2011	,629				
Ilbery_Maye_2005	,618				
Guthman_2004a	,616				
Guthman_2008	,612				
Whatmore_Stassart_Renting_2003	,611				
Penker_2006	,597				
Sage_2003	,595				
Goodman_Goodman_2012	,583				
DeLind_2010	,556				
Born_Purcell_2006	,555				
Feagan_Henderson_2008	,551				
Lamine_2005	,546				
Wiskerke_2009	,530				
Pollan_2006	,526				
Guthman_2008b	,523				
Hinrichs_2000		,825			
Guthman_2004b		,818			
Guthman_2008a		,810			

Quadro 3 – Continuação

	Componente				
	Dimensão 1	Dimensão 2	Dimensão 3	Dimensão 4	Dimensão 5
Si_Schumilas_Scott_2014		,781			
Allen_Guthman_2006		,774			
Allen_etal_2003		,711			
Cone_Myhre_2000		,630			
Granovetter_1985		,622			
Little_Maye_Ilbery_2010		,612			
Allen_2010		,606			
GibsonGraham_2006		,559			
Ilbery_etal_2005			,715		
Murdoch_Terry_Marsden_2000			,710		
Follett_2008			,625		
Sonnino_2007			,606		
Pole_Gray_2012			,571		
Alber_Kohler_2007			,565		
Winter_2003b			,557		
GibsonGraham_2008				,732	
Maye_Holloway_Kneafsey_2007				,663	
Kloppenburg_Hendrickson_Stevenson_1996				,640	
Marsden_Sonnino_2008				,576	
Cox_etal_2008					,699
Polanyi_1944					,594
Brunori_Rossi_Guidi_2011					,585

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

#### 4.2 DIMENSÃO 1 – AS DEFINIÇÕES CONSTITUTIVAS DAS ECONOMIAS LOCAIS ALIMENTARES ALTERNATIVAS

Na dimensão 1, denominada “As definições constitutivas das economias locais alimentares alternativas”, agruparam-se 59 publicações que abordavam sobre as redes alternativas relacionadas à alimentação e os sistemas alimentares locais e alternativos com os mercados de agricultores que possuem dentro de sua realidade toda a movimentação referente às cadeias curtas de abastecimento de alimentos. Apresentam em seu conteúdo os fatores contextuais, aspectos relacionados à consciência da natureza construída de uma “comunidade local”, percebendo a

importância da particularidade social, cultural e ambiental em nossos mundos cotidianos.

Urbanização e reestruturação rural são fundamentais para o desenvolvimento das Redes Alternativas Alimentares (AFN). As AFN emergem de processos políticos, culturais e históricos. As interações de urbanização e reestruturação rural produzem AFN que são diferenciadas e marcadas por um desenvolvimento desigual que não suporta necessariamente todos os agricultores que participam da rede. Isso indica tanto a fragilidade e o dinamismo inerente das AFN que estão vinculadas ao desenvolvimento e à transformação metropolitana. Paradoxalmente, a crescente demanda urbana por produtos sazonais e orgânicos cultivados ‘perto de casa’ e os processos de reestruturação rural que enfatizam a pequena escala, ou seja, os produtos oriundos da agricultura familiar e os seus alimentos diretos para cidades não necessariamente permitem que todos os agricultores tenham uma produção constante mantendo uma determinada escala, além de estarem vulneráveis às condições edafoclimáticas. Pequenos agricultores experimentam essa realidade em suas práticas cotidianas de cultivo de alimentos para vendê-los em locais como mercados de agricultores, CSA e feiras livres (ALLEN *et al.*, 2003; GOODMAN, 2003).

A evidência para estas alegações vem de estudos de caso qualitativos em alto grau de profundidade dependentes de entrevistas, de observação e participação aprofundando o método convencional de cultivados ‘perto de casa’ e os processos de reestruturação rural que enfatizam a pequena agricultura familiar e as suas ligações de alimentos diretos (JAROSZ, 2008).

A questão da sinergia também é importante na avaliação do impacto sócio-econômico regional de práticas do desenvolvimento rural, que Ploeg *et al.* (2000) insistem que não devem ser analisadas isoladamente. Sage (2003) defende que no caso de alimentos locais (alternativos), ambas as relações econômicas (como preços e mercados) e relações sociais (por exemplo, laços locais e confiança) são vistos como vitais para o sucesso.

#### 4.3 DIMENSÃO 2 – AS CARACTERÍSTICAS DOS SISTEMAS ALIMENTARES LOCAIS

Na dimensão 2, denominada “As características dos Sistemas Alimentares Locais”, agruparam-se 11 publicações que abordavam o potencial para a equidade

dentro da localização do sistema alimentar em termos práticos e conceituais considerando o material herdado e assimetrias discursivas dentro de estruturas de economia, demografia, geografia e democracia (ALLEN, 2010).

Sobre essa dimensão, discorrem algumas das iniciativas agroalimentares que definem o global e o local, conceitos geográficos (ALLEN *et al.*, 2003) e também programas *Farm-to-school* (FTS), que são uma das iniciativas no movimento agroalimentar alternativo crescente, que trazem produtos frescos locais para a escola. O estudo também aborda o aspecto político do programa e demonstra os benefícios, fornecendo frutas e vegetais frescos para as crianças na escola (ALLEN; GUTHMAN, 2006).

Outra iniciativa inerente desse movimento, segundo Cone e Myhre (2000), é a prática da CSA que também visa criar uma relação direta entre agricultores e aqueles que consomem os produtos alimentícios ou acionistas. Por meio de um estudo em fazendas procurando perceber as suas motivações no momento da adesão, levando em consideração o papel das mulheres em iniciar e manter a adesão à fazenda e como a extensão da participação dos membros relaciona-se com percepções e, por fim, levantam questões sobre a sustentabilidade a longo prazo do CSA, dado o estilo de vida e necessidades dos agricultores em tensão com as restrições e valores concorrentes de acionistas.

Little, Maye e Ilbery (2010) chamam a atenção para as possibilidades criativas oferecidas pela compra coletiva como um mecanismo para mover os alimentos locais e orgânicos para além do nicho de mercado. As redes de alimentos alternativos foram construídas como parte integrante de uma constante evolução que permite aos consumidores a participação de uma expressão da crença pessoal a partir da sua escolha de produtos alimentares e de seus meios de produção.

#### 4.4 DIMENSÃO 3 – A DIVERSIDADE DAS REDES ALIMENTÍCIAS ALTERNATIVAS

Na dimensão 3, denominada “A diversidade das Redes Alimentícias Alternativas”, agruparam-se 7 publicações. Alber e Kohler (2007) buscam compreender como a produção informal de alimentos é generalizada nos países

membros da União Europeia e em que medida a produção de alimentos informal é uma estratégia de enfrentamento face às despesas.

Follett (2008) analisa a diversidade de redes alimentares que pertencem ao sistema de alimentação alternativa dos Estados Unidos, e que existem muitos aspectos que diferem nas convenções e crenças que eles representam. Neste estudo, o sistema de alimentação alternativa foi dividido em dois movimentos: redes fracas de alimentos alternativos corporativos e redes fortes de alimentos alternativos locais. Esta última centra-se na proteção do ambiente, no entanto, negligencia questões relativas às normas de trabalho, bem-estar animal, as comunidades rurais, agricultores de pequena escala e de saúde humana. As redes fortes de alimentos alternativos locais não só asseguram a proteção ambiental, mas também abordam as questões que as redes alternativas fracas negligenciam.

Ilbery *et al.* (2005) detectam que existe um considerável interesse acadêmico em torno da recomposição das cadeias alternativas alimentícias à base de noções de qualidade, território e no conceito de *embeddedness*.

Pole e Gray (2012) consideram supostos benefícios da comunidade encontrados na agricultura apoiada pela comunidade (CSA), razões dos membros para aderirem a CSA e suas percepções da comunidade dentro do CSA, um exemplo de possibilidades dentro do universo das redes alimentícias alternativas.

Sonnino (2006), apesar do uso generalizado do conceito de imersão na literatura sobre redes agroalimentares, defende que imersão, numa abordagem construtivista, pressupõe simultaneamente uma dimensão social, espacial e temporal, criadas dinamicamente pelos participantes na economia como resposta a específicos requisitos do mercado.

Winter (2003b) demonstra um esforço de pesquisa dentro da geografia para explicar sistemas agroalimentares em cada um dos quatro conjuntos de reconexões cobertos (agricultura e alimentos, alimentação e política, comida e natureza e os agricultores).

#### 4.5 DIMENSÃO 4 – A BUSCA POR PRÁTICAS INOVADORAS E MELHORIAS DE GESTÃO NAS REDES AGROALIMENTARES LOCAIS ALTERNATIVAS

Na dimensão 4, denominada “A busca por práticas inovadoras e melhorias de gestão nas Redes Agroalimentares Locais Alternativas”, agruparam-se 4 publicações

que abordam como as práticas acadêmicas nascentes de geógrafos econômicos podem contribuir para objetos de política e ativismo por meio de projetos e práticas acadêmicas sobre economias diversificadas e práticas performativas (GIBSON-GRAHAM, 2008).

Kloppenburg, Hendrickson e Stevenson (1996) mencionam que o termo “*foodshed*” torna-se uma metáfora como seu análogo da bacia hidrográfica que unifica e organiza os conceitos de unidade de lugar e pessoas, natureza e sociedade para mostrar as conexões entre a produção e o consumo (*local foodshed*). Buscando facilitar o pensamento crítico sobre de onde nosso alimento está vindo e como ele está ficando para nós, o *foodshed* pode servir como unidade conceitual e metodológica de análise que fornece uma moldura para a ação.

Marsden e Sonnino (2008) demonstram, por meio desse estudo, a necessidade de formas mais inovadoras por parte do Estado que forneçam oportunidades novas e criativas em termos de abastecimento e gestão da procura agroalimentar no intuito de descobrir potenciais tanto dos governos como das redes de produtores para progredir o desenvolvimento rural sustentável, a partir da multifuncionalidade agrícola.

#### 4.6 DIMENSÃO 5 – LOCUS DA DINÂMICA DE REDES ALTERNATIVAS AGROALIMENTARES EM QUE A RELAÇÃO CONSUMIDOR/PRODUTOR É PRIORIZADA

A dimensão 5, denominada “*Locus* da dinâmica de Redes Alternativas Agroalimentares em que a relação consumidor/produtor é priorizada”, agruparam-se três publicações.

Foram analisadas as características e a dinâmica de redes alternativas agroalimentares em que os consumidores agem como precursores, são analisadas as atitudes em evolução dos consumidores, numa perspectiva de ator-rede, em termos de comportamento em relação aos alimentos trazendo experiências dos grupos de compras solidárias (BRUNORI; ROSSI; GUIDI, 2011).

Este estudo examina as motivações e filosofias por trás de produtores e consumidores por meio de um projeto de agricultura apoiada pela comunidade (CSA) dentro do âmbito das redes alternativas alimentares (COX *et al.*, 2008). A AFN pode tornar-se agente de mudança política e ambiental. A CSA, na sua forma mais simples,

envolve pessoas locais que investem em uma fazenda ou nas culturas antes da colheita. Isso garante uma renda para o agricultor e compartilha o risco entre os investidores; em contrapartida, estes recebem uma parcela da colheita, muitas vezes é uma caixa de vegetais, mas poderia ser de frutas, ovos ou carne. Eles também têm uma oportunidade de construir uma relação mais estreita com o produtor e com os membros da CSA. Muitas CSA incluem elementos como eventos sociais e detalhes de trabalho para os membros para ajudar em determinadas épocas do ano. Algumas CSA envolvem os membros nas tomadas de decisões e até mesmo em possuir a fazenda (COX *et al.*, 2008).

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na dimensão 1, depreende-se que a colocação e agrupamento de mercados de agricultores no âmbito da economia social, que integra os objetivos sociais com as atividades econômicas, portanto, gera um quadro importante e uma oportunidade para a inovação no fornecimento de alimentos sob um paradigma agroalimentar alternativo. Os mercados de agricultores não estão apenas contribuindo para a viabilidade e disponibilidade de alimentos local, eles também estão fornecendo uma plataforma para um amplo gama de partes interessadas para conhecer, aprender e mobilizar conhecimento sobre os limites e possibilidades de sistemas alimentares locais. Por isso são necessárias mais investigações para explorar os fatores limitantes, os mecanismos e trajetórias de desenvolvimento em outras localidades (BECKIE; KENNEDY; WITTMAN, 2012).

Os mercados de agricultores incentivam a produção de uma maior diversidade de produtores alimentares, o que é necessário para um sistema alimentar mais localizado. Essa maior diversidade atrai maior variedade de compradores, bem como fortalece as operações dentro do sistema (BROWN; MILLER, 2008).

A dimensão 2 mostra que as pesquisas sobre as Redes Alternativas Alimentares são baseadas em quatro grandes áreas, denominadas por sua alternatividade: alternatividade de reconexão produtor-consumidor, valor de redistribuição para os pequenos produtores, buscando novas formas de associação política e governança do mercado, bem como a redução dos impactos ecológicos (WHATMORE; STASSART; RENTING, 2003). No entanto, as características de alimentos e as relações produtor-consumidor são dinâmicas nessas redes. Esses

elementos incluem alternatividade como: saudável, ecológico, local, ético, de pequena escala, sazonal, ligado pessoalmente e política. Esses elementos são refletidos em Redes Alternativas Alimentares e são reconhecidos pelos consumidores em graus diferentes.

Os estudos da dimensão 3 revelam que existe um foco em como o enraizamento é alcançado no contexto de alimentos e se desdobra em implicações teóricas e empíricas. Teoricamente, ele suporta a necessidade de uma abordagem mais holística e orientada ao ator que leva em consideração as tensões inerentes ao processo de incorporação e também suas ramificações fora do domínio social. Praticamente, um foco sobre como a rede de alimentos que venha a ser incorporada complica a noção de relocalização de alimentos – uma questão que levanta questões empíricas sobre a sustentabilidade das redes locais de alimentos e sua contribuição para o desenvolvimento rural (SONNINO, 2006).

Nos estudos da dimensão 4, observa-se que o foco está no termo “*foodshed*” para abranger os componentes físicos, biológicos, sociais e intelectuais do espaço multidimensional em que se vive e se alimenta. Entende-se a *foodshed* como um quadro de pensamento e ação. Se o uso do termo tem alguma virtude, talvez seja para ajudar as pessoas a ver a relação dos elementos aparentemente díspares, e perceber a complementaridade das diferentes iniciativas de mudança. É um indicador de comprometimento de trabalho não apenas para reformar o sistema de alimentação, mas para transcender esse sistema inteiramente (KLOPPENBURG; HENDRICKSON; STEVENSON, 1996).

Marsden e Sonnino (2008) concluem que o processo de modernização agrícola no final do século XX não foi acompanhado por um projeto paralelo de como um modelo alternativo de desenvolvimento rural poderia estabelecer-se em uma forma mais harmoniosa, tanto com o meio rural quanto com o meio urbano. Ao final desse estudo, levanta-se a seguinte questão: até que ponto pode-se ver o surgimento lento e a luta social de um processo multifuncional agrícola mais autônomo tomando conta nos processos de desenvolvimento rural?

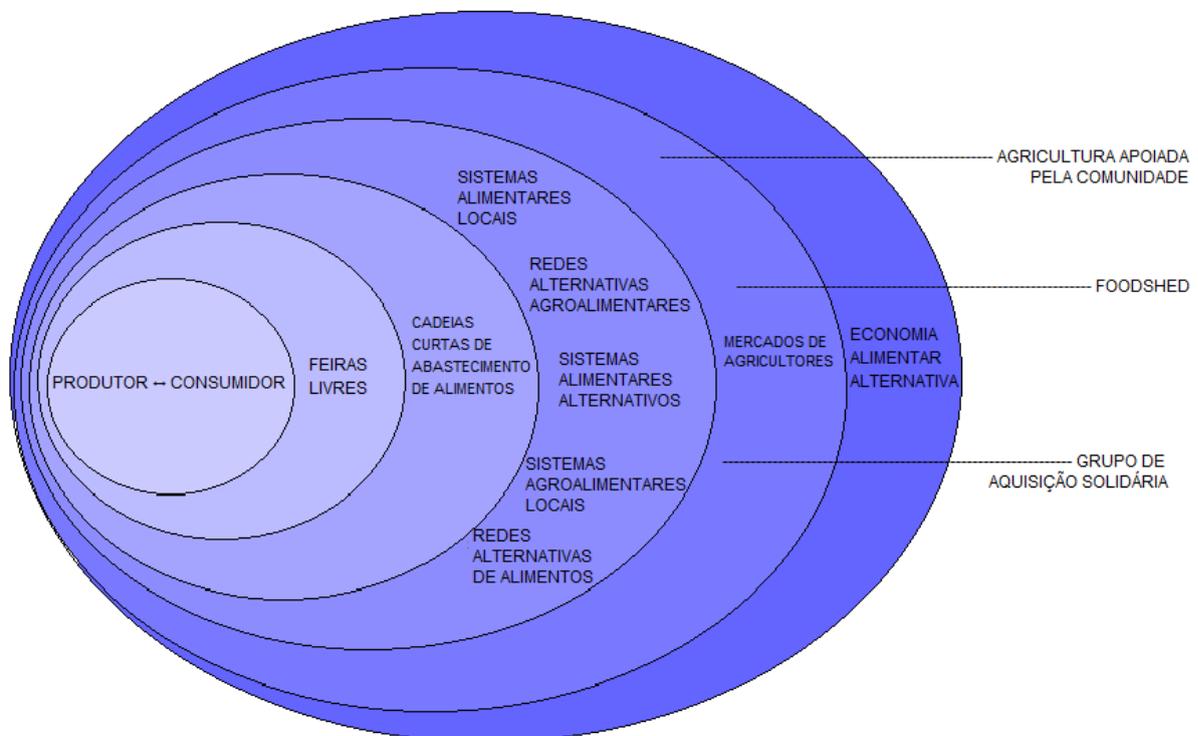
Na dimensão 5, Brunori, Rossi e Guidi (2011) concluem que a capacidade das redes alternativas em adotar uma abordagem evolutiva busca a consolidação de novos padrões e concomitantemente busca mais inovação, expandindo as atividades para outros campos. As redes de consumidores a partir de alimentos se mostra facilmente mutante para outros bens de consumo, e que a inovação organizacional

pode se transformar em institucionalização, que se mostra como um marco para a articulação de novas redes. Se a inovação é a chave para o consumo sustentável nesse estudo, as políticas de inovação devem ser adaptadas para essa realidade. Em um novo quadro, as redes alvo dos consumidores podem adicionar novos processos de inovação e esta, por sua vez, amplia o gama de possíveis instrumentos de apoio, bem como a criação de sistemas de governança que podem garantir a representação de diferentes abordagens e interesses.

Cox *et al.* (2008) destacam a importância da comunicação e interação dentro das AFN entre os atores do processo. A comunicação com os participantes pode ser benéfica para os gestores do CSA, pois incentiva um entendimento reflexivo que leva ao compromisso de longo prazo e tolerância entre os consumidores. Allen *et al.* (2003) argumentam que a AFN pode ter o potencial para desafiar a desigualdade social e econômica e apoiar uma agenda de mudança social.

Diante de todo o exposto, a Figura 3 demonstra a integração da produção científica dos mercados de agricultores.

**Figura 3:** A face integradora da produção científica dos Mercados de Agricultores



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A Figura 3 sintetiza a teoria discutida nesta revisão bibliométrica, demonstrando que a relação produtor/consumidor é o cerne da pesquisa, é onde nasce toda a estruturação dos mercados de agricultores dentro da economia alimentar alternativa. As feiras livres são uma das formas de circuitos curtos pertencentes às cadeias curtas de abastecimento de alimentos. Pertencentes aos mercados de agricultores, encontram-se os sistemas alimentares locais e alternativos, as redes agro(alimentares) alternativas. Nesses mercados de agricultores, também despontam exemplos de ações, como: a agricultura apoiada pela comunidade (CSA), grupo de aquisição solidária (GAS) e *foodshed*, que já são aplicados em algumas partes do mundo e relatam bem essa relação produtor/consumidor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo analisar a estrutura intelectual da produção científica que fornece base para estudos sobre os mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais, por meio da análise de citações. Foram empregados métodos bibliométricos para analisar as publicações, identificando as produções mais citadas e demonstrando a relação entre essas publicações. Das 267 publicações sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais, a primeira ocorreu no ano de 1944. Mas foi a partir do ano de 2000 que ocorreu um aumento significativo (em 2008 – 15 publicações).

Na análise de citação contida nos 267 artigos, foi possível identificar a base do conhecimento desse campo científico e observar o grau de associação entre os documentos, de acordo com a compreensão da comunidade de autores. As publicações agruparam-se em cinco dimensões: as definições constitutivas das economias locais alimentares alternativas; as características dos sistemas alimentares locais; a diversidade das redes alimentícias alternativas; a busca por práticas inovadoras e melhorias de gestão nas redes agroalimentares locais alternativas; *locus* da dinâmica de redes alternativas agroalimentares em que a relação consumidor/produtor é priorizada.

Cabe destacar que, pelo próprio propósito da análise de citações, neste estudo, as referências que serviram de base são mais antigas, pois são elas que fornecem a estrutura da produção científica sobre o tema estudado.

Embora as cinco dimensões identificadas no estudo, fruto da AFE, sejam convergentes ao objeto de estudo, fica claro que cada uma tem suas próprias especificidades, propiciando a construção de um arcabouço teórico passível de alicerçar estudos futuros. Fica claro, também, que o tema em si reforça a necessidade de continuidade de investigações cujo intuito é o de identificar um núcleo que contribua no entendimento do importante papel dos mercados de agricultores e de sistemas agroalimentares locais.

Diante dessas constatações, conclui-se que, embora os aspectos econômicos, sociais e ambientais, dentro e fora dos mercados de agricultores, amplamente citados nos artigos em pauta, tenham significados ímpares, há de se considerar que a presença, a relevância e o papel do tema poderão propiciar mais pesquisas. Sendo assim, este artigo abre possibilidades para pesquisas futuras, tendo em vista que as circunstâncias econômicas, as relações sociais e a conscientização ambiental, entre outros aspectos, são importantes para a ampliação do estudo, com o intuito de explorar as formas diversas de caracterização de imersão que se manifestam nas interações entre produtores e consumidores e demais possibilidades de aproximação entre produtor e consumidor na cadeia de circuitos curtos de abastecimento de alimentos nos mercados locais.

## REFERÊNCIAS

ALBER, J.; KOHLER, U. Informal Food Production in the Enlarged European Union. **Social Indicators Research**, v. 89, n. 1, p. 113-127, 2007.

ALLEN, P. Mining for justice in the food system: perceptions, practices, and possibilities. **Agriculture And Human Values**, v. 25, n. 2, p. 157-161, 2008.

ALLEN, P. Realizing justice in local food systems. **Cambridge Journal Of Regions, Economy And Society**, v. 3, n. 2, p. 295-308, 2010.

ALLEN, P.; GUTHMAN, J. From “old school” to “farm-to-school”: Neoliberalization from the ground up. **Agriculture And Human Values**, v. 23, n. 4, p. 401-415, 2006.

ALLEN, P. *et al.* (Margaret FitzSimmons, Michael Goodman, and Keith Warner). 2003. Shifting plates in the agrifood landscape: The tectonics of alternative agrifood initiatives in California. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 61-75, 2003.

AMIN, A.; ROBINS, K. O ressurgimento das economias regionais? A geografia mítica da acumulação flexível. Meio ambiente e planejamento. **Sociedade e espaço**, v. 8, n. 1, p. 7-34, 1990.

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, v. 12, n. 1, 2006.

BECKIE, M. A.; KENNEDY, E. H.; WITTMAN, H. Scaling up alternative food networks: Farmers' markets and the role of clustering in western Canada. **Agriculture and Human Values**, v. 29, n. 3, p. 333-345, 2012.

BORGMAN, C. L.; FURNER, J. Scholarly communication and bibliometrics. **Annual review of information science and technology**, v. 36, n. 1, p. 1-53, 2002.

BORN, B.; PURCELL, M. Avoiding the local trap: scale and food systems in planning research. **Journal of Planning Education and Research**, v. 26, n. 2, p. 195-207, 2006.

BROWN, C.; MILLER, S. The Impacts of Local Markets: A Review of Research on Farmers Markets and Community Supported Agriculture (CSA). **American Journal Of Agricultural Economics**, v. 90, n. 5, p. 1296-1302, 2008.

BRUNORI, G.; ROSSI, A.; GUIDI, F. On the New Social Relations around and beyond Food. Analysing Consumers' Role and Action in Gruppi di Acquisto Solidale (Solidarity Purchasing Groups). **Sociologia Ruralis**, v. 52, n. 1, p. 1-30, 2011.

BRUNORI, G.; ROSSI, A.; MALANDRIN, V. Co-producing transition: innovation processes in Farms and adhering to Solidarity-based Purchase Groups (GAS) in Tuscany, Italy. **International Journal of the Sociology of Agriculture and Food**, v. 18, n. 1, p. 28-53, 2011. Disponível em: [http://www.socioeco.org/bdf\\_fiche-document-3102\\_pt.html](http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-3102_pt.html). Acesso em: 23 jun. 2020.

BULLER, H.; MORRIS, C. Growing goods: the market, the state, and sustainable food production. **Environment and Planning A**, v. 36, n. 6, p. 1065-1084, 2004.

CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M. O que é bibliometria? Uma introdução ao fórum. **Internext**, v. 10, n. 2, p. 1-5, 2015.

CONE, C. A.; MYHRE, A. Community-supported agriculture: a sustainable alternative to industrial agriculture? **Human Organization**, v. 59, n. 2, p. 2-18, 2000.

COX, R. *et al.* Common ground? Motivations for participation in a community-supported agriculture scheme. **Local Environment**, v. 13, n. 3, p. 203-218, 2008.

DELIND, L. B. Are local food and the local food movement taking us where we want to go? Or are we hitching our wagons to the wrong stars? **Agriculture and Human Values**, v. 28, n. 2, p. 273-283, 2010.

DUPUIS, E. M.; GOODMAN, D. Should we go "home" to eat?: toward a reflexive politics of localism. **Journal of Rural Studies**, v. 21, n. 3, p. 359-371, 2005.

EKINS, P. The Kuznets curve for the environment and economic growth: examining the evidence. **Environment and Planning A**, v. 29, n. 5, p. 805-830, 1997.

FÁVERO, L. P. L. *et al.* **Análise de dados**: modelagem multivariada para tomada de decisão. São Paulo: Campus, 2009.

FEAGAN, R. The place of food: mapping out the local in local food systems. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 1, p. 23-42, 2007.

FEAGAN, R.; HENDERSON, A. Devon Acres CSA: local struggles in a global food system. **Agriculture and Human Values**, v. 26, n. 3, p. 203-217, 2008.

FEENSTRA, G. W. Local food systems and sustainable communities. **American Journal Of Alternative Agriculture**, v. 12, n. 1, p. 28-36, mar. 1997.

FEENSTRA, G. Creating space for sustainable food systems: Lessons from the field. **Agriculture And Human Values**, v. 19, n. 2, p. 99-106, 2002.

FESTING, M. International human resource management strategies in multinational corporations: Theoretical assumptions and empirical evidence from German firms. **MIR: Management International Review**, p. 43-63, 1997.

FOLLETT, J. R. Choosing a Food Future: Differentiating Among Alternative Food Options. **Journal Of Agricultural And Environmental Ethics**, v. 22, n. 1, p. 31-51, 27 set. 2008.

FORSSELL, S.; LANKOSKI, L. The sustainability promise of alternative food networks: an examination through “alternative” characteristics. **Agriculture and Human Values**, v. 32, n. 1, p. 63-75, 20 jun. 2014.

GIBSON-GRAHAM, J. K. Imagining and enacting a postcapitalist feminist economic politics. **Women's Studies Quarterly**, v. 34, n. 1/2, p. 72-78, 2006.

GIBSON-GRAHAM, J. K. Diverse economies: performative practices for ‘other worlds’. **Progress In Human Geography**, v. 32, n. 5, p. 613-632, 2008.

GOODMAN, D. The quality “turn” and alternative food practices: reflections and agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 1-7, 2003.

GOODMAN, D. Rural Europe Redux? Reflections on alternative agro-food networks and paradigm change. **Sociologia Ruralis**, v. 44, n. 1, p. 3-16, 2004.

GOODMAN, D.; DUPUIS, E. M. Knowing food and growing food: beyond the production–consumption debate in the sociology of agriculture. **Sociologia Ruralis**, v. 42, n. 1, p. 5-22, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9523.00199>. Acesso em: 2 jul. 2020.

GOODMAN, D.; DUPUIS, E. M.; GOODMAN, M. K. **Alternative Food Networks: knowledge, practice and politics**. Londres: Routledge, 2012.

GOODMAN, D.; WATTS, M. (Orgs.). **Globalising food**: agrarian questions and global restructuring. Londres: Routledge, 1997.

GRANOVETTER, M. Luncheon Roundtable on the “New Sociology of Economic Life”. ASA Meetings. 1985. August 26. Washington, DC. **Unpublished outline**, 1985.

GREGSON, J. *et al.* System, environmental, and policy changes: using the social-ecological model as a framework for evaluating nutrition education and social marketing programs with low-income audiences. **Journal of nutrition education**, v. 33, p. S4-S15, 2001.

GUEDES, V. L. S.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. **Encontro Nacional de Ciência da Informação**, v. 6, p. 1-18, 2005.

GUTHMAN, J. **Agrarian dreams**: the paradox of organic farming in California. University of California Press, 2004a.

GUTHMAN, J. The trouble with 'Organic Lite' in California: a rejoinder to the 'conventionalisation' debate. **Sociologia Ruralis**, v. 44, n. 3, p. 301-316, 2004b.

GUTHMAN, J. “If They Only Knew”: color blindness and universalism in California alternative food institutions. **The Professional Geographer**, v. 60, n. 3, p. 387-397, 2008a.

GUTHMAN, J. Bringing good food to others: investigating the subjects of alternative food practice. **Cultural Geographies**, v. 15, n. 4, p. 431-447, 2008b.

GUTHMAN, J. Neoliberalism and the making of food politics in California. **Geoforum**, v. 39, n. 3, p. 1171-1183, 2008c.

HAIR JR., J. *et al.* **Análise multivariada de dados**. Bookman Editora, 2009.

HASSANEIN, N. Practicing food democracy: a pragmatic politics of transformation. **Journal Of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 77-86, 2003.

HENDERSON, E. **Sharing the harvest**: a citizen’s guide to Community Supported Agriculture. White River Junction: Chelsea Green, 2007.

HENDRICKSON, M. K.; HEFFERNAN, W. D. Opening Spaces through relocalization: locating potential resistance in the weaknesses of the global food system. **Sociologia Ruralis**, v. 42, n. 4, 2002.

HESS, M. ‘Spatial’relationships? Towards a reconceptualization of embeddedness. **Progress in human geography**, v. 28, n. 2, p. 165-186, 2004.

HIGGINS, V.; DIBDEN, J.; COCKLIN, C. Building alternative agri-food networks: certification, embeddedness and agri-environmental governance. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 1, p. 15-27, 2008.

HINRICHS, C. C. Embeddedness and local food systems: notes on two types of direct agricultural market. **Journal of rural studies**, v. 16, n. 3, p. 295-303, 2000.

HINRICHS, C. C. The practice and politics of food system localization. **Journal of rural studies**, v. 19, n. 1, p. 33-45, 2003.

HINRICHS, C.; KREMER, K. S. Social inclusion in a Midwest local food system project. **Journal of Poverty**, v. 6, n. 1, p. 65-90, 2002.

HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. Reading the space of the Farmers' Market: a case study from the United Kingdom. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 3, p. 285-299, 2000.

HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M.; VENN, L.; COX, R.; DOWLER, E.; TUOMAINEN, H. Possible Food Economies: a methodological framework for exploring food production? Consumption relationships. **Sociologia Ruralis**, v. 47, n. 1, p. 1-19, 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-9523.2007.00427.x>. Acesso em: 7 jul. 2020.

ILBERY, B.; KNEAFSEY, M. Product and place: promoting quality products and services in the lagging rural regions of the European Union. **European Urban and Regional Studies**, v. 5, n. 4, p. 329-341, 1998.

ILBERY, B.; KNEAFSEY, M. Producer constructions of quality in regional speciality food production: a case study from Southwest England. **Journal of Rural Studies**, v. 16, n. 2, p. 217-230, 2000.

ILBERY, B.; MAYE, D. Cadeias de abastecimento alimentar alternativas (mais curtas) e produtos pecuários especializados nas fronteiras entre a Escócia e a Inglaterra. **Meio ambiente e planejamento A**, v. 37, n. 5, p. 823-844, 2005a.

ILBERY, B.; MAYE, D. Food supply chains and sustainability: evidence from specialist food producers in the Scottish/English borders. **Land Use Policy**, v. 22, n. 4, p. 331-344, 2005b.

ILBERY, B.; MAYE, D. Retailing local food in the Scottish–English borders: a supply chain perspective. **Geoforum**, v. 37, n. 3, p. 352-367, 2006.

ILBERY, B. *et al.* Product, process and place: an examination of food marketing and labelling schemes in Europe and North America. **European Urban and Regional Studies**, v. 12, n. 2, p. 116-132, 2005.

JAROSZ, L. Understanding agri-food networks as social relations. **Agriculture and Human Values**, v. 17, n. 3, p. 279-283, 2000.

JAROSZ, L. The city in the country: growing alternative food networks in metropolitan areas. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 3, p. 231-244, 2008.

JESSOP, B. A governança em mudança do bem-estar: tendências recentes em suas principais funções, escala e modos de coordenação. **Política e administração social**, v. 33, n. 4, p. 348-359, 1999.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1980.

KIRWAN, J. Alternative Strategies in the UK Agro-Food System: Interrogating the Alterity of Farmers' Markets. **Sociologia Ruralis**, v. 44, n. 4, p. 395-415, 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9523.2004.00283.x>. Acesso em: 28 jun. 2020.

KIRWAN, J. The interpersonal world of direct marketing: Examining conventions of quality at UK farmers' markets. **Journal of Rural Studies**, v. 22, n. 3, p. 301-312, jul. 2006.

KLOPPENBURG, J.; HENDRICKSON, J.; STEVENSON, G. W. Coming in to the foodshed. **Agriculture And Human Values**, v. 13, n. 3, p. 33-42, jun. 1996.

KLOPPENBURG, J. *et al.* Tasting food, tasting sustainability: defining the attributes of an alternative food system with competent, ordinary people. **Human Organization**, v. 59, n. 2, p. 177-186, 2000.

KNEAFSEY, M. *et al.* **Reconnecting consumers, producers, and food**: exploring alternatives. Oxford: Berg, 2008.

LAMINE, C. Settling shared uncertainties: local partnerships between producers and consumers. **Sociologia Ruralis**, v. 45, n. 4, p. 324-345, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9523.2005.00308.x>. Acesso em: 19 jun. 2020.

LIE, J. Sociology of markets. **Annual review of sociology**, v. 23, n. 1, p. 341-360, 1997.

LITTLE, R.; MAYE, D.; ILBERY, B. Collective purchase: moving local and organic foods beyond the niche market. **Environment And Planning A**, v. 42, n. 8, p. 1797-1813, ago. 2010.

LOPES, S.; COSTA, M. T.; FERNÁNDEZ-LLIMÓS, F.; AMANTE, M. J.; LOPES, P. F. A bibliometria e a avaliação da produção científica: indicadores e ferramentas. **Actas**, n. 11, 2012. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/429>. Acesso em: 8 jul. 2020.

LYSON, T. A.; GUPTILL, A. Commodity agriculture, civic agriculture and the future of U.S. farming. **Rural Sociology**, v. 69, n. 3, p. 370-385, 2004.

MACHADO, R. N. **Estrutura intelectual da literatura científica do Brasil e outros países dos BRICS**: uma análise de cocitação de periódicos na área de célula-tronco. Rio de Janeiro, 2015.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

MARSDEN, T.; SMITH, E. Ecological entrepreneurship: sustainable development in local communities through quality food production and local branding. **Geoforum**, v. 36, n. 4, p. 440-451, 2005.

MARSDEN, T.; SONNINO, R. Rural development and the regional state: Denying multifunctional agriculture in the UK. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 4, p. 422-431, out. 2008.

MAXEY, L. Podemos sustentar uma agricultura sustentável? Aprendendo com pequenos produtores-fornecedores no Canadá e no Reino Unido. **Revista Geográfica**, v. 172, n. 3, p. 230-244, 2006.

MAYE, D.; HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. (Orgs.). **Alternative food geographies: representation and practice**. 1. ed. Bingley: Emerald, 2007.

MCCAIN, K. W. Mapping economics through the journal literature: An experiment in journal cocitation analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 4, p. 290, 1991. Disponível em: doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199105)42:4<290::AID-ASI5>3.0.CO;2-9. Acesso em: 10 ju. 2020.

MCCLELLAND, D. C. **The achieving society**. Princeton, NJ: D. Van Norstrand Company, 1961.

MEDEIROS, J. M. G.; VITORIANO, M. A. V. A evolução da bibliometria e sua interdisciplinaridade na produção científica brasileira. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. 3, p. 491-503, 2015. Doi: 10.20396/rdbci.v13i3.8635791

MORGAN, K.; MARSDEN, T.; MURDOCH, J. **Worlds of food: place, power, and provenance in the food chain**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MORRIS, C.; BULLER, H. The local food sector: a preliminary assessment of its form and impact in Gloucestershire. **British Food Journal**, v. 105, n. 8, p. 559-566, 2003.

MORRIS, C.; KIRWAN, J. Ecological embeddedness: na interrogation and refinement of the concept within the context of alternative food networks in the UK. **Journal of Rural Studies**, v. 27, n. 3, p. 322-330, 2011.

MOUNT, P. Growing local food: scale and local food systems governance. **Agriculture And Human Values**, v. 29, n. 1, p. 107-121, 2011.

MURDOCH, J. Networks: a new paradigm of rural development? **Journal of rural studies**, v. 16, n. 4, p. 407-419, 2000.

MURDOCH, J.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Quality, nature, and embeddedness: some theoretical considerations in the context of the food sector. **Economic geography**, v. 76, n. 2, p. 107-125, 2000.

MURDOCH, J.; MIELE, M. 'Back to Nature': changing 'worlds of production' in the food sector. **Sociologia Ruralis**, v. 39, n. 4, p. 465-483, 1999. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9523.00119>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PARROTT, N.; WILSON, N.; MURDOCH, J. Spatializing quality: regional protection and the alternative geography of food. **European Urban and Regional Studies**, v. 9, n. 3, p. 241-261, 2002.

PENKER, M. Mapping and measuring the ecological embeddedness of food supply chains. **Geoforum**, v. 37, n. 3, p. 368-379, 2006.

PLOEG, J. D. *et al.* Rural development: from practices and policies towards theory. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 391-408, 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9523.00156>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PLOEG, J. D. *et al.* On regimes, novelties, niches and co-production. **Seeds of Transition: Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture**, p. 1-27, 2004.

POLANYI, K.; MACIVER, R. M. **The great transformation**. Boston: Beacon Press, 1944.

POLE, A.; GRAY, M. Farming alone? What's up with the "C" in community supported agriculture. **Agriculture And Human Values**, v. 30, n. 1, p. 85-100, 2012.

POLLAN, M. **The omnivore's dilemma: a natural history of four meals**. Londres: Penguin Press, 2006.

RAYNOLDS, L. T. Re-embedding global agriculture: the international organic and fair trade movements. **Agriculture and Human Values**, v. 17, n. 3, p. 297-309, 2000.

RAY, L.; SAYER, A. (Eds.). **Culture and economy after the cultural turn**. Sage, 1999.

RENTING, H.; MARSDEN, T. K.; BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.

RODRIGUES, M. P. L. Citações nas dissertações de mestrado em ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 35-59, 1982.

SAGE, C. Social embeddedness and relations of regard. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 47-60, jan. 2003.

SCHNEIDER, Sergio et al. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 167-188, 2020.

SELFA, T.; QAZI, J. Place, Taste, or Face-to-Face? Understanding Producer–Consumer Networks in “Local” Food Systems in Washington State. **Agriculture And Human Values**, v. 22, n. 4, p. 451-464, 2005.

SEYFANG, G. Ecological citizenship and sustainable consumption: Examining local organic food networks. **Journal Of Rural Studies**, v. 22, n. 4, p. 383-395, 2006.

SHAVER, K. G.; SCOTT, L. R. Person, process, choice: The psychology of new venture creation. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 16, n. 2, p. 23-46, 1992.

SI, Z.; SCHUMILAS, T.; SCOTT, S.. Characterizing alternative food networks in China. **Agriculture and Human Values**, v. 32, n. 2, p. 299-313, 2014.

SLOCUM, R. Whiteness, space and alternative food practice. **Geoforum**, v. 38, n. 3, p. 520-533, maio 2007.

SMALL, H. Co-citation in the scientific literature: A new measure of the relationship between two documents. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 24, n. 4, p. 265-269, 1973.

SMIRAGLIA, R. P. ISKO 11's diverse bookshelf: An editorial. **Knowledge organization**, v. 38, n. 3, p. 179-186, 2011.

SMITH, J.; JEHLIČKA, P. Histórias sobre comida, política e mudanças na Polônia e na República Tcheca. **Transações do instituto de British Geographers**, v. 32, n. 3, p. 395-410, 2007.

SMITHERS, J.; LAMARCHE, J.; JOSEPH, A. E. Unpacking the terms of engagement with local food at the farmers' market: Insights from Ontario. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 3, p. 337-350, 2008.

SONNINO, R. Embeddedness in action: Saffron and the making of the local in southern Tuscany. **Agriculture And Human Values**, v. 24, n. 1, p. 61-74, 2006.

SONNINO, R. The power of the place: insertion and local food systems in Italy and the United Kingdom. **Anthropology of Food**, n. S2, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aof/454>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SONNINO, R.; MARSDEN, T. Beyond the divide: rethinking relationships between alternative and conventional food networks in Europe. **Journal Of Economic Geography**, v. 6, n. 2, p. 181-199, 2005.

STORPER, M. **The regional world**: territorial development in a global economy. Guilford Press, 1997.

THEÓPHILO, C. R. Algumas reflexões sobre pesquisas empíricas em contabilidade. **Caderno de Estudos**, n. 19, p. 1-8, 1998.

THORNE, T. C. **The many hands of my relations**: french and indians on the Lower Missouri. Columbia: University of Missouri, 1996.

THRIFT, N.; OLDS, K. Refiguring the economic in economic geography. **Progress in human geography**, v. 20, n. 3, p. 311-337, 1996.

TREGEAR, A. Progressing knowledge in alternative and local food networks: Critical reflections and a research agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 27, n. 4, p. 419-430, 2011.

VANZ, S. A. S.; STUMPF, I. R. C. Procedimentos e ferramentas aplicados aos estudos bibliométricos. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 2, p. 67-75, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/4817>. Acesso em: 14 jul. 2020.

VENN, L. *et al.* Researching European 'alternative' food networks: some methodological considerations. **Area**, v. 38, n. 3, p. 248-258, 2006.

WATTS, D. C. H.; ILBERY, B.; MAYE, D. Making reconnections in agro-food geography: alternative systems of food provision. **Progress In Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 22-40, 2005.

WHATMORE, S.; STASSART, P.; RENTING, H. What's Alternative about Alternative Food Networks? **Environment And Planning A**, v. 35, n. 3, p. 389-391, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a3621>. Acesso em: 5 jun. 2020.

WHITE, H. D.; GRIFFITH, B. C. Author cocitation: A literature measure of intellectual structure. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 32, n. 3, p. 163-171, 1981.

WILKINSON, J. A new paradigm for economic analysis? Recent convergences in French social science and an exploration of the convention theory approach with a consideration of its application on the analysis of the agro-food system. **Economy and Society**, v. 26, n. 3, p. 305-339. 1997.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores**: o novo mundo da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

WILKINSON, J. Os mercados não vem mais do "Mercado". *In*: CHARÃO-MARQUES, Flávia; CONTERATO, Marcelo Antônio; SCHNEIDER, Sergio (Orgs.). **Construção de mercados e agricultura familiar**: desafios para o desenvolvimento rural. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

WILLIAMS, B.; ONSMAN, A.; BROWN, T. Exploratory factor analysis: A five- step guide for novices. **Australasian Journal of Paramedicine**, v. 8, n. 3, 2010. Disponível em: <https://ajp.paramedics.org/index.php/ajp/article/view/93>. Acesso em: 11 jul. 2020.

WINTER, M. Geographies of food: agro-food geographies making reconnections. **Progress in Human Geography**, v. 27, n. 4, p. 505-513, 2003.

WISKERKE, J. On places lost and places regained: reflections on the alternative food geography and sustainable regional development. **International Planning Studies**, v. 14, n. 4, p. 369-387, 2009.

### ESTUDO 3 - CADEIAS CURTAS DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS: UMA CARACTERIZAÇÃO NOS MERCADOS LOCAIS POR MEIO DOS ESTUDOS EMPÍRICOS

**RESUMO:** Este estudo objetiva analisar o enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos. Para tanto, utilizou-se a metodologia de revisão sistemática para analisar as publicações sobre as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, disponibilizadas nas bases *Web of Science*, *SCOPUS* e material complementar. Para isso, utilizou-se como apoio o *software* Ucinet®. Os resultados encontrados apontaram que, dos 26 trabalhos pesquisados, publicados de 2014 até 2019, 21 possuem aplicabilidade empírica. É possível vislumbrar, nesses estudos, que o aspecto social é o que possui o maior destaque, porque são capazes até de servir de ponte entre diferentes mundos sociais, tanto em seus componentes de necessidades quanto nos de seu potencial. Já o aspecto econômico aparece às vezes de forma neutra ou tendo a principal motivação na redução de custos de transporte e eliminação dos agentes intermediários que representavam gastos pesados. Algumas questões, como os cuidados ambientais de pequena escala em pequenas propriedades, por exemplo, mostram-se como lacunas do estudo, o que suscita a questão: as SFSCs (*Short food supply chains*) serão capazes de limitar os danos ambientais gerados e se conseguirão, além disso, promover externalidades positivas produzidas por alguns modelos de agricultura, em termos de aprimoramento da paisagem ou de proteção da agrobiodiversidade? O papel da confiança na relação produtor/consumidor mereceu destaque. Os demais estudos são pesquisas referentes ao perfil de consumidores ou de agricultores, pesquisas de comportamento e sociodemográficas. Este estudo demonstra a necessidade de mais trabalhos, com metodologias de avaliação que se concentrem em dinâmicas evolutivas temporais, espaciais e de demanda envolvidas nas cadeias curtas de abastecimentos de alimentos de modo a avaliar se elas são econômica, social e ambientalmente mais sustentáveis a longo prazo.

**Palavras-chave:** Papel da Confiança. Sustentabilidade. Relação produtor/consumidor

### SHORT FOOD SUPPLY CHAINS: A CHARACTERIZATION OF LOCAL MARKETS THROUGH EMPIRICAL STUDIES

**ABSTRACT:** This study objective to analyze the relationship that producers and consumers have in their interaction in local markets through empirical studies in short food supply chains. For this purpose, the systematic review methodology was used to analyze publications on short food supply chains, available on *Web of Science*, *SCOPUS*, and complementary material. For that, Ucinet® software was used as support. The results found pointed out that, from the 26 researched works, published from 2014 to 2019, 21 have empirical applicability. It is possible to see, in these studies, that the social aspect is the one that had the most significant prominence, because they are even able to serve as a bridge between different social contexts, both in their components of needs and those of their potential. On the other hand, the economic aspect appeared, at times, neutrally, or with the primary motivation in reducing transportation costs and eliminating the intermediary agents that represented heavy

expenses. Some issues, such as small-scale environmental care on small properties, for example, show up as gaps in the study, which raises the question: will SFSCs (Short food supply chains) be able to limit the environmental damage generated and, besides that, to promote positive externalities produced by some agricultural models, in terms of improving the landscape or protecting agrobiodiversity? The role of trust in the producer/consumer relationship was highlighted. The other studies are surveys referring to the profile of consumers or farmers, behavior surveys, and sociodemographic surveys. This study demonstrates the need for more work, with assessment methodologies, that focus on evolutionary temporal, spatial, and demand dynamics involved in short food supply chains in order to assess whether they are economically, socially, and environmentally more sustainable in the long term.

**Keywords:** Role of trust. Sustainability. Farmer/Consumer relationship.

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema alimentar convencional trouxe o aumento da distância entre o produtor e o consumidor. Em decorrência disso, as riquezas e o poder têm se consolidado entre poucas corporações, cada vez mais industrializadas e mercantilizadas. Essas questões trouxeram preocupações com as repercussões éticas das práticas de consumo e estão relacionadas com o impacto do sistema agroalimentar convencional sobre as pessoas, as comunidades e as regiões com relação à qualidade, saúde, ambiente, acesso aos alimentos, aspecto econômico e desigualdades sociais (ARAMENDI; ZUBILLAGA; ZALDUA, 2018). Os agricultores de pequena escala não se adaptaram quando tentaram se juntar ao convencional. Por conta disso, têm havido tentativas de combate aos efeitos negativos da agricultura intensificada, concentrada e especializada, a fim de explorar vantagem competitiva por meio de um chamado movimento de alimentos local (ILBERY; BOWLER, 1998).

Esse conceito de “local”, por muitas vezes, está associado a atributos como qualidade, origem, frescura, a “naturalidade” da produção agroalimentar (RENTING *et al.*, 2003), a agricultura ecologicamente correta e/ou agricultura de pequena escala. O conceito vem sendo amplamente discutido no meio acadêmico nas mais diversas áreas, como na geografia, filosofia, sociologia rural e econômica e economia agrícola (BELLIVEAU, 2005).

Um dos meios de disseminação dessas práticas, reconhecidas na literatura por fazerem parte das cadeias curtas de abastecimento alimentar (*Short food supply chains* – SFSCs), refere-se a qualquer forma de venda direta dos agricultores para o

consumidor (ILBERY; MAYE, 2005) e é frequentemente usado em oposição aos sistemas de suprimento global de alimentos tradicionais com base na produção em grande escala e padronização do produto. As SFSCs abrangem esquemas de vendas diretas nas propriedades, feiras locais, lojas de agricultores, mercados de agricultores/produtores, vendas de porta em porta, comércio eletrônico, formas de codivisão dos riscos de produção dos alimentos entre produtores e consumidores, todas destinadas a minimizar o número de intermediários (BIMBO *et al.*, 2015).

Este trabalho contribui para a discussão sobre o potencial das SFSCs na transição para um sistema mais sustentável e incide sobre os participantes do núcleo que estão envolvidos nas SFSCs: consumidores, retalhistas/organizadores do mercado e produtores.

Diante desse contexto, o problema desta pesquisa é o seguinte: *Quais são as formas de caracterização de imersão que se manifestam nas interações entre produtores e consumidores nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos nos mercados locais?* Buscando responder a essa questão, o objetivo deste estudo é analisar o enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos, visando analisar os impactos do ponto de vista econômico, social e ambiental.

Para tanto, esta revisão sistemática está dividida em três seções na sua estrutura. Além desta introdução, apresenta-se a metodologia adotada para a seleção das publicações; posteriormente, as publicações que foram selecionadas pela metodologia; na sequência, os mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e a aplicabilidade dos estudos empíricos que buscam responder ao objetivo desta pesquisa; e, por fim, as considerações finais e sugestões para futuras pesquisas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para Rossi e Guidi (2008), o termo “cadeia curta” também pode ter outras denominações na literatura, como circuitos curtos, redes ou sistemas agroalimentares alternativos. Seja qual for a denominação, a maioria das iniciativas vislumbra criar alternativas às modalidades organizativas do sistema agroalimentar, buscando o

encurtamento das distâncias, sejam elas físicas, sociais, culturais e econômicas entre a produção e o consumo.

Renting, Marsden e Banks (2017) defendem que o conceito de SFSC é mais específico do que o conceito de redes agroalimentares alternativas (RAA) e abrange as inter-relações entre os atores que estão diretamente envolvidos na produção, no processamento, na distribuição e no consumo de produtos alimentares. Por essas razões, ao invés dos adjetivos “novo” e “alternativo”, os autores optaram por usar o termo “curto” como um denominador comum para os tipos de cadeias de abastecimento alimentar. As relações produtor-consumidor são “encurtadas” e redefinidas por meio de indicações claras da procedência e dos atributos de qualidade dos alimentos e da informação de cadeias transparentes, por meio das quais o consumidor tem acesso a produtos que portam considerável informação de valor. E, por esse conceito se apresentar mais específico e condizente com o objetivo deste trabalho, doravante usaremos o termo “SFSC”.

Nesse sentido, as SFSCs representam um mercado alternativo de alimentos, que, além de minimizar os intermediários, oferecem produtos que incorporam a localização das economias e bem-estar social (MARSDEN *et al.*, 2000), representando uma oportunidade real para garantir a renda da agricultura (ALLEN *et al.*, 2003).

Essas pequenas propriedades concentram suas linhas de abastecimento em circuitos curtos, estabelecidas em âmbito local para os consumidores, que podem, portanto, ter acesso aos produtos frescos e de alta qualidade, no cômputo geral, com os preços relativamente baixos, enquanto, ao mesmo tempo, restabelecem relações sociais com os agricultores (LA TROBE, 2001; LYON *et al.*, 2009).

Outro aspecto que a literatura vem mostrando, especialmente em estudos que adotam uma perspectiva positiva, é o impacto positivo de SFSCs sobre o meio ambiente (MURDOCH; MIELE, 1999). Sob uma nova perspectiva para a agricultura e para a produção de alimentos (ILBERY; MAYE, 2005), nas últimas duas décadas, autores apoiam um novo modelo agrícola, que assume uma direção multifuncional e diversificada. Isso significa que existem outras funções além daquelas típicas de produção de alimentos, por exemplo, por meio do desenvolvimento de serviços ecológicos, culturais e sociais (HENKE, 2004). Ao mesmo tempo, as fazendas são encorajadas a introduzir iniciativas de diversificação economicamente viáveis e medidas agroambientais para mudar as fases de processamento do produto e de

vendas em nível local (BANKS; MARSDEN, 2000; GARDINI; LAZZARIN, 2007; CICATIELLO; FRANCO; PANCINO, 2008), de modo que a agricultura possa contribuir ativamente para o desenvolvimento rural (MASTRONARDI *et al.*, 2015).

Vitterso *et al.* (2019) defende que, tanto na literatura de pesquisa quanto no discurso público, cadeias curtas de abastecimento alimentar são muitas vezes vistas como uma forma alternativa de distribuição de alimentos com importância para a transição sustentável do sistema alimentar. As SFSCs diferem das cadeias longas de alimentos convencionais por terem um número limitado de atores econômicos (pela proximidade espacial) e pela proximidade geográfica entre produtores e consumidores. A reconexão de produção e consumo é frequentemente considerada como a forma mais transparente de distribuição de alimentos, que reforça as relações entre produtores e consumidores no sentido de práticas mais sociais, equitativas e mais justas.

Diversos exames de SFSCs apontam para benefícios que levam a conclusões matizadas e, até mesmo, em alguns casos, ao seu questionamento. Por exemplo, sistemas de marketing que trazem os consumidores e produtores mais próximos não estão livres de relações de poder. Na verdade, nem todos os agricultores são iguais perante os consumidores desses sistemas, que são geralmente bem-educados e de classe média (HINRICHS, 2000; MUNDLER, 2007). SFSCs são, portanto, mais acessíveis aos produtores que falam a mesma língua que seus consumidores e que compartilham valores sociais, econômicos e ambientais semelhantes (JAROSZ, 2011). Vários estudos mostram que os agricultores determinam seus preços com base em suas estimativas dos consumidores, sua disposição para pagar (TEGTMEIER; DUFFY, 2005; BROWN; MILLER, 2008; MUNDLER, 2013).

Sellitto, Vial e Viegas (2017) consideram as iniciativas das SFSCs relevantes para a redução das distâncias e atores econômicos entre produtores e consumidores de alimentos associados ao conceito de comida local, o que significa características distintas de produtos, matérias-primas e métodos ecológicos, e receita direta para as famílias (SAGE, 2003). O surgimento de sinergias entre a agricultura e outras atividades rurais, como o turismo e artesanato (GRALTON; VANCLAY, 2009), bem como ganhos econômicos fornecidos por aspectos logísticos diminuídos (RONG *et al.*, 2011), são efeitos importantes das cadeias curtas de abastecimento alimentar.

### 3 METODOLOGIA

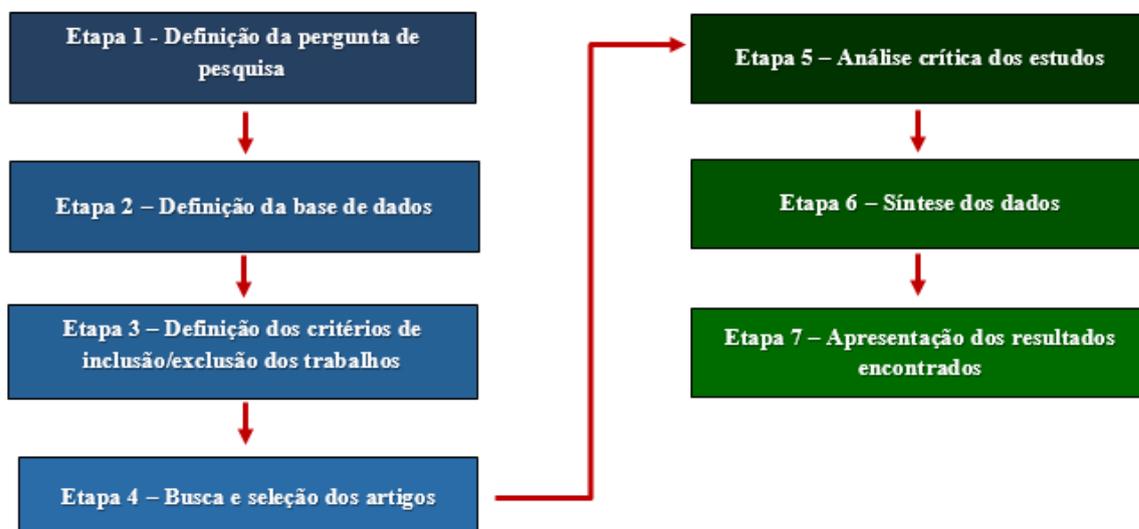
Com o intento de atingir o objetivo proposto neste trabalho, utilizou-se a análise sistemática. A revisão sistemática é realizada a partir de pesquisas já publicadas, por meio de critérios de corte e análise como fonte de recursos que norteiam uma nova pesquisa (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Essa metodologia implica uma série de ações para que se alcance o objetivo proposto, assim, será utilizado o tipo de pesquisa exploratória, que, de acordo com Lakatos e Marconi (2010), é aquela que permite que o pesquisador tenha maior contato com o fenômeno estudado.

Uma revisão sistemática intenta, como qualquer estudo, uma questão clara, critérios de seleção bem definidos – de modo que garanta a qualidade dos estudos sintetizados e possa ser reproduzida posteriormente – e uma conclusão que forneça novas informações com base no conteúdo encontrado (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Assim, revisões bem estruturadas podem auxiliar na atualização e construção de novas diretrizes para atuação profissional ou ida a campo em busca de soluções para artigos originais.

De acordo com Sampaio e Mancini (2007), a revisão sistemática é uma investigação que examina os dados secundários em busca de indicativos sobre determinado tema e objetiva integrar as informações de um agrupamento de estudos realizados separadamente sobre determinado tema. Esses estudos podem apresentar resultados contraditórios ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando no direcionamento de pesquisas futuras.

Para De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2011), a pesquisa sistemática é um método rigoroso, que apresenta como proposta a identificação dos estudos sobre determinado tema, cultivando métodos explícitos e sistematizados de procura, aferindo a qualidade e também a validade dos estudos, como o objetivo deste estudo. Esse tipo de pesquisa orienta o autor no ato de sintetizar os dados já existentes e apresentados nas pesquisas primárias, apurar hipóteses, mensurar amostras e auxiliar na definição de agendas dos futuros trabalhos, assim como preconiza Sampaio e Mancini (2007). As etapas da revisão sistemática são apresentadas na sequência, na Figura 1.

**Figura 1:** Etapas da revisão sistemática



Fonte: Adaptado de Silva e Bertolini (2019)

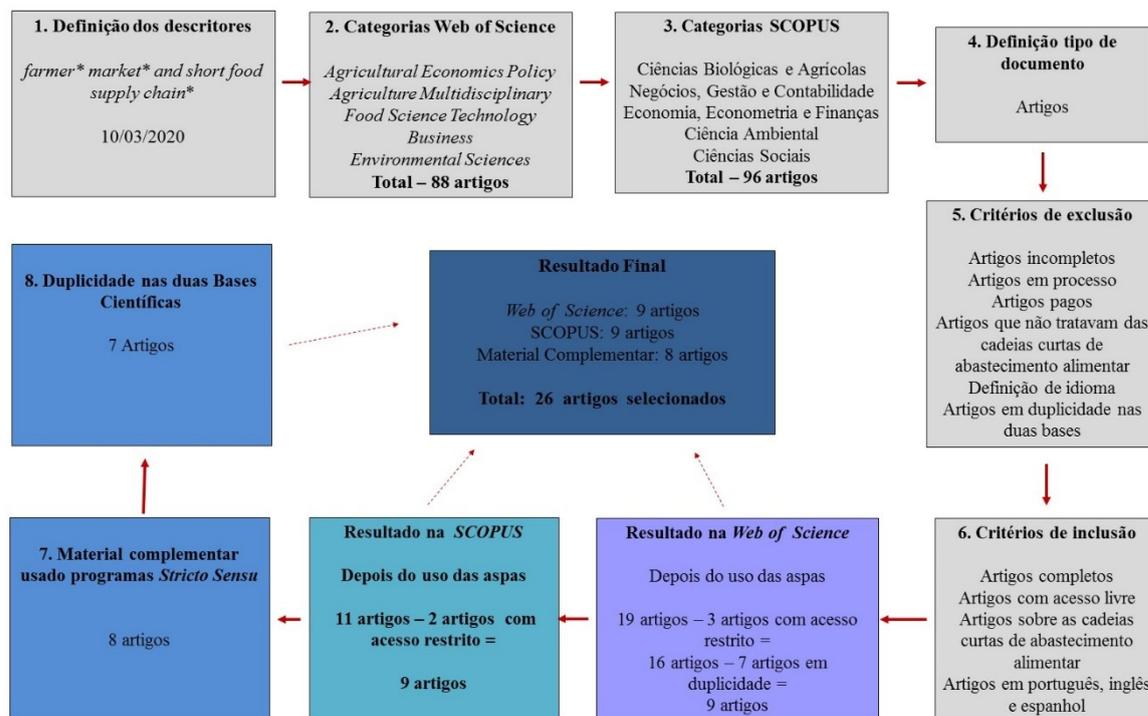
Foram analisadas publicações sobre as cadeias curtas de abastecimento de alimentos disponibilizadas nas bases *Web of Science* e *SCOPUS*, e mais alguns estudos complementares e de igual importância sobre o tema, usados em programas *Stricto Sensu*. O recorte de pesquisa é transversal e a coleta se deu em 10 de março de 2020, nas bases indexadoras.

Os parâmetros de inclusão/exclusão para a seleção dos artigos se deram a partir da utilização dos seguintes descritores: *farmer\* market\* and short food supply chain\**, sem limitação de período e sem restrição de tipo de documento. Na *Web of Science*, obteve-se o resultado de 88 artigos. Com o refinamento de busca, utilizaram-se os mesmos termos entre aspas e obtiveram-se 19 artigos. A busca na base *SCOPUS* resultou em 96 documentos, totalizando 184 documentos nas duas bases. Ampliaram-se os critérios de inclusão/descrição com os itens: idioma, tipo de documento e acessibilidade (o artigo ser livre ou pago). Apesar de o *Qualis* reconhecer e classificar as melhores pesquisas no Brasil, como indicado por Soeiro e Wanderley (2019), só são classificados os periódicos de programas de pós-graduação, e, como o intuito desta pesquisa foi identificar o uso/discussão de uma teoria, optou-se por não colocá-lo nos parâmetros e inclusão/exclusão.

O levantamento complementar usado dentro dos programas *Stricto Sensu* tem como critérios de inclusão/exclusão ser da área de Negócios e Mercados da Agricultura Familiar, discutir sobre as cadeias curtas de abastecimento alimentar e

estar entre o período de 2016 e 2020 e a busca resultou em 8 artigos, além do acesso ao trabalho completo. A Figura 2 mostra o processo adotado.

**Figura 2:** Critérios de inclusão e exclusão da seleção dos materiais



Fonte: Adaptado de Silva e Bertolini (2019)

Como pode ser observado, selecionaram-se ao todo 26 documentos, sendo 18 artigos completos, com acesso livre nos idiomas português, inglês ou espanhol, e 8 artigos do material complementar, que abordam as cadeias curtas de abastecimento de alimentos dos programas de *Stricto Sensu*. Dentre os documentos excluídos da base *SCOPUS*, havia 2 artigos com acesso restrito, e, da base *Web of Science*, havia 3 artigos com acesso restrito e 7 artigos em duplicidade, contidos também na base *SCOPUS*.

Adotaram-se como critérios de inclusão os artigos completos, com acesso livre, que estão em português, inglês ou espanhol e que discorrem sobre as cadeias curtas de abastecimento de alimentos com os descritores apresentados. Os critérios de exclusão estabelecidos foram artigos incompletos, pagos ou que não tratavam do assunto da pesquisa. Considerando todos esses critérios, a pesquisa resultou em 9

artigos da *Web of Science*, 9 artigos da *SCOPUS* e 8 artigos do material complementar, totalizando 26 artigos selecionados para esta pesquisa.

Para tanto, utilizou-se, como instrumento de análise de dados, o *software* UCINET®. Dentre os softwares de análise de redes sociais existentes, a escolha recaiu sobre esse por possibilitar a análise de todas as métricas necessárias à extração dos conhecimentos referentes aos relacionamentos existentes na instituição analisada. Destaca-se que, para a criação da nuvem de palavras, utilizou-se o *site* <https://www.wordclouds.com/>. Por meio deles, realizou-se a análise bibliométrica e sociométrica, assim, foi possível identificar a relação entre as variáveis relevantes para esta pesquisa, já que permitem estimar o grau de relevância de periódicos em uma área do conhecimento; relacionar a produtividade de autores; e relacionar a frequência de palavras em determinado texto, ou nos textos selecionados. Por meio da nuvem de palavras, identificaram-se as 87 palavras mais frequentes e, conseqüentemente, mais importantes dos artigos. Também foi possível identificar quantas vezes outras palavras importantes para o estudo, como cadeias curtas de abastecimento alimentar, aparecem nos textos.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na sequência, são apresentados os 18 artigos e os 8 artigos do material complementar. Estes serão analisados com o intuito de responder à pergunta de pesquisa: Quais são as diversas formas de caracterização de imersão que se manifestam nas interações entre produtores e consumidores nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos nos mercados locais?

Como é possível observar no Quadro 1, os artigos selecionados para esta pesquisa estão distribuídos em várias revistas, a maioria internacionais. Os capítulos de livros foram selecionados de uma universidade com programa com nota 6 na avaliação da CAPES. O Quadro 1 apresenta dados dos artigos selecionados, como os nomes dos autores, ano de publicação, título da pesquisa, periódico e país onde o estudo foi realizado. Os dados são apresentados na sequência.

Quadro 1: Dados dos artigos selecionados

N.	AUTOR(ES)	TÍTULO	REVISTA	PAÍS
<b>WEB OF SCIENCE</b>				
1	Forssell; Lankoski (2015)	The sustainability promise of alternative food networks: an examination through “alternative” characteristics	Agric Hum Values	Finlândia
<b>Palavras-chave</b>		Alternative food networks, Localized food systems, Short food supply chains, Sustainability		
2	Giampietri; Finco; Del Giudice (2015)	Exploring Consumers’ Attitude Towards Purchasing In Short Food Supply Chains	Quality – Access to Success	Itália
<b>Palavras-chave</b>		Short food supply chains, Theory of Planned Behavior, Consumers’ Attitudes, Principal Component Analysis		
3	Konečný; Hajná; Zdráhal (2016)	A few notes on the study of short food supply chains on the example of farm boxes in the Czech Republic	International Scientific Days 2016. The Agri-Food Value Chain: Challenges for Natural Resources Management and Society	República Tcheca
<b>Palavras-chave</b>		Short food supply chains, Alternative food networks, The Czech Republic, Box schemes, Regional differentiation		
4	Mundler; Laughrea (2016)	The contributions of short food supply chains to territorial development: A study of three Quebec territories	Journal of Rural Studies	Canadá
<b>Palavras-chave</b>		Short food supply chains, Local food systems, Territorial development, Sustainable food system		
5	Giampietri <i>et al.</i> (2017)	A Theory of Planned behaviour perspective for investigating the role of trust in consumer purchasing decision related to short food supply chains	Food Quality and Preference	Itália
<b>Palavras-chave</b>		Trust structural equation modelling, Short food supply chains, Consumer behaviour, Theory of planned behaviour		
6	Sellitto; Vial; Viegas (2017)	Critical success factors in Short Food Supply Chains: case studies with milk and dairy producers from Italy and Brazil	Journal of Cleaner Production	Brasil e Itália
<b>Palavras-chave</b>		Short food supply chain, Food supply chain, Organic production, Cultural heritage		
7	Szabó (2017)	Determining the target groups of Hungarian short food supply chains based on consumer attitude and socio-demographic factors	Studies in Agricultural Economics	Hungria
<b>Palavras-chave</b>		Consumer behaviour, consumer clusters, food consumption, local foods		
8	Wang <i>et al.</i> (2018)	Farmers’ Attitudes towards Participation in short Food Supply Chains: Evidence from a Chinese field research	Revista Ciências Administrativas	China
<b>Palavras-chave</b>		Short Food Supply Chain, Mercado de agricultores, Entrevista semiestruturada, Estudo piloto		
9	Stanco <i>et al.</i> (2019)	Consumers’ and farmers’ characteristics in short food supply chains: an exploratory analysis	Studies in Agricultural Economics	Itália
<b>Palavras-chave</b>		Farmers’ market, Food related lifestyle, Edinburgh farming attitudes scale, Consumers, Farmers		

## Quadro 1 – Continuação

<b>SCOPUS</b>				
<b>10</b>	Belliveau (2005)	Resisting Global, Buying Local: Goldschmidt Revisited	The Great Lakes Geographer	Canadá
<b>Palavras-chave</b>		Local food, short food supply chains, corporate agriculture, meaning of local, farmers' markets, Goldschmidt		
<b>11</b>	Syrovátková; Hrabák; Spilková (2014)	Farmers' markets' locavore challenge: The potential of local food production for newly emerged farmers' markets in Czechia	Renewable Agriculture and Food Systems	República Tcheca
<b>Palavras-chave</b>		Farmers' markets, supply potential, small farms, local food, Czechia, Prague		
<b>12</b>	Bimbo <i>et al.</i> (2015)	The Hidden Benefits of Short Food Supply Chains: Farmers' Markets Density and Body Mass Index in Italy	International Food and Agribusiness Management Review	Itália
<b>Palavras-chave</b>		Farmers' markets, BMI, obesity, supermarket access, quantile regression		
<b>13</b>	Mastronardi <i>et al.</i> (2015)	Exploring the Role of Farmers in Short Food Supply Chains: The Case of Italy	International Food and Agribusiness Management Review	Itália
<b>Palavras-chave</b>		Short food supply chains, sustainability, indicators, farmers, Italy		
<b>14</b>	Aiello <i>et al.</i> (2017)	A Multi Objective Approach to Short Food Supply Chain Management	Chemical Engineering Transactions - The Italian Association of Chemical Engineering	Itália
<b>Palavras-chave</b>				
<b>15</b>	Demartini; Gaviglio; Pirani (2017)	Farmers' motivation and perceived effects of participating in short food supply chains: evidence from a North Italian survey	Agric. Econ. – Czech	Itália
<b>Palavras-chave</b>		Co-certification, farmers' market, local food, local trap, Short Food Supply Chains		
<b>16</b>	Aramendi; Zubillaga; Zaldúa (2018)	Who is feeding embeddedness in farmers' markets? A cluster study of farmers' markets in Gipuzkoa	Journal of Rural Studies	Espanha
<b>Palavras-chave</b>		Farmers' market, Embeddedness, Alternative food networks, Quality turn cluster analysis		
<b>17</b>	Benedek; Fertő; Molnár (2018)	Off to market: but which one? Understanding the participation of small-scale farmers in short food supply chains — a Hungarian case study	Agriculture and Human Values	Hungria
<b>Palavras-chave</b>		Local food systems, Farmers' markets, Discrete choice model, Transaction Cost Theory, Hungary		

Quadro 1 – Continuação

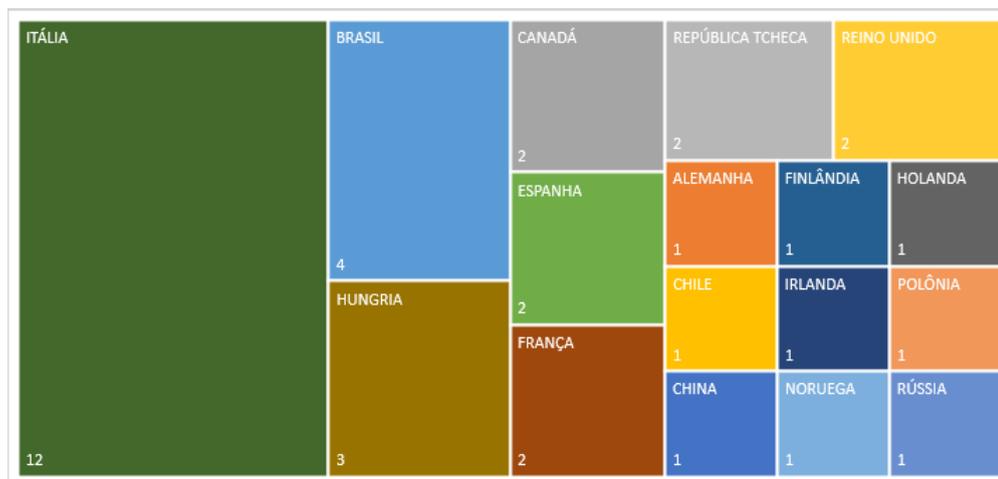
18	Vittersø <i>et al.</i> (2019)	Short Food Supply Chains and Their Contributions to Sustainability: Participants' Views and Perceptions from 12 European Cases	Sustainability	Noruega, Reino Unido, Itália, França, Polônia e Hungria
<b>Palavras-chave</b>	Short food supply chain (SFSCs), sustainability, case study, Europe, food systems, local			
<b>MATERIAL COMPLEMENTAR USADO EM PROGRAMAS STRICTO SENSU</b>				
<b>N.</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>LIVRO</b>	<b>PAÍS</b>
19	Renting; Marsden; Banks (2017)	Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel das cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Holanda, Reino Unido, Alemanha, Itália, Espanha, Irlanda e França
20	Rossi; Brunori (2017)	As cadeias curtas de abastecimento na inovação dos Grupos de Aquisições Solidárias (GAS): a construção social das práticas (alimentares) sustentáveis	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Itália
21	Belletti; Marescotti (2017)	Inovações econômicas em cadeias curtas de abastecimento alimentar	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Itália
22	Gazolla (2017a)	Cadeias curtas agroalimentares na agroindústria familiar: dinâmicas e atores sociais envolvidos	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Brasil

Quadro 1 – Continuação

23	Dias; Révillion; Talamini (2017)	Cadeias curtas de alimentos orgânicos: aspectos das relações de proximidade entre consumidores e agricultores no Brasil	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Brasil
24	Tonacca; Ramirez; Grüebler (2017)	Cadeias curtas: experiências e oportunidades no Chile e em outros países da América Latina	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Chile
25	Gromasheva; Brunori (2017)	Cadeias curtas de abastecimento alimentar em São Petesburgo (Rússia): perspectivas de desenvolvimento	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Rússia
26	Gazolla (2017b)	Por que muitos agricultores não formalizam o comércio de alimentos através das cadeias curtas?	Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar	Brasil

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quanto aos artigos da *SCOPUS* e *Web of Science*, dos 18 selecionados, 12 foram pesquisas desenvolvidas na Itália. Com relação aos 8 artigos do material complementar, os países que tiveram mais publicações foram Itália e Brasil, com 3 publicações cada, seguido de Rússia e Chile, com uma publicação cada. A Figura 3 expõe os países nos quais as pesquisas foram desenvolvidas.

**Figura 3:** Países das publicações

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

As pesquisas foram realizadas na Itália, correspondendo a cerca de 31%, totalizando 12 publicações. Em segundo lugar, têm-se as pesquisas realizadas no Brasil, com 4 publicações, totalizando cerca de 10%. Após estes, o país onde mais se desenvolveram estudos sobre SFSCs foi a Hungria, com 3 publicações, totalizando cerca de 7%. Os demais países apresentam margem percentual menor que 6%. Ressalta-se também que, dentre os estudos, alguns foram realizados em mais de um país, como é o caso do estudo de Renting, Marsden e Banks (2017), que abrangeu Holanda, Reino Unido, Alemanha, Itália, Espanha, Irlanda e França; o estudo de Sellitto, Vial e Viegas (2017), realizado na Itália e no Brasil; e o estudo recente de Vitterso *et al.* (2019), cuja pesquisa foi aplicada na Noruega, Reino Unido, Itália, França, Polônia e Hungria.

O fato da Itália ter o maior foco das pesquisas realizadas pode ser corroborado por se tratar de um dos países considerados com maior produção agrícola da União Européia (UE) e também pela própria cultura de comercialização de alimentos presente naquele país. Além disso, cerca de 68% dos estudos foram realizados em países da UE (totalizando 10 países – Alemanha, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Polônia e República Tcheca), o que indica que os investigadores deste grupo europeu têm maior interesse em adotar novos modos de sistema de abastecimento de alimentos. Além disso, uma diferença interessante entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento também foi notada. Brasil, China e Rússia foram os únicos países em desenvolvimento que têm pesquisas sobre SFSCs,

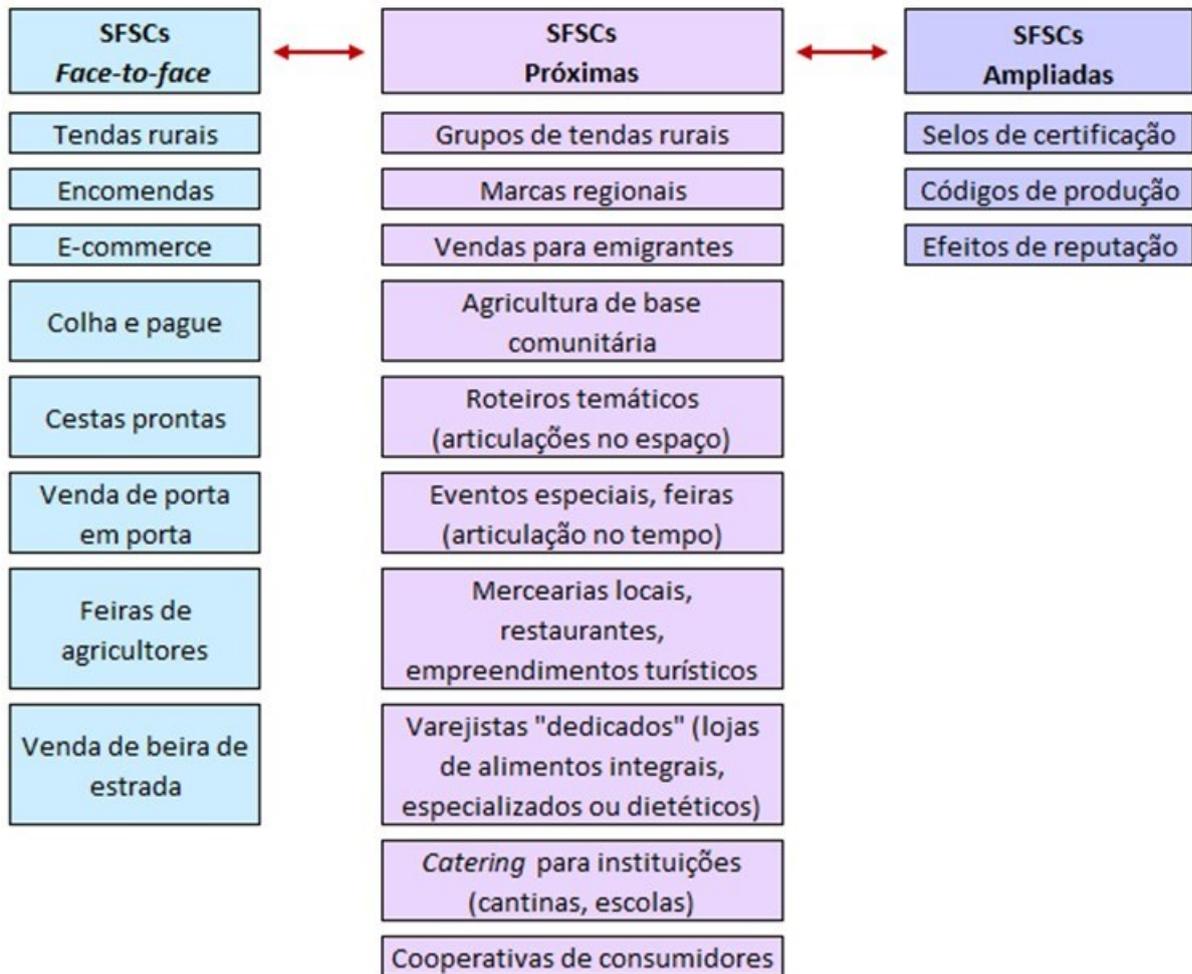
com um total de 6 publicações: 1 artigo na China, 1 artigo na Rússia e 4 artigos no Brasil (representando cerca de 15% das pesquisas).

Renting, Marsden e Banks (2003) se referem às cadeias curtas de abastecimento de alimentos como aquelas que, por sua natureza, empregam distintas construções sociais e equações com a ecologia, localidade, região, convenção de qualidade e culturas de consumo. Segundo esses autores, há três tipos de cadeias curtas (*short food supply chains* – SFSCs), identificadas como sendo: *face-to-face*, de proximidade espacial e espacialmente estendidas. Elas também podem ser classificadas ou caracterizadas por critérios de qualidade, em regionais/artesanais e ecológico-naturais.

Para Giampetri, Finco e Del Giudici (2015), as SFSCs desempenham um papel fundamental em tais redes alimentares emergentes, que representam nichos tradicionais ou alternativos de produção, distribuição, varejo e compra de alimentos. As SFSCs consistem nas interações no *face-to-face* (cara a cara) entre produtores e consumidores que podem compartilhar informações sobre a origem do produto e seu processo de produção e, nessa interação, os consumidores podem fazer seus próprios juízos de valor.

Estas interações podem ser vistas como um mecanismo para alinhar redes de consumidores e produtores. Os consumidores compram produtos diretamente do produtor ou do processador, de forma que autenticidade e confiança são medidas por meio de interações pessoais. A Figura 4 demonstra os mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos.

**Figura 4:** Mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos



Fonte: Adaptado de Renting, Marsden e Banks (2017)

Uma primeira categoria de SFSC baseia-se essencialmente em interações *face-to-face* das cadeias conforme demonstrado na Figura 4. Consumidores adquirem produtos diretamente do produtor, sendo autenticidade e confiança mediadas pela interação pessoal. Essa categoria coincide em boa parte por vendas diretas, realizadas por meio de tendas rurais, encomendas, *e-commerce*, “colha e pague”, cestas prontas, venda de porta em porta, feira de agricultores e vendas de beira de estrada (HOLLOWAY; KNEAFSEY, 2000). Conceitos de comercialização do tipo cestas prontas, encomendas e venda de porta em porta oferecem algumas possibilidades para ampliar o alcance dessa forma de SFSCs, estão em grande parte, restritos a propriedades rurais específicas. A internet proporciona hoje oportunidades para novas variações do contato *face-to-face*, por meio de comércio *online* e *e-commerce* (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2017).

A segunda categoria demonstrada na Figura 4 amplia seu alcance para além da interação direta e apoia-se essencialmente em relações de proximidade espacial das cadeias. Ampliar as SFSCs a distâncias mais longas no tempo e espaço supõe a criação de arranjos institucionais mais complexos. O mais comum é a cooperação entre produtores, que ampliam a variedade dos produtos que oferecem por meio da troca de produtos entre tendas rurais ou da combinação de determinados produtos sob uma marca de especialidade regional. Além desses exemplos, há cooperativas de consumidores, agricultura de base comunitária, que são grupos de consumidores/cidadãos que apoiam uma unidade agrícola local, obtendo uma participação da colheita em troca de dinheiro ou trabalho. Tanto o agricultor quanto o consumidor/cidadão compartilham os riscos e os benefícios da produção (KNEAFSEY *et al.*, 2013).

Uma terceira categoria também demonstrada na Figura 4 amplia ainda mais o alcance da SFSC das relações estendidas no tempo e no espaço. Os produtos são vendidos para consumidores fora da região de produção, que podem não ter qualquer experiência pessoal com aquela localidade. Em muitos casos, os produtos podem ser especialidades regionais e exportados de uma região para o mercado nacional, com cobertura global. Outro exemplo são produtos comercializados em sistema de *fair trade* (comércio justo). Tais redes globais ainda são cadeias “curtas” de abastecimento de alimentos: não é a distância percorrida pelo produto que constitui o fator crítico, e sim o fato de o produto incorporar informação portadora de valor ao alcançar o consumidor.

Segundo Renting, Marsden e Banks (2017), uma característica importante dessas novas cadeias é sua capacidade de ressocializar e reespecializar o alimento, possibilitando ao consumidor novas valorações sobre a conveniência relativa dos alimentos, com base em seu próprio conhecimento, experiência ou visão. Em geral, esses alimentos caracterizam-se em função do local.

Também nas SFSCs acontece a ressocialização e a reespecialização do alimento (MARSDEN *et al.*, 2000; HALLETT, 2012). Na verdade, a comida local pode ser um motor propulsor para o desenvolvimento territorial (crescimento de renda e de valor agregado territoriais) tanto nas áreas rurais como periurbanas (TREGGAR *et al.*, 2007;. AUBRY; KEBIR, 2013; KNEZEVIC *et al.*, 2013; O'NEILL, 2014), a expressão tornando-se de capital cultural e enraizamento rural (HINRICHS, 2000; SAGE, 2003; KIRWAN, 2004).

O mercado torna-se uma oportunidade de expressar ideias e valores individuais (de natureza ética e ambiental). De acordo com isso, o consumo torna-se um vetor para os consumidores, no intuito de construir uma nova identidade própria, para se comunicar declaradamente, para satisfazer a sua vontade própria e personalidade, para ser reconhecido e incluído por outras pessoas, até para maximizar sua própria felicidade por meio das escolhas de compra (CICIA *et al.*, 2012). Em consonância com esse fato, tornando-se expressão de capital cultural e enraizamento rural (HINRICHS, 2000; SAGE, 2003; KIRWAN, 2004). Na sociedade pós-moderna, o mercado torna-se uma oportunidade de expressar ideias e valores individuais de natureza ética e ambiental, SFSCs são encontrados para significativamente contribuir para muitos objetivos sociais, ambientais e econômicos sustentáveis relacionados com o setor agroalimentar (FORSSELL; LANKOSKI, 2014; ILBERY; MAYE, 2005).

Autores como: La Trobe (2001), Hunt (2007), SCHNEIDER (2008) e Tregear (2011) descobriram que a interação direta entre agricultores e consumidores e encontros repetidos podem fornecer aos consumidores uma sensação de confiança construída em um compartilhado *know-how* e uma compreensão mútua com os agricultores (MEYER *et al.*, 2012). Na verdade, essas iniciativas típicas *face-to-face* (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003), além de promoverem a interação entre os produtores e os consumidores, geram o compartilhamento de informações relacionadas à alimentação e seu processamento, bem como o compartilhamento de valores pessoais (O'KANE; WIJAYA, 2015). Assim, a confiança tende a minimizar as percepções negativas nas decisões de compra de alimentos (DING *et al.*, 2015), buscando superar a expectativa dos consumidores e promovendo as SFSCs e o desenvolvimento e sucesso entre os cidadãos. Além disso, ao reduzir a assimetria de informação, a confiança pode conduzir à lealdade e a novas relações sólidas entre os produtores e os consumidores (HARTMANN *et al.*, 2015). O papel da confiança influencia a escolha de alimentos e de consumo e as decisões de compra parecem ser cada vez mais importantes nos dias atuais (MUNDLER; LAUGHREA, 2016).

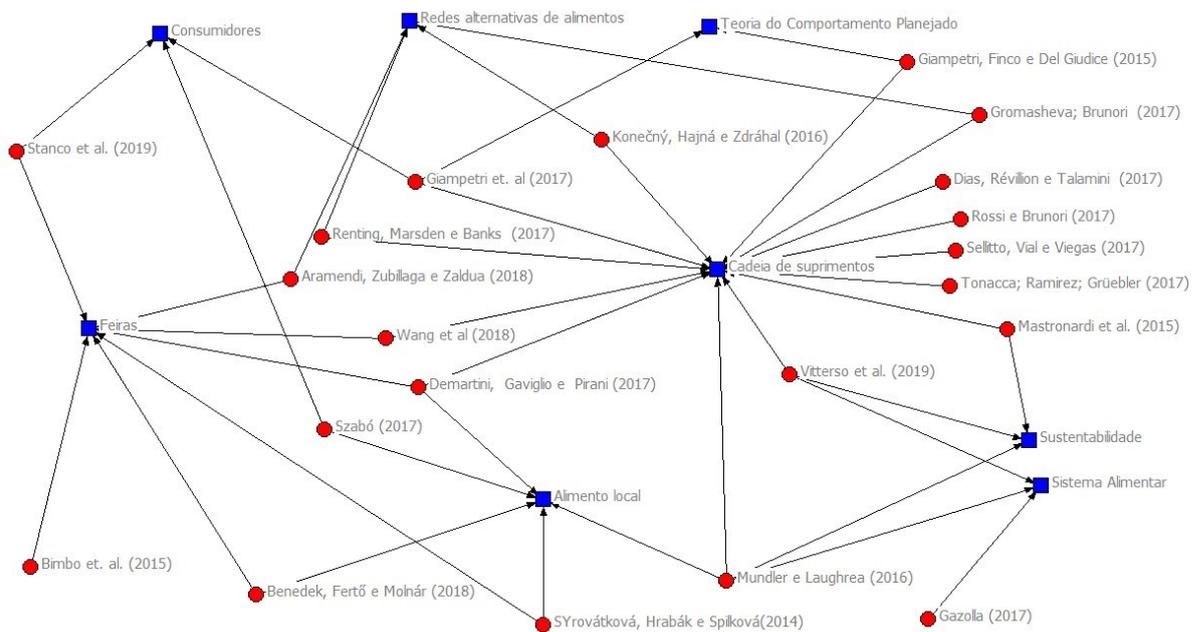
Numa visão menos positivista, Demartini, Gaviglio e Pirani (2017) atentam para esta questão: como esse é um mercado em expansão, poderia dar estímulos novos aos atores econômicos para participarem mais ativamente desse processo, pondo em risco, dessa forma, o valor do próprio sistema original? Mesmo que os consumidores e os produtores possam ter uma relação existente próxima, ainda pode

haver assimetria de informações e os agricultores poderiam se aproveitar da confiança do consumidor. Outro aspecto que pode oferecer perigo é, no caso dos orgânicos, que tais empresas tenham realmente recursos para introduzir produtos locais, correndo o risco de “globalizar o local” (LOCKIE, 2009).

Essa crítica tem o intento de recomendar as limitações por considerar uma descrição exaustiva e objetiva das oportunidades e dos riscos que se tem no que tange a avaliar as dimensões econômicas, sociais e ambientais da sustentabilidade das cadeias curtas de abastecimento de alimentos, a fim de escapar da “armadilha local” e divulgar os efeitos reais das SFSCs para o setor agroalimentar (BORN; PURCELL, 2006; KIRWAN; MAYE, 2013).

Com o intuito de verificar a relação entre a aplicabilidade empírica dos estudos e as palavras-chave, utilizou-se o UCINET® de Borgatti, Everett e Freeman (2002).

**Figura 5:** Relação entre estudos com aplicabilidade empírica e palavras-chave



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados gerados pelo UCINET® (2020)

Analisando a Figura 5, com base na técnica de Análise de Redes Sociais (ARS), demonstra-se que foi realizada uma seleção das palavras-chave mais citadas em todos os trabalhos empíricos, com exceção das duas palavras-chave (SFSC e *farmers market*), que foram descritores da metodologia utilizada e por tornarem a análise da Figura 5 redundante. É possível identificar que os 21 artigos empíricos

(atores ou nós) concentram-se em 8 palavras-chave e possuem fluxo unidirecional. Essa rede que se apresenta é caracterizada como monomodal, ou seja, são redes de um só tipo de ator. Um ator ou nó pode alcançar outro ou não, determinando o tipo de relação. Com isso, pode-se perceber que o índice de centralização mais forte pode ser observado nas palavras-chave “feiras”, “alimento local” e “cadeia de suprimentos”.

Dos 21 artigos selecionados que apresentam aplicabilidade empírica, 6 deles não apresentaram os termos-chave. Os demais tiveram entre 3 e 6 palavras-chave, e, ao todo, foram elencadas 87 palavras-chave pelos autores. Estas foram selecionadas por terem sido utilizadas por mais de um autor e por remeterem diretamente à teoria estudada.

Por meio do *site* <https://www.wordclouds.com/>, analisou-se a maior incidência de palavras que são citadas nos artigos selecionados. Os parâmetros delimitados foram: 87 palavras mais mencionadas, tamanho mínimo de 5 letras. Quanto ao agrupamento, optou-se por termos de correspondências exatas, com palavras derivadas e sinônimos. Foi excluído o termo “cadeias curtas de abastecimento de alimentos”, que é diretamente relacionado com a pesquisa, haja vista que, por tratar do assunto analisado, teria maior incidência de citações. O resultado é apresentado na Figura 6.



## Quadro 2: Aplicabilidade empírica dos estudos

Autor	Título
Syravátková; Hrabák; Spilková (2014)	<b>Farmers' markets' locavore challenge:</b> The potential of local food production for newly emerged farmers' markets in Czechia
Renewable Agriculture and Food Systems  República Tcheca	Na República Tcheca, o movimento local e de boa qualidade tem sido representado pelo crescimento de mercado de agricultores durante os dois últimos anos. O objetivo deste trabalho foi analisar o potencial do setor agrícola tcheco para abastecer a rede recentemente desenvolvida de mercado de agricultores. A abordagem quantitativa aplicada foi baseada nos dados estatísticos nacionais sobre o setor agrícola usado para desenvolver um conjunto de indicadores em mapas. Os resultados mostram um alto potencial teórico do setor agrícola da República Tcheca para os mercados de agricultores de abastecimento, porque há muitos pequenos agricultores que produzem produtos vendáveis a esses mercados. No contexto tcheco, onde a tradição de exploração das empresas independentes foi interrompido pelo país, a falta de experiência com empreendedorismo privado e de marketing entre os agricultores parece ser o principal obstáculo para um maior envolvimento dos agricultores para os mercados de agricultores. Pode ser também uma das razões para o baixo interesse dos agricultores em atuar nesses mercados.
Bimbo <i>et al.</i> (2015)	<b>The Hidden Benefits of Short Food Supply Chains:</b> Farmers' Markets Density and Body Mass Index in Italy
Studies in Agricultural Economics  Itália	À medida que mais agricultores adotam os circuitos curtos, os consumidores podem se beneficiar deles conforme o aumento do acesso a opções de alimentos mais saudáveis. Isso pode levar a potenciais benefícios sociais por meio de uma redução nas taxas de obesidade. A relação entre a presença no mercado de agricultores compostos por adultos italianos e o Índice de Massa Corporal (IMC) foi avaliada pela aplicação de regressão quantílica em um banco de dados, em nível individual transversal. Resultados ilustram que, para a maioria dos adultos italianos, uma maior densidade de mercados dos agricultores está associada com menor IMC e que essa relação torna-se mais marcada para indivíduos com maior IMC. À luz dos resultados, os formuladores de políticas podem prosseguir a possibilidade de adotar medidas que facilitem o desenvolvimento, o desempenho e a continuidade do SFSC como um meio para o bem-estar dos consumidores de apoio. Esse objetivo poderia ser perseguido de maneiras diferentes. Primeiro, os governos podem apoiar diretamente as SFSCs, empregando esquemas de contratos públicos "locais", aumentando a rentabilidade dos produtores de alimentos locais, bem como a qualidade nutricional dos alimentos servidos nas instituições públicas e o bem-estar das pessoas.

Quadro 2 - Continuação

Giampietri; Finco; Del Giudice (2015)	<b>Exploring Consumers' Attitude Towards Purchasing In Short Food Supply Chains</b>
Quality – Access to Success  Itália	Este estudo investigou a atitude do consumidor com relação a sua intenção de compra de alimentos em cadeias curtas de abastecimento (SFSCs), em vez de cadeias de mercado convencionais. Uma revisão de literatura relevante resume a preocupação das pesquisas sobre SFSCs e seus impactos. De acordo com a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), uma pesquisa foi realizada entre estudantes universitários na Itália, a fim de validar um questionário piloto e testes de variáveis comportamentais que têm efeito significativo sobre a intenção comportamental para SFSCs ligadas à preferência. Os resultados mostram que a sustentabilidade, conveniência e desenvolvimento local desempenham um papel fundamental na intenção que impulsiona as preferências de compras nas cadeias curtas. Como a intenção sob investigação pode ser considerada um antecedente do comportamento, há também muitas implicações políticas. Por exemplo, a escolha de ações apropriadas para promover SFSCs, como adaptar a comunicação e estratégias de marketing junto dos consumidores e agricultores. Essa pesquisa expandiu para outra na busca de mais amostras dos consumidores, a fim de investigar outras variáveis TCP subjacentes à intenção dos consumidores e comportamento em relação às compras em SFSCs e controle do comportamento percebido.
Mastronardi <i>et al.</i> (2015)	<b>Exploring the Role of Farmers in Short Food Supply Chains: the case of Italy</b>
International Food and Agribusiness Management Review  Itália	O objetivo deste artigo foi explorar o papel dos agricultores na Itália que estão envolvidos em cadeias curtas de abastecimento de alimentos (SFSCs), prestando especial atenção à sustentabilidade em termos de suas dimensões sociais, econômicas e ambientais. A pesquisa está baseada em um conjunto de indicadores ligados aos aspectos estruturais e econômicos, e também para questões relacionadas com o emprego de modelos ANOVA e MANOVA, que são usados para comportamentos destaque como o aspecto agrícola dentro SFSCs. A análise identificou a natureza complexa das relações entre fazendas envolvidas em vários esquemas de cadeias curtas de abastecimento alimentar em relação à sustentabilidade. Enquanto a dimensão social é muito importante no caso de mercados de agricultores e fazendas de cadeia multi, a dimensão ambiental é mais significativa para os grupos de compra de solidariedade e fazendas que vendem diretamente. A dimensão econômica tem um papel fundamental em cada um dos diferentes tipos. Para além dessas considerações, as SFSCs têm um lugar fundamental na promoção e alcance da sustentabilidade em nível local.
Konečný; Hajná; Zdráhal (2016)	<b>A few notes on the study of short food supply chains on the example of farm boxes in the Czech Republic</b>
International Scientific Days 2016  República Tcheca	Os autores exploraram a prática de esquemas de caixa (as chamadas caixas agrícolas) para descreverem aspectos do seu desenvolvimento, como uma das opções de substituição da forma tradicional de distribuição de alimentos e consumo de alimentos encontrada pelas cooperativas na República Tcheca. Os atores do uso do esquema de caixa oferecerem seus produtos por meio de canais <i>online</i> . A pesquisa revela uma diferenciação regional das caixas agrícolas na República Tcheca, nas relações com os clientes, com a sede, com os pontos de abastecimento e diferenças na natureza do produto, bem como na sua gestão.

Quadro 2 – Continuação

Mundler; Laughrea (2016)	<b>The contributions of short food supply chains to territorial development: a study of three Quebec territories</b>
ELSEVIER - Journal of Rural Studies Canadá	Este estudo traz contribuições para as SFSCs em termos de desenvolvimento territorial em três territórios contrastantes no Quebec. Desenvolveu-se um modelo que aponta quatro dimensões interligadas por meio de relações sistêmicas: bem-estar dos agricultores, desenvolvimento local, bem-estar da comunidade e proteção ambiental. Os resultados da pesquisa demonstraram que, quando se consideram os indicadores da pesquisa, as SFSCs apresentam um efeito positivo sobre os três territórios. Os que mais se destacaram positivamente são: a criação de empregos, o desenvolvimento de competências para os agricultores, a satisfação no trabalho e a adoção de práticas agrícolas sustentáveis. Os elementos mais neutros se relacionam com as receitas para os agricultores envolvidos em SFSCs, o peso econômico das SFSCs dentro da economia local, a influência de SFSCs sobre o acesso aos alimentos frescos e saudáveis e seus efeitos sobre a coesão social.
Demartini; Gaviglio; Pirani (2017)	<b>Farmers' motivation and perceived effects of participating in short food supply chains: evidence from a North Italian survey</b>
Agric. Econ. – Czech Itália	Apesar do valor e importância que apresentam as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, ainda alguns pesquisadores têm reagido com ceticismo com relação a essa estrutura de vendas. Segundo eles, uma relação estreita com os consumidores não implica em mais lucro. Na verdade, o aumento dos custos de marketing deve ser considerado e ainda há assimetria de informações e os agricultores poderiam tirar proveito da confiança do consumidor. O estudo explora a motivação dos agricultores e procura perceber os efeitos da participação nas cadeias curtas de abastecimento alimentar. Foi analisada também a localização das fazendas, juntamente com seu tamanho, produção, canais de venda e a quota de mercado relativa, bem como se eles possuíam certificação de qualidade. Descobriu-se que os agricultores que trabalham em SFSCs optam por um tipo de mecanismo de certificação com base nas relações de consumo/produtor em vez de optar pela qualidade com certificação. Além disso, a análise multivariada mostrou diferentes motivações e percepções de vendas diretas entre agricultores: os que eram maiores e estavam mais distantes do ponto de venda foram positivos para os valores sociais das SFSCs, enquanto o restante parecia menos competitivo e foram mais motivados por lucro e sobrevivência.
Dias; Révillion; Talamini (2017)	<b>Cadeias curtas de alimentos orgânicos: aspectos das relações de proximidade entre consumidores e agricultores no Brasil</b>
Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar Brasil	Esta pesquisa empírica teve a intenção de obter mais conhecimento a respeito de aspectos específicos do comportamento do consumidor brasileiro de alimentos orgânicos em circuitos curtos. Os resultados da pesquisa qualitativa e exploratória revelaram que os principais motivos pelos quais os consumidores preferem comprar alimentos orgânicos em feiras foram, respectivamente, a proximidade da feira ao local de trabalho ou às suas casas e a confiança no produtor. Foram considerados de menor importância a diversidade de produtos no local, certificação e o preço dos produtos. Segundo os produtores entrevistados, as feiras e as vendas diretas nas propriedades criam pontos de encontro entre produtores e consumidores, que disseminam não só a proposta orgânica e agroecológica, mas valores e estilo de vida. Por fim, os produtores acreditam que repassar informações técnicas sobre a produção orgânica aos consumidores também confere credibilidade aos seus produtos e serviços, além de servir como gerador de confiança e lealdade. Assim, demonstra-se que a confiança depende mais dos relacionamentos de proximidade entre produtores e consumidores do que de documentos ou selos que assegurem a qualidade dos produtos.

Quadro 2 – Continuação

Gazolla (2017b)	<b>Por que muitos agricultores não formalizam o comércio de alimentos através das cadeias curtas?</b>
Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar  Brasil	Neste trabalho, foram analisadas algumas normas e regras das instituições reguladoras dos alimentos em relação às cadeias curtas das agroindústrias familiares. São discutidas as normatizações sanitárias federais, estaduais e municipais não eficazmente integradas, bem como as novas legislações. O autor analisa o papel dos novos sistemas unificados, mostrando os benefícios que podem gerar em termos de integração dos distintos níveis de inspeção dos alimentos. Também são discutidas as atribuições, ações desenvolvidas e principais limitações existentes nos serviços de inspeção da Coordenadoria de Inspeção de Produtos de Origem Animal (CISPOA) e dos Sistemas de Inspeção Municipal (SIM). A pesquisa foi realizada no RS e aponta que mais de 70% das experiências estão informais perante as instituições do Estado que regulam a produção, distribuição e consumo dos alimentos. O trabalho evidenciou que o alto grau de informalidade deve-se à legislação alimentar do país, que não é adequada à realidade produtiva e socioeconômica das agroindústrias.
Giampetri <i>et al.</i> (2017)	<b>A Theory of Planned behaviour perspective for investigating the role of trust in consumer purchasing decision related to short food supply chains</b>
Food Quality and Preference  Itália	Para buscar entender melhor o crescente aumento das cadeias curtas de abastecimento alimentar na Itália, fez-se necessário uma investigação sobre as motivações de consumo e comportamento com relação às redes alternativas agroalimentares por meio de um modelo estendido da Teoria do Comportamento Planejado. O papel da confiança do consumidor para a compra de cadeias curtas, bem como o papel do consumidor que vai na residência rural e que prefere comprar do comércio justo ( <i>fair trade</i> ). Essa evidência é interessante para sugerir novas estratégias de marketing para os agricultores na direção de formas mais éticas e relacionadas com a confiança do consumidor.
Gromasheva; Brunori (2017)	<b>Cadeias curtas de abastecimento alimentar em São Petesburgo (Rússia): perspectivas de desenvolvimento</b>
Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar  Rússia	A agricultura russa nas duas últimas décadas vem experimentando uma crise persistente, com a maioria dos indicadores da produção agrícola reduzidos à metade ou a um terço dos níveis originais. Só recentemente sofreu certa estabilização. Contudo, foi encontrada evidência, neste estudo, de uma demanda crescente por produtos locais na Rússia, a qual foi estimulada por uma virada patriótica e nostálgica para os alimentos nacionais, bem como pela necessidade de maior qualidade e segurança dos produtos. Foram detectadas várias iniciativas de cadeias curtas de abastecimento alimentar em São Petesburgo, as quais foram categorizadas em três tipos: plataformas de reconexão (mercados, feiras, plataformas em internet); iniciativas de interação mobilizadas pelos produtores (pontos de vendas de produtores, <i>foodtrucks</i> , máquinas de vendas e tanques de leite); e iniciativas mobilizadas pelos consumidores (compras diretas individuais ou coletivas, no local de produção ou via lojas da internet ou cooperativas). O estudo das SFSCs na Rússia enfrenta desafios com relação à postura desconfiada de certos informantes e a falta de divulgação e de disseminação das informações sobre suas atividades, pontos de vendas e agendas.

Quadro 2 – Continuação

Renting; Marsden; Banks (2017)	<b>Compreendendo as redes alimentares alternativas:</b> o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural
Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar  Holanda, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha, Irlanda e França	Este estudo buscou explorar evidências empíricas mais quantitativas sobre a incidência e os impactos gerais das SFSCs na Europa. Por meio de um estudo exploratório, os dados disponíveis não permitiram aplicar plenamente a diferenciação da tipologia das SFSCs. Os dados foram coletados de acordo com três campos distintos de atividade e empiricamente definidos: agricultura orgânica, produção de especialidades e venda direta, apesar das barreiras metodológicas que se apresentam à pesquisa sobre novas práticas de desenvolvimento rural. Entretanto, foi possível desenvolver uma série de indicadores de impacto socioeconômico. Os resultados mostram que países como Itália, França e Alemanha possuem sinergias suficientes entre diferentes tipos de práticas de desenvolvimento rural, podendo agregar valor de forma significativa aos sistemas locais de produção. Isso indica que o processo de encurtamento das cadeias de abastecimento de alimentos dá origem a novas relações de mercado, que se estruturam em torno de novas formas de associação e apoio institucional, envolvendo uma gama de atores que operam nessas cadeias e nessas redes que as circundam. Além disso, essas relações devem modificar-se e reconfigurar-se ao longo do tempo e do espaço.
Rossi; Brunori (2017)	<b>As cadeias curtas de abastecimento na inovação dos Grupos de Aquisições Solidárias (GAS):</b> a construção social das práticas (alimentares) sustentáveis
Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar  Itália	Esta análise refere-se à experiência de cidadãos-consumidores que se uniram a uma iniciativa coletiva de abastecimento alternativo – os Grupos de Aquisições Solidárias (GAS) – que envolvem-se em um complexo processo de mudanças de atitudes e práticas na Itália. Este trabalho buscou examinar as dinâmicas sociais subjacentes a tal processo que ocorre nesses espaços relacionais específicos. Os GAS são grupos auto-organizados de consumidores que adquirem produtos em conjunto por meio de uma relação direta com os produtores. Nesses grupos, todas as interações e atividades são inspiradas por princípios éticos compartilhados (sustentabilidade, equidade, mutualismo). O conceito fundamental é o da solidariedade, que se expressa no respeito ao ser humano e ao meio ambiente. A experiência do GAS expressa plenamente a relevância do desenvolvimento das cadeias curtas de abastecimento. Eles configuram, de fato, verdadeiros espaços de inovação social, de construção social de uma cultura alimentar alternativa e de suas práticas. O GAS pode ser considerado como nicho de inovação, nos quais novos sistemas sociotécnicos são construídos coletivamente em torno de novos significados atribuídos aos alimentos nas comunidades locais.

Quadro 2 – Continuação

Sellitto; Vial; Viegas (2017)	<b>Critical success factors in Short Food Supply Chains: case studies with milk and dairy producers from Italy and Brazil</b>
Journal of Cleaner Production Itália e Brasil	As SFSCs reduzem distâncias entre produtores e consumidores, bem como reduzem outras atividades rurais. Este estudo avaliou o papel dos fatores críticos em um estudo de caso múltiplo, avaliando duas SFSCs de leite na Itália e duas SFSCs de leite no Brasil. As principais lacunas encontradas no estudo são os cuidados ambientais em pequenas fazendas e a necessidade de salvaguardar a saúde dos consumidores. Os fatores de sucesso em SFSC são descritos por meio de dimensões comportamentais importantes observados nos agricultores, como lealdade recíproca e relações pessoais com os consumidores, melhoria da qualidade do produto por meio das relações diretas, redução de produtos químicos nas culturas, lucro não é o único resultado importante da atividade. O estudo aponta alguns fatores críticos de sucesso para a implementação das SFSCs, como operações ambientalmente amigas, especificidade das marcas territoriais, relações diretas e éticas entre produtores e consumidores, produção orgânica, segurança alimentar e rastreabilidade, patrimônio cultural, saúde do consumidor, identificação da origem de produtos e local de trabalho, cooperação e orgulho. O estudo constatou que, apesar de os produtores terem se esforçado para abraçar as mudanças culturais por meio da implementação das SFSCs, a principal motivação ainda é a econômica, a diminuição dos custos de transporte e a eliminação dos agentes intermediários que representavam gastos pesados.
Szabó (2017)	<b>Determining the target groups of Hungarian short food supply chains based on consumer attitude and socio-demographic factors</b>
Studies in Agricultural Economics Hungria	Condizente com a tendência observada em outros países europeus, nos últimos anos tem havido uma demanda crescente entre os consumidores húngaros para produtos adquiridos diretamente de agricultores. No entanto, nenhuma pesquisa antes desta foi publicada na determinação de grupos de consumidores de produtos na cadeia curta de abastecimento alimentar (SFSC) na Hungria. Este estudo descreve quais grupos de consumidores estão mais propensos a comprar tais produtos, e as suas razões para fazê-lo. No verão de 2013, 1.015 adultos aleatoriamente escolhidos na rua foram entrevistados <i>face-to-face</i> por meio de questionários com pessoal treinado. A pesquisa explorou a sua vontade de apoiar as vendas diretas e produção de alimentos locais, suas percepções de confiabilidade do produto e suas atitudes em relação a sistemas globais de abastecimento de alimentos. Os resultados mostraram que o método descrito é uma forma eficaz de identificar grupos de potenciais consumidores-alvo de SFSC na Hungria.

## Quadro 2 – Continuação

Tonacca; Ramirez; Grüebler (2017)	<b>Cadeias curtas: experiências e oportunidades no Chile e em outros países da América Latina</b>
Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas: Negócios e Mercados da Agricultura Familiar  Chile	Este estudo se concentrou nas experiências no Chile. Num primeiro grupo, estão os mercados que nasceram como uma necessidade dos produtores de disponibilizarem seus produtos sob melhores condições de venda. Este representou uma grande proporção de produtores que buscam melhores alternativas de comercialização, encontram-se nessa categoria mercados camponeses da Colômbia, Peru e Equador. Um segundo grupo de mercado de agricultores consolidado em países mais ricos e mais emergentes na América Latina emergiu na busca por novas experiências de consumo, baseadas no resgate e na promoção das tradições e dos sabores. Todavia, para que essas contribuições fossem efetivas, foi necessário avançar, orientando os serviços de assessoria técnica para as atividades de comercialização e a promoção das capacidades dos agricultores, bem como o fortalecimento das capacidades de gestão daqueles agricultores que participam de diferentes tipos de cadeias curtas e na incorporação de atores locais que contribuíram para articular oferta e demanda.
Aramendi; Zubillaga; Zaldua (2018)	<b>Who is feeding embeddedness in farmers' markets? A cluster study of farmers' markets in Gipuzkoa</b>
Journal of Rural Studies  Espanha	O enraizamento entre produtores e consumidores tem sido um dos fatores que influenciaram na sobrevivência dos mercados de agricultores como sendo um dos principais canais nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos (SFSCs) para os produtores agrícolas. O intento da pesquisa é analisar se os fatores que favorecem a relação entre produtores e consumidores envolvidos ajudam a construir uma relação de confiança mútua nos mercados locais. Foi realizada uma avaliação da dimensão social dos mercados de agricultores na província de Gipuzkoa (Basco-Espanha). Por meio de uma análise de <i>cluster</i> , a pesquisa busca conhecer a natureza das motivações dos produtores para participar dos mercados locais e motivações coletivas dos consumidores. Os resultados apontam que existem motivações específicas relacionadas com as características de cada indivíduo, como sexo, idade, o modelo produtivo e de consumo dessas pessoas. Tem-se, então, uma identidade diversificada entre produtores e consumidores, como profissional, social e cultural.

Quadro 2 - Continuação

Benedek; Fertó; Molnár (2018)	<b>Off to market: but which one? Understanding the participation of small-scale farmers in short food supply chains — a Hungarian case study</b>
Agriculture and Human Values  Hungria	A pesquisa descrita neste artigo foi projetada para identificar os fatores que influenciam a importância de agricultores de pequena escala em diferentes canais de marketing em cadeias curtas de abastecimento de alimentos. O foco está nos dois tipos completamente diferentes de mercado que estão presentes na Hungria: mercados 'convencionais', onde não há restrições à localidade, mas à relação agricultor/mercado baseada em contratos de ligação e o segundo tipo são os recém-emergentes cultiváveis e mercados em que só os produtores locais podem vender <i>ad hoc</i> , usando suas próprias instalações portáteis. Os resultados são baseados em uma pesquisa que foi realizada em 2013. A preferência por mercados de agricultores é mais forte para agricultores que estão mais abertos à cooperação, têm planos de investimento específicos para o desenvolvimento de suas fazendas e entre aqueles que estão procurando diretamente interagir com seus clientes para evitar os atravessadores. A relevância é destacada pelo funcionamento de um sub-programa de financiamento da União Europeia; perfis dos agricultores em determinado canal de marketing, que deve ser entendida por cadeias curtas de abastecimento de alimentos e estão sendo efetivamente promovidos. Diferentes tipos de pequenos agricultores estão sendo beneficiados com diferentes estruturas de apoio, intervenções e iniciativas.
Wang <i>et al.</i> (2018)	<b>Farmers' Attitudes towards Participation in short Food Supply Chains: evidence from a Chinese field research</b>
Revista Ciências Administrativas  China	O objetivo deste estudo é investigar as atitudes dos agricultores no sentido de participar de SFSCs por meio da realização de uma pesquisa de campo na China. As entrevistas semiestruturadas foram implementadas com oito participantes selecionados a partir de um mercado do fazendeiro local de médio porte como um estudo piloto. As razões sociais e econômicas são encontradas para serem as principais motivações dos agricultores chineses que participam de SFSCs. Contudo, nenhum desses participantes entrevistados está ciente dos efeitos ambientais de SFSCs. Esses agricultores chineses entrevistados desconhecem os efeitos ambientais na agricultura e nunca ouviram falar de biodiversidade e agricultura sustentável antes. Além disso, os achados foram comparados com estudos existentes realizados em países desenvolvidos. Verificou-se que os agricultores chineses participam de SFSCs, mas de forma muito passiva ainda, uma vez que a falta de conhecimento é atuante, embora exista um interesse principiante de apoio governamental.
Stanco <i>et al.</i> (2019)	<b>Consumers' and farmers' characteristics in short food supply chains: an exploratory analysis</b>
Studies in Agricultural Economics  Itália	Este estudo propôs a definição dos agricultores e dos consumidores de mercados de agricultores em termos de seu aspecto sociodemográfico e as suas características comportamentais por meio de entrevistas face-to-face com 60 agricultores e consumidores. Os resultados encontrados mostram que os consumidores são mulheres com idade média de 49 anos e com alto nível de escolaridade. Elas atribuem grande valor à disponibilidade de produtos frescos e orgânicos, valorizando monetariamente os produtos. Os agricultores, por outro lado, são principalmente do sexo masculino, com idade média de 45 anos, segundo grau completo, e valorizam a criação de uma relação direta e duradoura com os consumidores, a fim de transmitir informações sobre a qualidade e a autenticidade de seus produtos. Além disso, eles estão abertos à adoção de novas técnicas produtivas na agricultura.

## Quadro 2 – Continuação

Vittersø <i>et al.</i> (2019)	<b>Short Food Supply Chains and Their Contributions to Sustainability: Participants' Views and Perceptions from 12 European Cases</b>
Sustainability  Noruega, Reino Unido, Itália, França, Polônia e Hungria	Este estudo explora o papel dos diferentes tipos de SFSCs e a sua contribuição para a sustentabilidade por meio de participantes (consumidores, retalhistas e produtores) de pontos de vista e de percepções diferentes. Como parte do projeto europeu FI2020 "Strength2Food", conduziu-se um estudo de caso que analisou 12 casos europeus de SFSCs em seis países: França, Hungria, Itália, Noruega, Polônia e Reino Unido. Foi aplicada uma abordagem de método misto, incluindo a coleta de dados primários, por meio de entrevistas em profundidade e pesquisas com clientes, bem como pesquisa documental. Os resultados sugeriram que, independentemente do tipo de SFSC, um forte consenso entre os participantes foi encontrado sobre a contribuição das SFSCs para a sustentabilidade social. No entanto, pontos de vista dos participantes diferem em relação às dimensões econômicas e ambientais da sustentabilidade. Essas diferenças estão relacionadas com a forma como foram organizadas as SFSCs e algumas diferenças regionais atribuídas ao significado da SFSC em diferentes partes da Europa. O artigo conclui que a heterogeneidade espacial das SFSCs, incluindo as diferenças entre atores das cadeias de suprimentos, e diferentes formas de organização de SFSCs, bem como as características regionais e territoriais, influenciam todo o processo de forma distinta no que tange ao aspecto econômico e ambiental da sustentabilidade.

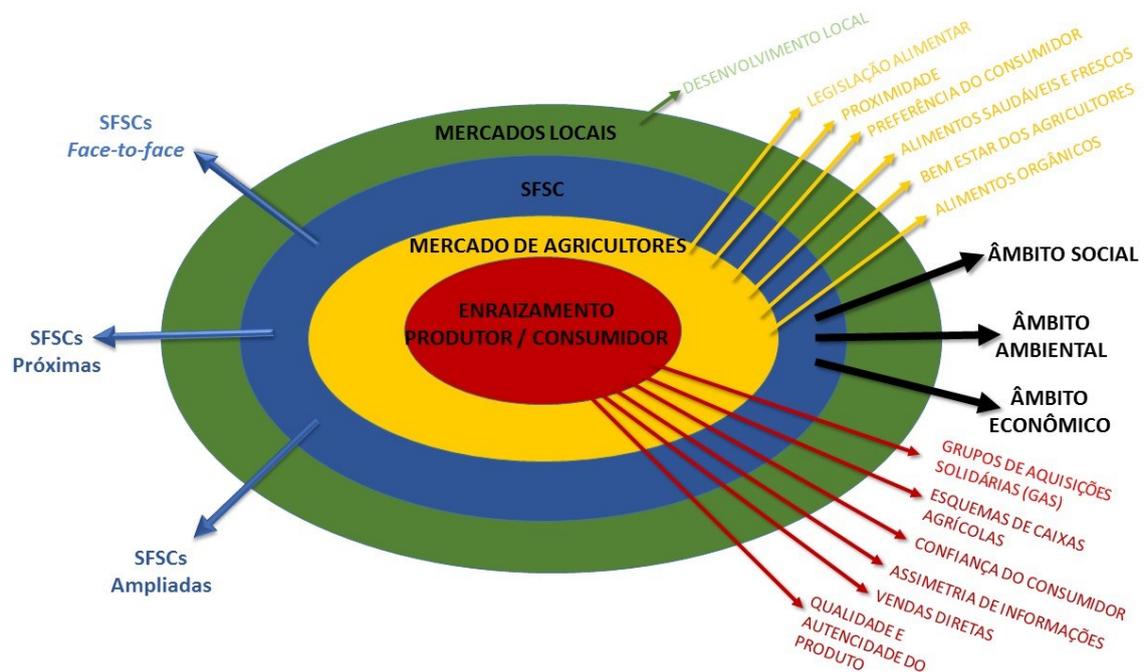
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

No Quadro 2, demonstra-se que, dos 21 estudos apresentados que tiveram aplicabilidade empírica, 6 estudos foram encontrados no material complementar usado em programas *Stricto Sensu* em formato de capítulos de livro. Dos 15 artigos científicos empíricos, 8 pertencem à base científica *Web of Science* e 7 são oriundos da base *SCOPUS*.

Identificou-se que os estudos foram publicados de 2014 até 2019, mesmo não tendo delimitação de tempo na pesquisa da base científica. Dentre esses, o ano que mais se destacou em publicações foi o de 2017, com 10 estudos, seguido por 3 publicações em 2015 e em 2018. Isso demonstra como o tema ainda é novo e pouco explorado.

É possível vislumbrar, nesse estudos, que o aspecto social das SFSCs é o que possui o maior destaque na maioria das publicações, já o aspecto econômico aparece às vezes de forma neutra ou tendo a principal motivação por reduzir os custos de transporte e eliminar os agentes intermediários que representavam gastos pesados e em outros nem aparece, e o aspecto ambiental aparece salientado apenas em alguns dos estudos. O papel da confiança na relação produtor/consumidor merece destaque, outros estudos são pesquisas referentes ao perfil de consumidores ou de agricultores, pesquisas de comportamento e sociodemográficas, conforme verificado na Figura 7.

**Figura 7:** Relação teórico/empírica dos domínios das SFSCs com o produtor/consumidor



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A Figura 7 sintetiza a relação teórico/empírica trabalhada nesta revisão sistemática, enfatizando os aspectos positivos e negativos apontados por todas as publicações estudadas nesta pesquisa. O enraizamento produtor/consumidor se mostra como o motor propulsor de todas as demais relações. Os estudos mostram que, dessa relação, nascem as vendas diretas, a confiança do consumidor que terá produtos de qualidade e autenticidade como aspectos positivos e têm-se o caso dos grupos de aquisições solidárias (GAS), que são percebidos como uma construção social das práticas alimentares e os esquemas de caixas agrícolas. Também há estudos sinalizando que, dessa relação, pode acontecer a assimetria de informações por parte do produtor como um aspecto negativo.

Nos mercados de agricultores, por sua vez, tem-se, como aspecto positivo, a questão de estarem próximos da moradia ou do trabalho das pessoas, podendo ser considerados uma opção de alimentos frescos e mais saudáveis ou orgânicos. Os estudos apontam para a questão da preferência do consumidor e indicadores de bem-estar dos agricultores também. E, como apontamento negativo, a pesquisa evidenciou que o alto grau de informalidade se deve à legislação alimentar do país, que não é adequada à realidade produtiva e socioeconômica das agroindústrias, e, por fim, que

os mercados locais e toda a sua integração revelada na Figura 7 demonstram capacidade de fomentar o desenvolvimento local.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve por objetivo analisar o enraizamento que os produtores e consumidores apresentam em sua interação nos mercados locais por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos, buscando analisar os impactos do ponto de vista econômico, social e ambiental.

Diante do exposto, verificou-se que a teoria que envolve os estudos sobre cadeias curtas de abastecimento de alimentos, embora não tenha sido delimitado o tempo na busca da pesquisa, só apareceram estudos empíricos sobre o assunto a partir de 2014, demonstrando a atualidade do tema.

Por meio desta revisão sistemática, identificou-se também que a maioria dos trabalhos (21 estudos) que discutiram sobre cadeias curtas de abastecimento de alimentos são empíricos, trazendo a possibilidade de identificação de lacunas nos estudos já publicados, o que acaba por corroborar de forma robusta para o fornecimento de parâmetros de comparação para estudos futuros.

Este estudo mostra que as SFSCs enfrentam desafios diferentes. Em primeiro lugar, existem diferenças entre os tipos de SFSCs como o grau de variabilidade constatado, tanto nas tipologias conceituais quanto na análise dos estudos empíricos. Em segundo lugar, na medida em que as questões ambientais, econômicas e sociais também são vistas como importantes, dependendo das motivações específicas relacionadas com as características de cada indivíduo e de seu consumo, mostrando uma identidade diversificada que não permite a generalização na relação entre produtores e consumidores. Sinalizando, então, não existir um modelo dominante de desenvolvimento dessas cadeias no que se refere às interações entre unidade agrícola, instituições e o contexto associativo.

Revelou-se, ao longo do estudo, a complexidade de reconsiderar, na construção de modelos sustentáveis de produção e consumo, a relação entre a responsabilidade privada e a responsabilidade pública. Verificou-se que, para ocorrer a sustentação do desenvolvimento rural por meio do crescimento de cadeias curtas de abastecimento de alimentos, são necessários apoio institucional e novas formas de associativismo, envolvendo uma gama de atores que operam nesse processo.

Além disso, essas relações entre eles devem transformar-se e redesenhar-se ao longo do tempo e do espaço.

Analisando os resultados apresentados pelos autores, constatou-se que a maioria dos trabalhos enaltecem o aspecto social que se mostra inerente às SFSCs. Estas incorporam valores sociais e culturais coletivos, modificando a maneira como o alimento é concebido. Destacam que as questões sociais são capazes de servir de ponte entre diferentes mundos sociais, tanto em seus componentes de necessidades, quanto nos de seu potencial. No que tange às práticas com os cuidados ambientais de pequena escala em pequenas propriedades, mostram-se como uma lacuna em alguns dos estudos, o que suscita a questão: as SFSCs serão capazes de limitar os danos ambientais gerados e conseguirão, além disso, promover externalidades positivas produzidas por alguns modelos de agricultura, em termos de aprimoramento da paisagem ou de proteção da agrobiodiversidade, por exemplo (MARINO; MASTRONARDI, 2013).

No aspecto econômico, as SFSCs objetivam, especialmente em épocas de crise econômica, encurtar a cadeia de abastecimento, principalmente para reduzir custos de comercialização, acionando um contato direto entre produtores e consumidores, sem a intermediação de varejistas ou atacadistas e reduzindo também os custos logísticos, reduzindo os quilômetros que o alimento precisa percorrer até chegar aos consumidores. Isso possibilita vantagens econômicas tanto para o agricultor familiar, que pode obter mais valor agregado no preço final dos produtos, quanto para os consumidores, que podem se beneficiar da compra direta de produtos locais, com menores custos de transporte, embalagem e distribuição, pagando, assim, um preço menor.

Em resposta à questão que norteou esta pesquisa é possível afirmar que o estudo demonstra a necessidade de mais trabalhos que se concentrem em dinâmicas evolutivas temporais, espaciais e de demanda envolvidas nas SFSCs, de modo a avaliar se elas são econômica, social e ambientalmente mais sustentáveis a longo prazo (MARSDEN *et al.*, 2000). Como sugestão de estudos futuros, aponta-se a necessidade de mais estudos empíricos com evidências sistemáticas e objetivas sobre os impactos “transformadores” das cadeias curtas de alimentos frente aos efeitos sociais, ambientais, econômicos e culturais obtidos por meio de metodologias de avaliação adequadas. Estudos que sejam capazes de construir um marco cognitivo sobre as características e os efeitos das iniciativas das SFSCs, que possam apoiar a

formulação de políticas apropriadas para essa nova realidade. Por exemplo, a realização de um estudo mais aprofundado sobre as feiras livres, que, enquanto tipos tradicionais de cadeias curtas e espaços de comércio de alimentos, diferenciam-se pelas relações de sociabilidade que possibilitam e pelas interações sociais diretas entre produtores e consumidores.

## REFERÊNCIAS

AIELLO, G. *et al.* A multi objective approach to short food supply chain management. **Chemical Engineering Transactions**, v. 58, p. 313-318, jul. 2017. AIDIC: Italian Association of Chemical Engineering. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3303/CET1758053>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ALLEN, J. *et al.* **Organização e gestão de eventos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

ARAMENDI, O. A.; ZUBILLAGA, B. M.; ZALDUA, M. E. Who is feeding embeddedness in farmers' markets? A cluster study of farmers' markets in Gipuzkoa. **Journal of Rural Studies**, v. 61, p. 22-33, jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.05.008>. Acesso em: 24 abr. 2020.

AUBRY, C.; KEBIR, L. Shortening food supply chains: a means for maintaining agriculture close to urban areas? The case of the French metropolitan area of Paris. **Food Policy**, Guildford, v. 41, p. 85-93, 2013.

BANKS, J.; MARSDEN, T. Integrating agro-environment policy, farming systems and rural development: Tir Cymen in Wales. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 466-480, 2000.

BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. Inovações econômicas em cadeias curtas de abastecimento alimentar. *In*: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Orgs.) **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas** – negócios e mercados da agricultura familiar. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

BELLIVEAU, S. Resisting Global, Buying Local: Goldschmidt Revisited. **The Great Lakes Geographer**, v. 12, n. 1, p. 45-53, 2005.

BENEDEK, Z.; FERTÓ, I.; MOLNÁR, A. Off to market: but which one? Understanding the participation of small-scale farmers in short food supply chains – a Hungarian case study. **Agriculture And Human Values**, v. 35, n. 2, p. 383-398, 23 out. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10460-017-9834-4>. Acesso em: 02 abr. 2020.

BIMBO, F. *et al.* The Hidden benefits of short food supply chains: Farmers' markets density and body mass index in Italy. **International Food and Agribusiness Management Review** (IFAMA), v. 18, n. 1, p. 1-16, 2015.

BORGATTI, S. P., EVERETT, M. G.; FREEMAN, L. C. **Ucinet 6 for Windows**: Software for social network analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BORN, B.; PURCELL, M. Avoiding the Local Trap Scale and Food Systems in Planning Research. **Journal of Planning Education and Research**, v. 26, n. 2, p. 195-207, 2006.

BRUNORI, G.; BARTOLINI, F. La filiera corta: le opportunità offerte dalla nuova Pac. **Agriregionieuropa**, anno 9, n. 35, 2013.

CICATIELLO, C.; FRANCO, S.; PANCINO, B. (ics). Aree di impatto delle filiere corte e focus dell'indagine. *In*: CICATIELLO, C.; MARINO, D. **I farmers' market**: la mano visibile del mercato. Franco Angeli, Milano, 2008.

CICATIELLO, C. *et al.* **Un modello per la valutazione della sostenibilità territoriale delle filiere agroalimentari**: struttura e applicazione alla sfera ambientale, paper presentato alla I Conferenza AIEAA Verso una bio-economia sostenibile: aspetti economici e sfide di politica economica, 4-5 giugno. Trento, Italy, 2012.

CICIA, G. *et al.* Fossil energy versus nuclear, wind, solar and agricultural biomass: Insights from an Italian national survey. **Energy Policy**, v. 42, p. 59-66, 2012. Disponível em: <http://doi.org/10.1016/j.enpol.2011.11.030>. Acesso em: 2 abr. 2020.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, out. 2011.

DEMARTINI, E.; GAVIGLIO, A.; PIRANI, A. Farmers' motivation and perceived effects of participating in short food supply chains: evidence from a north italian survey: evidence from a North Italian survey. **Agricultural Economics** (zemědělská Ekonomika), v. 63, n. 5, p. 204-216, 9 maio 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17221/323/2015-agricecon>. Acesso em: 3 abr. 2020.

DIAS, V. V.; RÉVILLION, J. P.; EDSON, T. Cadeias curtas de alimentos orgânicos: aspectos das relações de proximidade entre consumidores e agricultores no Brasil. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 241-250.

DING, Z. *et al.* Application of smart antenna technologies in simultaneous wireless information and power transfer. **IEEE Communications Magazine**, v. 53, n. 4, p. 86-93, april 2015.

FORSSELL, S.; LANKOSKI, L. The sustainability promise of alternative food networks: an examination through alternative characteristics. : an examination through "alternative" characteristics. **Agriculture And Human Values**, v. 32, n. 1, p. 63-75, 20 jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10460-014-9516-4>. Acesso em: 04 abr. 2020.

GALLI, F.; BRUNORI, G. Short Food Supply Chains as drivers of sustainable development. **Foodlinks Project**. 2013.

GARDINI, C.; LAZZARIN, C. La vendita diretta in Italia. **Agri Regioni Europa**, v. III, n. 8, 2007.

GAVA, R. **Os efeitos do estresse hídrico na cultura da soja** (*Glycine max* (L.) Merrill.). 2014. 124 f. Tese (Doutorado em Irrigação e Drenagem) – Escola Superior “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2014.

GAZOLLA, M. Cadeias curtas agroalimentares na agroindústria familiar: dinâmicas e atores sociais envolvidos. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a. p. 175-194.

GAZOLLA, M. Por que muitos agricultores não formalizam o comércio de alimentos através das cadeias curtas? *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017b. p. 455-472.

GIAMPIETRI, E.; FINCO, A.; DEL GIUDICE, T. Exploring consumers' behaviour towards short food supply chains. **Quality - Access to Success**, v. 16, p. 135-141, 2015.

GIAMPIETRI, E. *et al.* A Theory of Planned behaviour perspective for investigating the role of trust in consumer purchasing decision related to short food supply chains. **Food Quality and Preference**, Elsevier, v. 64, p. 160-166, 2017.

GOODMAN, M. Reading Fair Trade: Political Ecological Imaginary and the Moral Economy of Fair Trade Foods. **Political Geography**, v. 23, n. 7, p. 891-915, 2004.

GRALTON, A.; VANCLAY, F. Artisanality and culture in innovative regional agrifood development: Lessons from the Tasmanian artisanal food industry. **International Journal of Foresight & Innovation Policy**, v. 5, n. 1/2/3, p. 193-204, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1504/IJFIP.2009.022106>. Acesso em: 30 mar. 2020.

GROMASHEVA, O.; BRUNORI, G. Cadeias curtas de abastecimento alimentar em São Petesburgo (Rússia): perspectivas de desenvolvimento. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 425-454.

HALLETT, J. P. Women in Augustan Rome. *In*: JAMES, S. L.; DILLON, S. (Eds.) **A Companion to Women in the Ancient World**. Malden: Blackwell Publishing, 2012. p. 376-384.

HARTMANN, D. *et al.* **Linking Economic Complexity**. Institutions and Income Inequality. 2015.

HENKE, R. **Verso il riconoscimento di un 'agrioltura multifunzionale**. Roma: INEA, 2004.

HINRICHS, C. C. Embeddedness and local food system: notes on two types of direct agricultural market. **Journal of Rural Studies**, v. 16, n. 3, p. 295-303. 2000.

HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. Reading the Space of the Framers' Market: A Case Study from the United Kingdom. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 3, p. 285-299, 2000.

HUNT, L. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ILBERY, B.; BOWLER, I. From agricultural productivism to post-productivism. *In*: ILBERY, B. (Org.). **The geography of rural change**. Essex: Addison Wesley, 1998.

ILBERY, B.; MAYE, D. Alternative (Shorter) Food Supply Chains and Specialist Livestock Products in the Scottish-English Borders. **Environment and Planning A**, v. 37, n. 5, p. 823-844, 2005.

JAROSZ, B. Heterogeniczność gatunkowo-stylistyczna zaproszenia ślubnego. **Polonica**, t. XXXI, s. 13-25, 2011.

KIRWAN, J. Alternative strategies in the UK agro-food system: interrogating the alterity of farmers' markets. **Sociologia Ruralis**, v. 44, n. 4, p. 512-528, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2004.00283.x>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KIRWAN, J.; DAMIAN, M. Food security framings within the UK and the integration of local food systems. **Journal of Rural Studies**, v. 29, p. 91-100, 2013.

KNEAFSEY, M. *et al.* **Short Food Supply Chains and Local Food Systems in the EU**. A State of Play of their Socio-Economic Characteristics. Luxembourg: European Commission, 2013.

KONEČNÝ, O.; HAJNÁ, K.; ZDRÁHAL, I. A few notes on the study of short food supply chains on the example of farm boxes in Czech Republic. **International Scientific Days 2016**, p. 493-501, 24 jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15414/isd2016.s7.08>. Acesso em: 2 abr. 2020.

LA TROBE, H. Farmers' markets: consuming local rural produce. **International Journal of Consumers Studies**, n. 25, p. 181-192, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LOCKIE, S. Responsibility and agency within alternative food networks: assembling the 'citizen consumer'. **Agriculture and Human Values**, v. 26, n. 3, p. 193-201, 2009.

LYON, A. R. *et al.* Effectiveness of Teacher-Child Interaction Training (TCIT) in a preschool setting. **Behavior Modification**, v. 33, n. 6, p. 855-884, 2009.

MARINO, D.; MASTRONARDI, L. The environmental aspects of the short chain: the results of a direct survey of farmers' markets in Italy. *In*: GIARÈ, F.; GIUCA, S. (Eds.). **Farmers and short chain**. Legal profiles and socio-economic dynamics. Roma: INEA, 2013. p. 63-87.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

MASTRONARDI, L. *et al.* Exploring the Role of Farmers in Short Food Supply Chains: The Case of Italy. **International Food and Agribusiness Management Review** (IFAMA), v. 18, n. 2, p. 109-130, 2015.

MEYER, S. *et al.* Reconnecting Australian consumers and producers: Identifying problems of distrust. **Food Policy**, v. 37, n. 6, p. 634-640, 2012.

MUNDLER, P. Les Associations pour le maintien de l'agriculture paysanne (AMAP) em Rhône-Alpes, entre marché et solidarité. **Ruralia**, v. 20, p. 1-24, 2007.

MUNDLER, P. Le prix des paniers est-il un frein a l'ouverture sociale des AMAP? Une analyse des prix dans sept AMAP de la Region Rhone-Alpes. **Économie rurale**. Agricultures, alimentations, territoires, Québec, v. 336, p. 3-19, 2013.

MUNDLER, P.; LAYGHREA, S. The contributions of short food supply chains to territorial development: A study of three Quebec territories. **Journal of Rural Studies**, v. 45, p. 218-229, jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.04.001>. Acesso em: 4 abr. 2020.

MURDOCH, J.; MIELE, M. Back to nature: changing 'worlds o production' in the food sector. **Sociologia Ruralis**, v. 39, n. 4, p. 465-483, 1999.

O'NEILL, J. Antimicrobial resistance: tackling a crisis for the health and wealth of nations. **Rev Antimicrob Resist**, 2014.

O'KANE, G.; WIJAYA, S. Y. Contribuição dos mercados de agricultores para sistemas alimentares mais socialmente sustentáveis: um estudo piloto de um mercado de agricultores no território da capital australiana (ACT), Austrália. **Agroecologia e Sistemas Alimentares Sustentáveis**, v. 39, n. 10, p. 1124-1153, 2015.

RENTING, H. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, p. 393-411, 2003.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas**

**e redes alimentares alternativas:** negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 27-51.

RONG, H. *et al.* Microstructure and mechanical properties of ultrafine. **Int. Journal of Refractory Metals and Hard Materials**, v. 29, p. 733-738, 2011.

ROSSI, A.; BRUNORI, G. As cadeias curtas de abastecimento na inovação dos Grupos de Aquisições Solidárias (GAS): a construção social de práticas (alimentares) sustentáveis. *In:* GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 83-103.

ROSSI, A.; GUIDI, F. Le origine della filiera corta e le esperienze in atto. *In:* ARSIA (Org.). **Guida per l'attivazione di forme collettive di vendita diretta:** esperienze, approcci e strumenti. Firenze: Manuale, 2008. p. 13-30.

SAGE, C. Social embeddedness and relations of regard. **Journal Of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 47-60, jan. 2003.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, R. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SCHMID, S. *et al.* Management of von Hippel-Lindau Disease: An Interdisciplinary Review. **Oncology Research and Treatment**, v. 37, p. 761-771, 2014.

SCHNEIDER, S. A economia política dos estudos sobre desenvolvimento rural no Brasil. *In:* **XLVI SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008.

SELLITTO, M. A.; VIAL, L. A. M.; VIEGAS, C. V. Critical success factors in Short Food Supply Chains: case studies with milk and dairy producers from Italy and Brazil. **Journal of Cleaner Production**, v. 170, n. 5, p. 1391-1368, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.09.235>. Acesso em: 4 abr. 2020.

SILVA, A. P. L.; BERTOLINI, G. R. F. Characterization of Publications that Discuss the Bauman's Theory of Liquidity and its Relationship with Management Aspects. **International Journal of Advanced Engineering Research and Science**, v. 6, n. 9, 2019.

SOEIRO, T. M.; WANDERLEY, C. A. Institutional theory in accounting research: a review. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 89, p. 291-316, 2019.

STANCO, M. *et al.* Consumers' and farmers' characteristics in short food supply chains: an exploratory analysis. **Studies in Agricultural Economics**, v. 121, n. 2, p. 67-74, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7896/j.1905>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SYROVÁTKOVÁ, M.; HRABÁK, J.; SPILKOVÁ, J. Farmers' markets' locavore challenge: the potential of local food production for newly emerged farmers' markets in Czechia. **Renewable Agriculture And Food Systems**, v. 30, n. 4, p. 305-317, 10

mar. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1742170514000064>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SZABÓ, D. Determining the target groups of Hungarian short food supply chains based on consumer attitude and socio-demographic factors. **Studies In Agricultural Economics**, v. 119, n. 3, p. 115-122, 1 dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7896/j.1705>. Acesso em: 22 abr. 2020.

TEGTMEIER, E.; DUFFY, M. **Community Supported Agriculture (CSA) in the Ecolabel Midwest United States**: A regional characterization Value Assessment. Iowa: Leopold Center for Sustainable Agriculture, 2005.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TONACCA, L. D. S.; RAMÍREZ, C. A. D.; GRÜEBLER, C. J. K. Cadeias curtas: experiências e oportunidades no Chile e em outros países da América Latina. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.) **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 307-324.

TREGGAR, A. Progressing knowledge in alternative and local food networks: critical reflections and a research agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 27, n. 4, p. 419-430, 2011.

TREGGAR, A. *et al.* Regional foods and rural development: the role of product qualification. **Journal of Rural Studies**, London, v. 23, n. 1, p. 12-22, 2007.

VITTERSO, G. *et al.* Short Food Supply Chains and Their Contributions to Sustainability: participants views and perceptions from 12 european cases. **Sustainability**, v. 11, n. 17, p. 2-33, 3 set. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/su11174800>. Acesso em: 20 abr. 2020.

WANG, M. *et al.* Farmers' Attitudes towards Participation in short Food Supply Chains: evidence from a chinese field research. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 24, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/2318-0722.2018.9067>. Acesso em: 30 mar. 2020.

## ESTUDO 4 - ESTUDO DA FEIRA LIVRE DE CASCAVEL-PR: SOB A ÓTICA DOS PRODUTORES E DOS CONSUMIDORES

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é analisar o mecanismo de funcionamento de uma feira livre como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioprodutiva e comercial frente às redes convencionais de varejo. Busca-se, também, verificar se ocorre o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e se a feira tem como consolidar-se como um local de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “distintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos). O artigo se configura como um estudo de caso qualitativo aplicado à Feira do Produtor em Cascavel, no estado do Paraná. Nos métodos utilizados no caso dos produtores foram dados coletados por meio de uma pesquisa direta (*face-to-face*) com os agricultores familiares feirantes e a análise dos dados foi executada em parte pelo *software* IRAMUTEQ. No caso dos consumidores, foram aplicadas entrevistas com uso de questionário avaliados pela escala Likert e média. Quanto aos resultados, a feira se mostrou capaz de demonstrar a inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares por três principais aspectos: primeiro, por estar organizada a partir da associação dos produtores; segundo, por contar com relações consolidadas e de confiança entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores; e, terceiro, por possuir relações solidárias entre os participantes. A inclusão comercial também foi confirmada e na feira as cadeias curtas de abastecimento de alimentos são fortalecidas na medida em que se constroem vínculos comerciais entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores. A feira consolidou-se como um espaço a ser percebido pelos consumidores e dos produtores, no que se refere a duas das cinco dimensões dos mercados imersos.

**Palavras-Chave:** Feiras livres. Agricultores familiares. Inclusão socioprodutiva.

## STUDY OF THE STREET MARKET OF CASCAVEL-PR: FROM PRODUCERS' AND CUSTOMERS' PERSPECTIVE

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the working mechanism of a farmers market to estimate its potential for socio-productive and commercial inclusion compared to conventional retail chains. The aim is also to verify if there is a strengthening of the short food supply chains and if the farmers market can consolidate the aspects of the "distinctiveness" and "connectivity" dimensions of these deep-rooted (immersed) markets. The article is configured as a qualitative case study applied to the *Feira do Pequeno Produtor* (Small Farmers Market) in Cascavel, Paraná. In the case of producers, the methods used were data collected through a direct survey (*face-to-face*) with family farm marketers, and data analysis was performed in part by the IRAMUTEQ software. In the case of consumers, interviews were applied using a questionnaire evaluated by the Likert scale and mean. As for the results, the farmers market in this study was able to demonstrate the socio-productive inclusion of family farmers through three main aspects: first, for being organized through the association of producers; second, because it counts on close and trusting relationships between the family farm marketers and the customers; and, third, for having solidary relationships between the participants. The commercial inclusion was also confirmed, and, at the farmers market, the short food supply chains are strengthened as commercial links are built between the family farmers and the customers. The fair has established itself as a space

perceived by customers and producers in two of the five dimensions of the immersed markets.

**Keywords:** Farmers market. Family farmers. Socio-productive inclusion.

## 1 INTRODUÇÃO

A gradativa aglomeração dos sistemas agroalimentares em geral ao redor de grandes redes de varejo extremamente rigorosos inibem a participação de agricultores familiares nos mercados agropecuários e restringe a oferta de produtos aos consumidores finais (WILKINSON, 2003, SCHNEIDER et al., 2020). Essa realidade tem contribuído para uma tentativa mundial para a construção de mercados alternativos fundamentados em cadeias curtas de abastecimento de alimentos que comercializam no intento de aproximar produtores dos consumidores (HINRICHS, 2000, GAZOLA; SCHNEIDER, 2017).

O mecanismo de encurtamento das relações entre produtores e consumidores que fazem parte de determinada cadeia de produção agroalimentar consiste em um esforço de reconstruir as ligações que caracterizam as interações econômicas no intuito de resgatar as relações interpessoais entre os agentes por meio das cadeias curtas de abastecimento de alimentos, amplamente discutidas no Estudo 3.

O objetivo deste estudo é analisar o mecanismo de funcionamento de uma feira livre como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioproductiva de agricultores familiares em cadeias curtas de abastecimento de alimentos de comercialização frente às redes convencionais de varejo. Especificamente, objetiva-se verificar como a feira pode proporcionar a inclusão comercial dos agricultores familiares e se, por meio dela, poderá ocorrer o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos, bem como a distribuição e o consumo de alimentos. E, ainda, se a feira tem como consolidar-se como um local de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “distintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos).

Preceitos que guiam tomadas de decisões de consumidores e produtores estão imersos em distintas conjunturas socioculturais e econômicas, concedendo uma diversidade de tipos de produção, distribuição e consumo de alimentos, que passam pelo mais convencional (representado pela produção de larga escala), até o mais

original (representado por produtos agroecológicos e a comercialização direta) (DIAZ-MÉNDEZ; GARCIA-ESPEJO, 2016). As feiras locais se encaixam nessa diversidade do sistema agroalimentar e representam o canal de comercialização alternativo mais expressivo e tradicional (DAROLT *et al.*, 2016).

As feiras pertencem a um dos grupos de tipologias das cadeias curtas de abastecimento de alimentos. As feiras livres desempenham um papel significativo no preenchimento das lacunas deixadas pelo sistema alimentar global. Elas são capazes de atender a um mercado específico, fornecendo produtos frescos produzidos localmente, produtos não padronizados e itens especiais. Além disso, mostram a ressocialização e a respacialização na atividade de compra de alimentos, fornecendo um fórum no qual o produtor interage com o consumidor, dando-lhe um “rosto” para a impessoalidade da atividade econômica (FEENSTRA *et al.*, 2003).

No caso das feiras, o significado é criado não só do rótulo de “local”, mas também do próprio ambiente de mercado e do ato da compra. Holloway e Kneafsey (2000) argumentam que o ambiente de mercado pode ser visto como dois espaços distintos: o primeiro é visto como um desafio ao domínio do supermercado produtivista (uma forma de os indivíduos contestarem ideologicamente a ascensão da agricultura empresarial, além de apoiar os pequenos agricultores). O segundo é um espaço no qual as noções de lugar e identidade são restabelecidas, quer em termos de orgulho cívico ou de nostalgia por um tempo quando a vida era supostamente mais saudável e a comida mais nutritiva (HOLLOWAY; KNEAFSEY, 2000).

As feiras compostas por agricultores familiares comercialmente cumprem importante papel no estímulo do desenvolvimento rural. Portanto, é primordial conhecer seu funcionamento e suas características que possibilitem a inclusão desses agricultores. Diante disso, verifica-se a necessidade de identificação dessas características para possibilitar direcionamento de políticas públicas no incentivo de ampliação desses canais de comercialização (VERANO; MEDINA, 2021).

O ato de compra também é carregado de significado. A maioria dos consumidores fazem compras nas feiras por razões mais complexas do que apenas pela necessidade. Pode-se explicitar que a interação e os laços sociais que tornam esses mercados atraentes e, portanto, o ato de compra, significam também confiança e reciprocidade. Os consumidores são normalmente pensados como aqueles que buscam esse tipo de relação com os produtores, mas também são os agricultores que buscam essa relação (BELLIVEAU, 2005).

Além da comercialização de produtos baseada na confiança, é nesse local que os produtores têm a oportunidade de melhorar a renda e produzir um efeito direto e positivo sobre o bem-estar econômico. Nesse local, também os vendedores podem desenvolver habilidades de negócios, tendo a oportunidade de aprender habilidades de gestão empresarial, marketing e comunicação (FEENSTRA *et al.*, 2003).

Quanto à estrutura deste estudo, além desta introdução, apresenta-se a feira como um cenário dos mercados imersos e suas dimensões, bem como os métodos utilizados na pesquisa para os produtores e consumidores. Em seguida, os resultados e discussões sobre a feira e seu histórico, sobre a inclusão socioprodutiva e comercial dos agricultores familiares, principais motivos que os levam a participar da feira. Posteriormente, apresenta-se como a feira se consolida como local de percepção dos consumidores e pelos produtores no que se refere às dimensões dos mercados imersos e, por fim, as considerações finais.

## **2 A FEIRA COMO UM CENÁRIO DOS MERCADOS IMERSOS E SUAS DIMENSÕES**

A construção dos mercados imersos (oriundo do conceito de “*embeddedness*”) se dá pela construção social, buscando a interação e troca entre os atores, baseada no compartilhamento de um conjunto de normas, regras e valores institucionais que conduzem o comportamento econômico e propiciam a criação de benefícios comuns aos envolvidos e a apropriação de parcelas mais expressivas do valor gerado produzido pelos agricultores. Esses mercados emergem dos mercados agroalimentares convencionais, a contar de suas lacunas estruturais que vislumbram oportunidades para novos mercados (BRASIL; SCHNEIDER, 2020).

Desse modo, os mercados imersos estão localizados em áreas específicas, mas não se delimitam ao local e sua governança, envolvendo tanto instituições formais como informais. Uma das principais características dos mercados imersos é que são amparados por recursos de uso comum (RUC). Trata-se de um recurso que permite aos envolvidos/atores atingirem benefícios comuns, provenientes do compartilhamento de normas e regras implantadas e implementadas coletivamente. Nesse aspecto, projeta-se a ação coletiva e autogestão para driblar o oportunismo e, sendo assim, preservar a reputação (OSTROM, 1990).

Segundo os estudos de Brasil e Schneider (2020), os mercados imersos possuem cinco dimensões de análise que podem abarcar as principais características desses mercados e que permitem diferenciá-los dos padrões convencionais de produção e comercialização de alimentos. Essas dimensões são: distintividade, conectividade, multifuncionalidade, governança e infraestrutura sociomaterial.

A dimensão intitulada “distintividade” se refere às caracterizações dos produtos desse tipo de mercado imerso, que apresenta diferenciações dos produtos do mercado convencional. Pode ser mensurado de diferentes formas: pelo preço, por ser mais barato ou mais caro, pela qualidade do produto, pelo modo de produção, pela organização social do tempo e do espaço, possibilitando produtos frescos, ou mesmo pela disponibilidade, pois, quanto mais escasso for o produto, maior se apresentará a distintividade (PLOEG, 2015).

A dimensão chamada “conectividade” é a que expressa mais a realidade das feiras nos circuitos curtos com comunicação e transparência, pois a conectividade se remete à conexão entre os diferentes atores envolvidos no mercado e entre os distintos mercados. Nesse sentido, produtores, processadores e consumidores se conectam por meio de circuitos curtos e descentralizados (BRASIL; SCHNEIDER, 2020).

A “multifuncionalidade” é a dimensão dos mercados imersos que se refere às muitas funções que um estabelecimento agropecuário pode assumir, como atividades de comércio, que vão além da produção e do abastecimento de alimentos. Tem relação com a diversificação das atividades de produção, dos mercados e dos canais de comercialização, da mobilidade de recursos e de fontes de renda (KNICKEL; RENTING; PLOEG, 2004).

A dimensão intitulada “governança” de mercado imerso é uma categoria de interatividade e condutas variadas entre atores que integram um ambiente de mercado, que são incessantemente compostas e recompostas por meio de esforços reais para identificar e resolver os problemas coletivos (CANDEL, 2014).

E, por último, a quinta dimensão, descrita como “infraestrutura sociomaterial”, que é um conjunto distinto de artefatos e regras que canalizam os fluxos de bens e serviços entre lugares e pessoas (PLOEG; JINGZHONG; SCHNEIDER, 2012). Conjunto de regras, normas e convenções, sendo estas formais ou informais, que dão sustentabilidade aos mercados e possibilitam que os fluxos de produtos e serviços se ajustem.

Assim, ancorado nas referências supracitadas, este trabalho se insere no debate sobre as cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas por meio da investigação de um dos mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento *face-to-face*: a feira livre do estado do Paraná na cidade de Cascavel.

As cadeias curtas de abastecimento de alimentos podem ser definidas em duas categorias: a da definição de qualidade dos produtos (locais, regionais, tradicionais, orgânicos, agroecológicos, saudáveis) e a da estrutura organizacional da comercialização (venda direta, proximidade espacial e espacialmente estendida). As feiras se inserem na categoria de venda direta, em que as indicações de procedência e os atributos de qualidade se estabelecem na relação direta entre agricultor e consumidor (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003).

Como um dos tipos de cadeias curtas de abastecimento de alimentos, as feiras livres de venda direta, do tipo *face-to-face*, abarcam um complexo de relações de forma que o funcionamento é caracterizado como um mercado diferenciado. Nesse tipo de mercado, a autenticidade dos produtos e a confiança, na maioria das vezes, estão atreladas às interações pessoais decorrentes da possibilidade de os consumidores comprarem seus alimentos diretamente dos agricultores, sem quaisquer formas de intermediação.

As feiras também podem oferecer o fortalecimento de cadeias curtas de comercialização, de circuitos regionais e de redes agroalimentares alternativas. Alguns autores definiram as cadeias curtas (*short food supply chains*) da seguinte maneira: (1) venda direta “cara a cara”, em que a confiança está na relação interpessoal; (2) “proximidade espacial”, incluindo o que é produzido e distribuído em uma região reconhecida pelos consumidores; e (3) “espacialmente estendida”, nesse caso, a confiança é transmitida por um processo de garantia da qualidade (certificação) (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003; DAROLT *et al.*, 2016). Apesar das muitas distinções entre os mercados, nota-se que a participação da sociedade civil no fomento de uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento rural é primordial para a reprodução de cadeias curtas de comercialização (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003).

Esse é o caso das feiras livres de venda direta, que, nesse sentido, podem ser caracterizadas como cadeias curtas porque, em sua essência, consumidores e produtores interagem relacionalmente face a face, consentindo para que valores sociais e culturais circulem em torno dessa relação. Apesar de serem formas de

comércio antigas e tradicionais, as feiras livres foram pouco estudadas por um longo tempo.

A feira no Brasil é uma modalidade do sistema varejista, com periodicidade normalmente semanal focada para a distribuição local de alimentos e de grande importância para os municípios. Intermediada por processos de troca, as feiras locais podem integralizar as famílias dos agricultores dos municípios, dinamizar as economias de pequenas cidades (SILVESTRE; RIBEIRO; FREITAS, 2011).

Alguns estudos brasileiros como um precursor pesquisado por Garcia (1984) demonstra que as feiras são consideradas espaços importantes para a reprodução social e econômica da pequena agricultura. Além disso, essas feiras possuem produtos típicos e tradicionais da região, com preços acessíveis.

Estudos de Verano e Medina (2021) revelam que as feiras dos agricultores de alguns municípios goianos se ajustam num perfil de feira que promove a inclusão socioprodutiva de agricultores familiares e que fortalece canais curtos de comercialização.

As feiras livres vêm ganhando cada vez mais espaço nos estudos rurais em decorrência da legitimidade social conquistada pela agricultura familiar (GRISA; SCHNEIDER, 2015) e pela questão de emergência do debate em torno das redes agroalimentares alternativas.

Um dos aspectos peculiares desse tipo de mercado é que acontece a troca de informações e de conhecimentos com os consumidores, pois estes expõem suas preferências e gostos, que podem ser incorporados à maneira de produzir do agricultor. Por outro lado, os consumidores têm acesso a um número diversificado de produtos (CASSOL, 2013).

As feiras são analisadas a partir do referencial teórico da sociologia econômica e da construção social de mercados, enfatizando o aspecto da confiança nas transações. As feiras livres são mercados socialmente construídos por um conjunto de atores e instituições que interagem na forma de redes para concretizar novos espaços e novas relações de produção e consumo alimentar (CASSOL; SCHNEIDER, 2017).

O bom resultado das feiras da agricultura familiar está atrelado à quantidade de recursos e à implantação e implementação de projetos que proporcionem a integração e a qualificação de políticas públicas. É primordial que as feiras possibilitem a entrada de seus produtos no varejo *in loco*, estabeleçam espaços institucionais para

alimentos *in natura* e processados, bem como fomentem com os consumidores a ideia de qualidade da produção local (SILVA; BALEM; SILVEIRA, 2015).

Nesse sentido, verifica-se que as feiras se constituem como uma rede alimentar com capacidade de estabelecer transações entre diferentes atores sociais, os quais se encontram imersos em relações e estruturas utilizadas para justificar as suas práticas de consumo e de produção, assim como para construir relações de confiança entre si.

### 3 MÉTODOS

Essa pesquisa tem um cunho qualitativo e é um estudo de caso que possui como unidade de análise: a Feira do Produtor em Cascavel, no estado do Paraná. Será demonstrado como as feiras livres são espaços de comércio diferenciados e socialmente construídos. Os estudos qualitativos anunciam, sobre os estímulos mais profundos das pessoas, quais são suas opiniões e seus intentos, oferecendo informações para moldar a metodologia de um estudo (VELASCO; VILLA, 2011).

A análise da inserção nos mercados locais já foi desenvolvida utilizando a metodologia de um estudo de caso. Essa metodologia já foi utilizada em outros estudos, descritos em literaturas anteriores (MURDOCH; MARSDEN; BANKS, 2000; ARAMENDI; ZUBILLAGA; ZALDUA, 2018).

Assim, guiados por estudos anteriores e abordagens de pesquisa, Lewis e Chambers (2010) defendem a importância da pesquisa baseada no lugar que tem uma forte tradição na compreensão dos mecanismos de criar, manter, divulgar e gerir a biodiversidade, principalmente a diversidade agrícola. A escolha deste estudo de caso justifica-se pelo fato de se tratar de uma feira que possui maior número de agricultores familiares da região e por conter as características dos mercados imersos já discutidas anteriormente.

De acordo com as premissas seguintes do estudo, têm-se as variáveis utilizadas que se amparam no referencial teórico do artigo, vislumbradas no Quadro 1.

**Quadro 1:** Premissas da pesquisa e respectivos referenciais teóricos

Premissas	Variáveis	Referencial Teórico
Inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares na feira	Quantidade de bancas: (a) total atualmente; (b) de agricultores familiares feirantes; (c) de agricultores familiares há quanto tempo em anos.	Ploeg <i>et al.</i> (2000). Holloway; Kneafsey, (2000).
	Quantidade de bancas de agricultores familiares feirantes que vendem: (a) produtos <i>in natura</i> ; (b) produtos semiprocessados; (c) produtos da sociobiodiversidade.	Wanderley (2003). Verano; Medina (2021). Grisa; Schneider (2015). Gazolla (2017).
Ascensão das cadeias curtas de abastecimento de alimentos, produção e consumo das redes agroalimentares alternativas	Quantidade de atravessadores que expõem na feira que compram dos agricultores familiares do município e entorno.	Darolt <i>et al.</i> (2016).
	Produtos típicos da região; fidelização de clientes com específicos agricultores familiares feirantes e fidelização à feira de forma geral.	Wilkinson (2003). Goodman (2017). Renting; Marsden; Banks (2003). Grisa; Schneider (2015).
	Ocorrência dos tipos de produtos agroindustrializados, como: derivados do leite, polpas, compotas/conservas.	Wanderley (2003). Silva; Balem; Silveira (2015).
	A feira tem influência na criação ou fortalecimento de políticas públicas locais, estabelecimento de novos negócios e transações entre os atores da agricultura familiar e estímulo para a entrada de novos agentes nas cadeias.	Ploeg; Jingzhong; Schneider (2012). Renting; Marsden; Banks (2003). Darolt <i>et al.</i> (2016).
Se a feira tem como consolidar-se como um espaço de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “dinstintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos)	Produtos mais frescos; produtos mais saudáveis, maior valorização dos produtos da feira; ambientalmente amigável comprar na feira; obtém mais informações comprando na feira; recebo produtos únicos na feira; é conveniente comprar na feira; este negócio é inovador e criativo; produtos de alta qualidade; é menos caro; comida tradicional.	Ploeg (2015). Brasil; Schneider (2020). Belletti; Marescotti (2017).
	Mais agradável comprar na feira; confiança nos produtores; apoio aos alimentos ambientalmente amigáveis; produção da feira tem boa reputação; apoio aos produtores locais.	Cassol (2013). Cassol; Schneider (2017). Brasil; Schneider (2020).

Fonte: Adaptado de Verano e Medina (2021)

Têm-se duas importantes contribuições metodológicas a serem consideradas. Primeira, não existe possibilidade de identificação de causa-efeito nas variáveis a serem analisadas. É necessário buscar sinergia, sintonia e reflexão crítica na análise dessas variáveis. Segunda, é importante ter em evidência que os dados coletados pelo instrumento de pesquisa estabelecem um retrato do momento em que ele foi aplicado e refletem a percepção dos atores (BRASIL; SCHNEIDER, 2020).

Com relação à análise dessa cadeia curta de abastecimento de alimentos por meio das feiras em tempos de pandemia, não estava em evidência a questão da pandemia da Covid-19, quando foram realizados os estudos anteriores (Estudos 1, 2

e 3). A amostra do estudo é do tipo não-probabilística, pois não vislumbra a representatividade da população do estudo como universo estatístico, por meio de uma seleção aleatória, mas de forma seleta e cuidadosa de agricultores com características específicas voltadas para o objeto do estudo (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 1994).

Para o desenvolvimento deste estudo, foram realizadas atividades de coleta de dados de campo, incluindo entrevistas semiestruturadas e pesquisa empírica, tanto com os consumidores quanto com os produtores. As pesquisas foram conduzidas na feira no mês de abril de 2021.

### 3.1 NO CASO DOS PRODUTORES

Os dados utilizados foram coletados por meio de uma pesquisa direta (*face-to-face*) com os agricultores familiares feirantes, dos quais foram entrevistados pelo menos uma pessoa por família participante da feira, totalizando 30 entrevistas com 23 perguntas abertas em cada questionário. Outra técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa de campo é a fotografia. A utilização de imagens constitui três aspectos importantes: o que ela realmente representa, o que o fotógrafo quer representar e o que o leitor e visualizador da foto perceberá (PLEIN, 2012).

A análise dos dados foi executada em parte pelo *software* de análise de dados *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), como forma de agrupar as respostas do material coletado em categorias temáticas de análise, denominadas “classes” pelo *software*. O IRAMUTEQ é gratuito e com fonte aberta, que permite análises estatísticas textuais clássicas, classificação hierárquica descendente; análises de similitude e nuvem de palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013). Utilizou-se o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que consiste em um tipo de análise sobre *corpora* textuais por intermédio de seleção de segmentos de texto que demonstrem vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013). O *corpus* é formado pelo conjunto das transcrições e o tratamento do material gerado pelas entrevistas foi realizado antes do processamento no *software*, como a separação dos textos das entrevistas com linhas de comando e a revisão do arquivo quanto à normas de formatação.

### 3.2 NO CASO DOS CONSUMIDORES

Foram entrevistados 30 consumidores com um questionário (APÊNDICE A) contendo 18 perguntas divididas em duas partes: a primeira compreende 12 perguntas fechadas e 6 perguntas abertas que descrevem a amostra. As amostras foram coletadas por meio do envio dos questionários para os consumidores, vislumbrando o cuidado em decorrência da pandemia do COVI-19. É importante ressaltar que, como os resultados apresentam as percepções dos atores entrevistados sobre a feira, eles podem conter distorções da realidade; é necessário ter em mente que os dados coletados pelo instrumento de pesquisa demonstram um retrato do momento em que ele foi aplicado, ou seja, refletem a percepção desses atores.

A análise dos dados foi efetuada por meio da tabulação dos dados no software Microsoft Excel a partir das médias aritméticas dos resultados e avaliada a partir da escala Likert. A escala Likert é um modelo desenvolvido por Rensis Likert (1932), que mede o grau de concordância dos entrevistados com relação às questões propostas. Apresenta um sistema de medida contínuo, com cinco pontos de resposta, que vai de “discordo completamente” até “concordo plenamente”, passando por um ponto neutro central de indecisão. Enumeram-se os cinco pontos da escala e considera-se que valores abaixo de 3 demonstram menor concordância entre os entrevistados e acima de 3, maior concordância.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A FEIRA E SEUS MERCADOS IMERSOS**

### 4.1 COMO A FEIRA PROMOVE A INCLUSÃO SOCIOPRODUTIVA E COMERCIAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES

#### **4.1.1 Histórico da Feira**

A feira intitulada “Feira do Pequeno Produtor Rural e Urbano de Cascavel/PR” teve seu início em 10 de dezembro de 1983, a partir da iniciativa de 9 agricultores da região e suas famílias, bem como da cidade, que viram uma possibilidade de vender diretamente seus produtos aos consumidores, vislumbrando uma oportunidade de aumentar suas rendas e a capacidade de atrair um público médio de 50 mil visitas ao

mês, fato esse que veio a se concretizar ao longo do tempo, indicativo controlado pelo número de sacolas utilizadas nas vendas. A feira está completando 38 anos de existência em 2021. Inicialmente, as vendas eram realizadas em dois locais na avenida principal da cidade (av. Brasil); depois de alguns anos, foi transferida para a Praça Wilson Joffre e aconteciam às terças e quintas, das 15h às 22h, e aos domingos, das 8h às 12h. Nos sábados, aconteciam em frente à Prefeitura Municipal da cidade, das 8h às 12h.

Atualmente, em decorrência da pandemia da Covid-19 e, também, pelo fato de a Praça Wilson Joffre estar sofrendo reformas, a feira está acontecendo nas terças e quintas, no estacionamento do Teatro Municipal de Cascavel, e nos sábados e domingos, em frente à prefeitura da cidade.

Outra mudança institucional relevante é a criação da Associação dos Pequenos Produtores Feirantes de Cascavel (APPF) no dia 02 de abril de 2004 a qual assume as questões legais e de organização e gestão do espaço, que antes eram realizadas pela prefeitura.

Em relação aos 84 feirantes, que participavam da feira antes da pandemia, estes são pequenos agricultores residentes na zona rural do município, que produzem alimentos e variedades tradicionais da região, utilizando técnicas e conhecimentos ligados à cultura, outros são produtores urbanos, e alguns são feirantes autorizados à revenda em decorrência da escassez de determinados produtos, também conhecidos como atravessadores. Também desse universo, têm-se 57 produtores rurais de produção convencional e 4 agricultores de produção orgânica. Destes, são: 23 produtores de hortifrutigranjeiros, 7 produtores de queijos, 5 produtores de embutidos, 6 produtores de pães, bolachas e cucas, 5 de artesanato e 11 de diversos (doces, geleias, mel e chás).

**Figura 1:** Produtores na feira



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Na Figura 1, tem-se a feira no estacionamento do Teatro Municipal de Cascavel. Contudo, os feirantes que não são produtores rurais, mas que atuam como pequenos comerciantes que compram seus produtos de outros agricultores do entorno do município – em alguns casos até mesmo do CEASA (Centrais de Abastecimento S.A.) de Cascavel-PR – e comercializam no espaço da feira, atualmente são somente 4 atravessadores. Os demais são produtores urbanos, totalizando 23 pequenos comerciantes de variedades como orquídeas, artesanatos, lanches e sucos na feira. O foco deste estudo será os produtores familiares.

Quando iniciou a pandemia da Covid-19, em meados de março de 2020, a feira foi totalmente paralisada por uma semana. Na sequência, foi mudada de lugar, instalou-se no antigo terminal rodoviário de Cascavel e lá ficou por dois meses, com 22 feirantes a menos (por pertencerem ao grupo de risco e, também, porque só eram permitidos pela vigilância sanitária do município produtos que fossem considerados essenciais, ou seja, a parte de lanches, artesanatos ficaram de fora da feira neste período).

**Figura 2:** Estruturação do *drive-thru* na feira



Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Em junho de 2020, a feira estava localizada há 4 semanas no estacionamento do Centro Cultural Gilberto Mayer, obedecendo a todas as normas necessárias de distanciamento. Foi instalado um *drive thru* na rua que faz frente ao centro cultural, composto por 12 feirantes, como mostra a Figura 2. Estavam atuando nos mesmos dias de semana (terças e quintas) e, por um decreto do município vigente a partir de 15 de junho de 2020, não puderam trabalhar nos fins de semana em decorrência da pandemia.

Nos dias atuais, a feira acontece nas terças e quintas no estacionamento do Teatro Municipal de Cascavel e nos sábados e domingos em frente à prefeitura da cidade. Atualmente têm-se dois produtores orgânicos, 45 produtores rurais e 32 produtores urbanos, totalizando 77 feirantes.

**Figura 3:** Feira localizada em frente à Prefeitura Municipal de Cascavel



Fonte: Elaborada pela autora (2021)

#### **4.1.2 Motivos que Levam os Agricultores Familiares Feirantes a Participar da Feira**

Dos agricultores familiares feirantes entrevistados, 64% são hortifrutigranjeiros, 23% produzem embutidos e panificados, 10% têm produção originária dos derivados do leite e 3% produzem doces de frutas, geleias e mel. Não possuem selo de certificação de qualidade (exceto 2 produtores orgânicos) e, com relação ao tamanho de suas propriedades, 45% possuem propriedades de 1 a 3 alqueires, 30% de 3 a 5 alqueires e 25% propriedades acima de 5 alqueires.

A decisão pela entrada na feira se deu, para a maioria dos agricultores familiares entrevistados, em decorrência de falta de alternativas para escoar a produção e pela necessidade de aumentar a renda, já que as possibilidades de comercialização pelos canais longos estavam cada vez mais restritos. Outras

motivações, de acordo com as falas dos respondentes, foram: instabilidade de preços, prazos de pagamentos mais longos na comercialização com atravessadores e supermercados e possibilidade de vender os produtos sazonais em pequenas escalas, além do dinheiro à vista que entra no mercado na forma *ad hoc*, 50% dos produtores entrevistados possuem de 10 a 30 anos de participação na feira, os outros 50% têm entre 1 e 9 anos de participação. Os que têm mais tempo de participação na feira relatam que não encontraram dificuldades para se inserir nela e inclusive eram incentivados a participar, enquanto os que têm menos tempo como feirantes relataram ter que esperar depois de inscritos no processo uma vaga até 2 anos em média. Essa realidade motivou os agricultores no que se refere à busca por mercados mais inclusivos e adaptados às suas realidades socioprodutivas. Com o apoio da Associação dos Produtores, e com boa assistência técnica relatada pela maioria dos agricultores familiares respondentes, conseguiram melhorar a qualidade de vida na zona rural.

**Figura 4:** Agricultores Familiares Feirantes em abril de 2021



Fonte: Elaborada pela autora (2021)

A realidade dos agricultores familiares feirantes antes de entrar na feira se mostrou semelhante na maioria dos casos. Grande parte não estava em nenhum canal de comercialização, produzindo apenas para a subsistência ou comercializava em outros canais que não geravam ganhos econômicos significativos. Essa realidade propiciou um processo de conscientização dos agricultores no que se refere à busca de mercados mais inclusivos e mais adaptados para a realidade socioprodutiva dos agricultores. Com o apoio da Associação dos Produtores da localidade, tal iniciativa resultou em uma construção social dos mercados (nesse caso, a feira) aqui pesquisados.

Com relação ao potencial de inclusão comercial dos agricultores familiares, as feiras municipais abarcam uma pequena parcela dos agricultores familiares do

município de Cascavel e houve uma parcela significativa dos agricultores familiares feirantes relatando que sentem falta de apoio do município. Os mercados alternativos atualmente suportam apenas uma pequena porcentagem de agricultores familiares locais. Entretanto, com um aporte maior do Estado e com a criação e o fortalecimento de um arranjo institucional que apoie a inclusão socioproductiva da agricultura familiar poderá ocorrer o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e dos circuitos regionais, bem como a distribuição e o consumo de alimentos.

A partir da inserção na feira, muitos feirantes do município estudado afirmam que estabeleceram importantes contatos com os consumidores, o que tem reforçado sua comercialização no tocante às encomendas prévias que os consumidores fazem. Alguns feirantes vendem para restaurantes, supermercados e lanchonetes da cidade. Essas transações ocorrem de maneira individual, sem a mediação da associação. Muitos dos feirantes vêm de comunidades do entorno de Cascavel, transformando a feira em um local de diálogo entre o campo e a cidade, conforme afirmam os feirantes e os consumidores.

Quanto às relações de cooperação, solidariedade e competição entre os agricultores familiares feirantes, observou-se no município que a concorrência apenas a partir do preço não existe, pois a fidelização dos clientes a certos produtos de determinados feirantes possui um aspecto forte. Verificou-se que a competição ocorre sim, mas com isso ocorre a busca de melhor qualidade nos produtos. Percebeu-se também relatos de comportamentos cooperativos e solidários, como: ajudas financeiras de feirantes a um tratamento médico para um filho de um deles; os feirantes se ajudam no atendimento aos clientes em decorrência de necessidade de se ausentar da sua barraca, quando o movimento é intenso; apoio na carga e descarga de produtos.

No tocante às regras, os produtores afirmam com unanimidade que elas são essenciais para o bom funcionamento da feira e apontam ter o estatuto da APPF, que rege desde a inscrição para a participação da feira, do funcionamento e horário, da comissão de organização da feira do pequeno produtor, do tamanho e da disposição das barracas, da apresentação da barraca, do feirante e da sua identificação, das proibições e deveres, da fiscalização, da procedência, da qualidade dos produtos, do funcionamento até das penalidades como advertências e suspensões.

As feiras se configuram em um espaço potencial de inserção comercial dos agricultores familiares em cadeias curtas de abastecimento de alimentos. Os dados

revelam que 46,66% dos agricultores familiares vivem somente da comercialização na feira; 23,33%, além da feira, plantam milho e soja que entregam a canais longos de comercialização; 20% entregam para restaurantes e no sistema *delivery*; e 10% possuem aviários também. A composição da renda bruta mensal com a feira demonstra que 45% dos agricultores possuem renda entre 3 e 6 mil reais, 25% possuem renda entre 7 e 10 mil reais, 30% possuem renda acima de 11 mil reais. Do total de agricultores, 60% já utilizaram crédito rural variando entre dez e duzentos mil reais.

A entrada na feira, para grande parte dos agricultores familiares feirantes entrevistados, significou maiores ganhos, autonomia produtiva e divulgação dos seus produtos, embora, com a pandemia da Covid-19, a renda tenha caído entre 30 e 40%, conforme relatado pela maioria dos produtores pelo fato de ter diminuído bastante o fluxo de pessoas na feira. Os agricultores feirantes entrevistados alegam que vender na feira gera mais lucro, a venda é à vista, há menos riscos de perda e, por conseguinte, maior autonomia produtiva, pois, de acordo com o histórico de vendas de cada produto, o produtor dimensiona a sua produção semanal e sazonal. Além disso, a feira propiciou, para muitas mulheres e jovens, a obtenção de renda com produtos que antes não tinham valor monetário, como as frutas e as hortaliças do quintal. Proporcionou ainda, para alguns agricultores, voltar a terra para produzir com menores custos e em menor escala, por serem propriedades pequenas; e 80% dos feirantes entrevistados contam com o trabalho de mais uma ou duas pessoas, o que inviabiliza o aumento da produção.

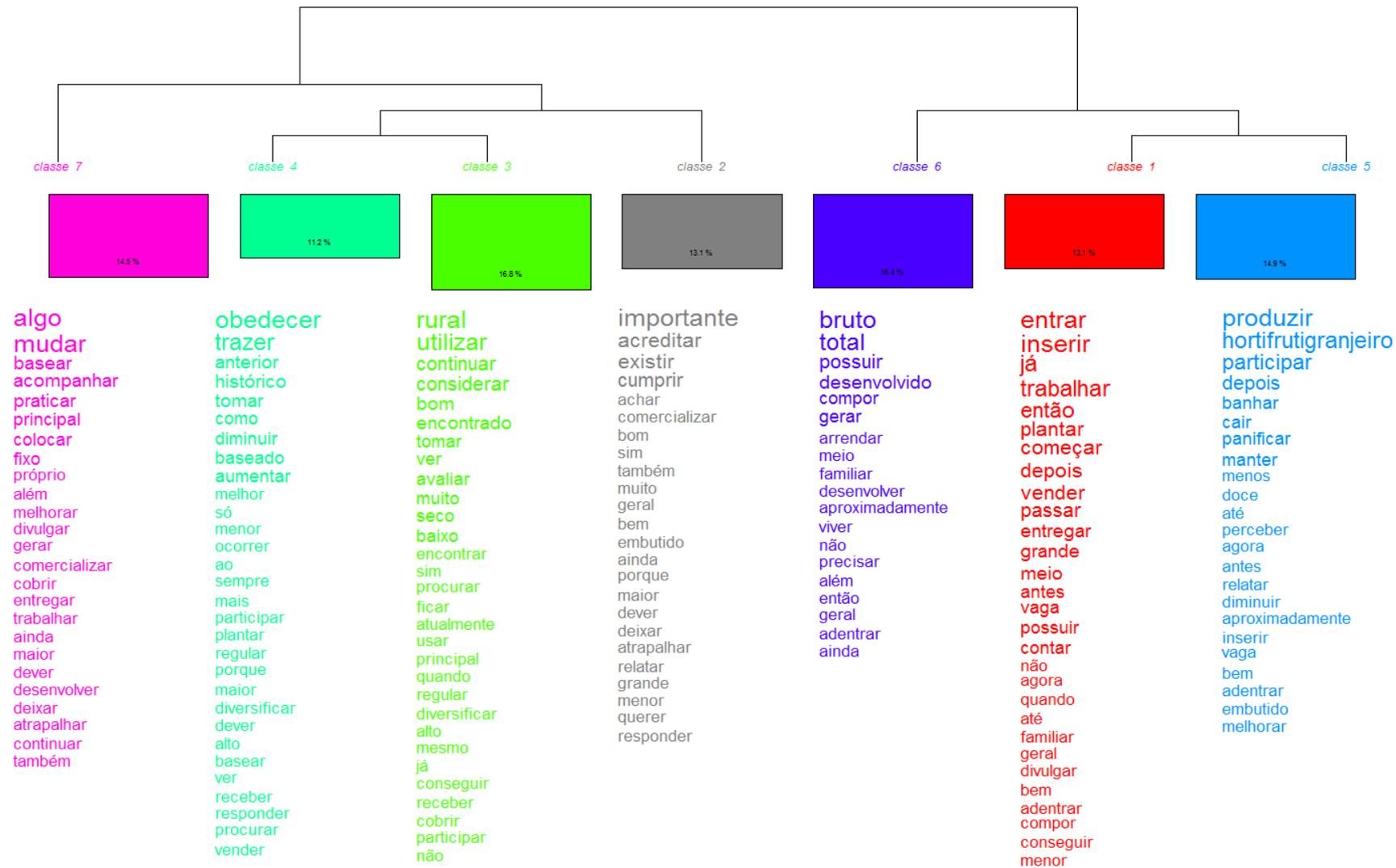
Quando questionados sobre se pudessem mudar algo na feira, 54% dos agricultores familiares feirantes responderam que queriam melhorias em termos de infraestrutura da feira e padronização das barracas.

No intento de tornar a análise qualitativa dos dados na representação fatorial dispensada pelo *software* IRAMUTEQ, confirmou-se a interligação das classes e permitiu-se a recuperação do contexto em que as palavras foram associadas com significância estatística qualitativa.

Ao processar e importar o *corpus* textual baseado nas respostas das entrevistas, o IRAMUTEQ identificou 238 segmentos de texto, com 9.149 ocorrências e 1.085 números de formas. Além de 534 hápax, que totaliza 49,22% das formas e 5,84% das ocorrências. De posse dessas informações, efetuou-se a primeira análise dos dados, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD). O *corpus* textual gerou

sete classes, esquematizadas na Figura 4 com respectivos percentuais de segmentos de textos aproveitados pelo IRAMUTEQ: classe 1 (13,1%); classe 2 (13,1%); classe 3 (16,8%); classe 4 (11,2%); classe 5 (14,9%); classe 6 (16,4%); e classe 7 (14,5%). O *corpus* derivado resultou em 214 segmentos de texto classificados em 238 segmentos de texto com uma retenção de 89,92%, configurando percentual válido, uma vez que o aproveitamento deve ser de no mínimo 70% (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Figura 5: Classes geradas pelo software IRAMUTEQ com a Classificação Hierárquica Descendente



Fonte: Dendograma dos dados gerados pelo software IRAMUTEQ – Cascavel, PR, Brasil (2021)

É possível observar, pela Figura 5, a partir das palavras de cada classe e considerando o contexto empregado, os *subcorpora* podem ser nominados da seguinte forma: *subcorpus* 1, denominado “Inclusão Socioprodutiva dos Agricultores Familiares”, e o *subcorpus* 2, intitulado “Inserção Comercial dos Agricultores Familiares nas Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos”. No *subcorpus* 1, a classe 2 deriva da classe 7, ao passo que as classes 3 e 4 derivam da classe 2. No *subcorpus* 2, as classes 5 e 1 derivam da classe 6. As classes foram denominadas pela natureza das palavras que as compõem e a leitura da relação entre as classes é feita da esquerda para a direita enquanto a definição foi subsidiada por categorias teóricas da pesquisa. Desse modo, os resultados empíricos corroboram o referencial teórico.

Na classe 1, explicitou-se a relevância que a inserção na feira representa para os agricultores familiares; a classe 2 corroborou a importância no cumprimento das normas e legislação para o bom funcionamento da feira; a classe 3 demonstrou o interesse em considerar a continuidade da produção rural, a ênfase do meio rural. A classe 4 enfatizou a importância de obedecer a um histórico de vendas para a tomada de decisão na produção e a classe 5 colaborou para um aspecto que demonstra que a maioria dos agricultores familiares feirantes são hortifrutigranjeiros. A classe 6, no tocante à renda bruta arrecadada na feira e a classe 7 revelou a capacidade de mudança de realidade que a inclusão socioprodutiva na feira pode propiciar aos agricultores familiares.

A classe 2 deriva da classe 7 e relaciona a importância das normas para o bom funcionamento da feira com a inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos, ao passo que as classes 3 e 4 derivam da classe 2, demonstrando a importância da tomada de decisão no meio rural para o bom funcionamento e a diversificação dos produtos da feira. Nesse sentido, é possível encontrar uma diversidade de produtos, assim como a qualidade atribuída aos alimentos e as interações sociais possibilitadas (poder tocar, cheirar e barganhar os produtos) (SILVA, 2005).

As classes 5 e 1 derivam da classe 6, explicitando a relevância para os hortifrutigranjeiros se inserirem na feira na composição ou complementação de sua renda. Esse tipo de mercado se manifesta como um canal curto de comercialização e contribui para estreitar as relações entre produtores e consumidores em circuitos que



similitude das narrativas produzidas considerou, como palavra central (núcleo), “participar”. E mais quatro subnúcleos: o primeiro “comercializar”, “acreditar”, “mais” e “importante”; o segundo “produzir”, “obedecer” e “tomar”; o terceiro “continuar” e “rural”; e, por fim, o quarto “trabalhar” e “possuir”. Verifica-se a conexão entre a importância de produzir com a necessidade de comercializar, perpassando uma necessidade central de participação, ou seja, a combinação participativa entre produtores e consumidores num local chamado feira, onde existem relações consolidadas de confiança entre produtores e consumidores. Como as feiras livres de venda direta são espaços privilegiados de interação entre as pessoas, a questão da confiança acaba sendo o resultado da familiaridade atribuída pelos consumidores, baseadas em valores como reputação, interconhecimento, amizade e experiência, que são valorizadas como mecanismos de reconhecimento e legitimidade atribuídos aos alimentos. Nesses espaços, as relações pessoais são as responsáveis por atestar e gerar confiança ao invés de certificações e selos de qualidade (WILKINSON, 2003; GOODMAN, 2017).

#### 4.2 A FEIRA COMO UM LOCAL DE PERCEPÇÃO DOS CONSUMIDORES NO QUE TANGE ÀS DIMENSÕES “DISTINTIVIDADE” E “CONNECTIVIDADE” NOS MERCADOS IMERSOS

As variáveis da dimensão “distintividade” são percebidas por terem um comportamento similar e com alta concordância (médias acima de 4 na escala de Likert) entre os consumidores entrevistados, o que indica que os consumidores percebem que os produtos possuem um diferencial em relação aos convencionais. As duas variáveis que apresentaram médias entre 3 e 4 foram as referentes ao aspecto da informação sobre os produtos alimentares na feira e pelo fato de que alguns produtos ofertados na feira são únicos, mas ainda assim com um nível de concordância aceitável (maior do que 3). A distintividade do produto, segundo Ploeg (2015), exerce um papel importante no composto pelas transações que consentem em distribuir o produto distinto entre os distintos atores.

Uma questão relevante é que a maioria dos consumidores acreditam que os produtos dos feirantes são mais saudáveis e possuem menos agrotóxicos, mas não sabem explicar por que acreditam nisso corroborando com os estudos de Holloway e Kneafsey (2000) que destacam as feiras como um local no qual as noções de espaço

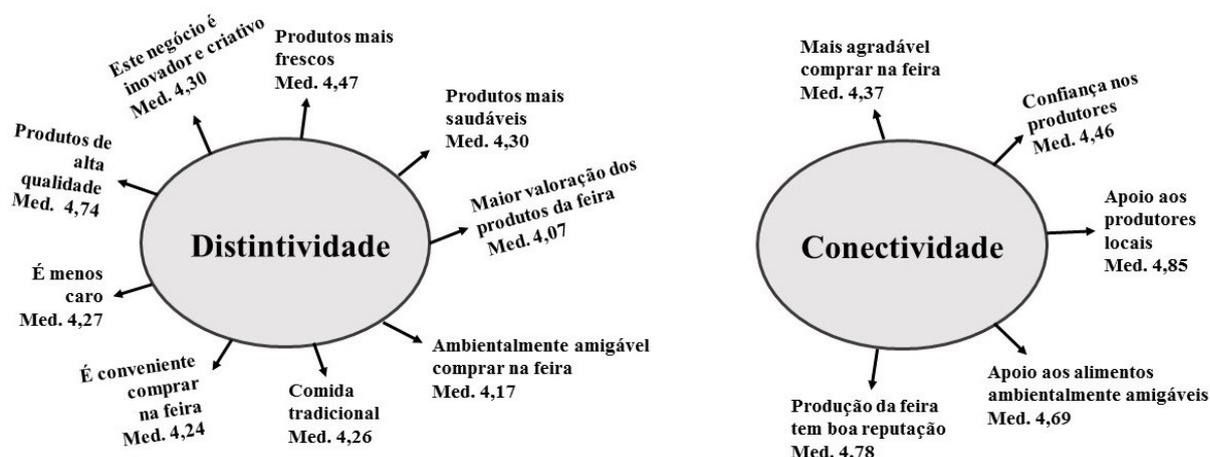
e identidade são restabelecidos quer em termos de orgulho cívico ou de nostalgia por um tempo quando a vida era supostamente mais saudável e a comida mais nutritiva. Observou-se, entre os consumidores entrevistados, certa nível de percepção sobre o entendimento dos conceitos de produto agroecológico, produto local, produto orgânico e produto fresco.

As variáveis da dimensão “conectividade” apresentam níveis de concordância positivos entre os consumidores entrevistados e atingem os valores das médias acima de 4. Em geral, os resultados apontam que há uma conexão entre produtores e consumidores, e outros atores nesse mercado, que se comunicam e interagem entre si, possibilitando trocas de informações, experiências, expectativas que contribuem para a criação de novos produtos e processos, além de gerar o fator “confiança” entre as partes. Brasil e Schneider (2020) defendem que os produtores, processadores e consumidores estão conectados em redes heterogêneas que criam mercados explicitamente distintos dos convencionais. Conectam-se por meio dos circuitos curtos e descentralizados que presumem comunicação e transparência.

As demais variáveis das dimensões dos mercados imersos, intituladas “multifuncionalidade”, “governança” e “infraestrutura sociomaterial”, não se tem nesta pesquisa, variáveis capazes de mensurar ou explicar essas outras dimensões. As que mais se enquadram na realidade da feira são a distintividade e a conectividade.

É importante inclusive salientar que as variáveis estão inter-relacionadas, e, às vezes, podem perpassar mais de uma dimensão de análise, mas que foram agrupadas como forma de facilitar o processo analítico.

**Figura 7:** Duas das dimensões dos mercados imersos



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na Figura 7, têm-se as variáveis do estudo que estão diretamente ligadas às duas principais dimensões dos mercados imersos. A distintividade se destacou por possuir 11 variáveis que apontam os principais aspectos que demonstram essa dimensão e ressalta-se que a aceitação teve uma média acima de 4 na escala de Likert em nove variáveis.

#### **4.2.1 Motivações que Levam o Consumidor a Visitar e a Comprar nas Feiras**

A principal motivação que leva o consumidor a comprar nas feiras é que, nelas, na opinião deles, os produtos são mais frescos e mais saudáveis. Os consumidores entrevistados possuem uma frequência na feira que varia, 30% fazem compras na feira uma vez por semana, 37% duas vezes no mês e os outros 40% frequentam a feira de 3 a 10 vezes no ano. Fazem compras há anos, sendo que 67% dos consumidores entrevistados frequentam a feira de 1 a 6 anos e os outros 33%, de 7 a 20 anos. A maioria dos consumidores, cerca de 57%, moram distantes da feira entre 0,5 e 4 km, e os demais 43% ficam distantes da feira de 5 a 15 km. Por esse motivo, 87% dos consumidores vão de carro até a feira e 60% deles saem de casa para ir à feira, enquanto 34% saem do local de trabalho para se dirigir à feira e o restante, 6%, de outras formas.

Os produtos mais procurados pelos consumidores na feira de Cascavel, em primeiro lugar, são os legumes e folhas, seguidos do queijo e linguiça. Na sequência, aparecem compotas de geleias e doces, bem como os panificados.

A grande maioria dos consumidores entrevistados ficaram sabendo da existência da feira pela família, amigos ou colegas e outros por estarem passando por ali ocasionalmente. Isso demonstra que a indicação boca a boca é um fator bem forte presente na feira. O público-alvo da feira se refletiu no universo feminino; aproximadamente 80% dos respondentes são mulheres e 20%, homens. Na faixa etária de 19 a 62 anos, com escolaridade superior ou com pós-graduação, enquadram-se em torno de 40% dos respondentes.

Quanto ao número de pessoas no agregado familiar totalizando adultos com 18 anos ou mais e crianças menores de 18 anos, 70% dos respondentes possuem entre 1 e 3 pessoas na família e 30% possuem, na família, de 4 a 7 pessoas. Com relação ao rendimento mensal dos agregados familiares em salários mínimos, 63,33%

recebem entre 2 e 6 salários mínimos; 33,34% recebem entre 8 e 15 salários mínimos e 3,33% recebem 35 salários mínimos.

As motivações que levam os consumidores à feira são a busca por produtos locais, seguros, confiáveis, de boa procedência e com mais qualidade. Produtos frescos, oriundos diretamente do produtor e com maior durabilidade, produtos caseiros, a diversidade dos produtos com preços acessíveis e que geram a movimentação da economia local e apoiam os agricultores familiares. Ressaltam também a importância do contato direto com os produtores, além da valorização do mercado regional. Configuram-se em um canal de comercialização popular e inclusivo. Quanto ao local da feira, preferem que seja em um espaço aberto, agradável e amigável.

São apontadas algumas desvantagens explicitadas pelos consumidores ao comprar na feira: alguns respondentes apontam a distância da feira da sua moradia ou do seu local de trabalho, a dificuldade em dias de chuva ou de muito sol pelo fato de a feira ser em local aberto, apontamentos quanto à infraestrutura da feira que necessitava de melhorias (fator, inclusive, apontado tanto por produtores quanto por consumidores, em sua maioria).

**Figura 8:** O que vem à mente dos consumidores quando pensam em comprar na feira



Fonte: Dados da pesquisa gerados pelo IRAMUTEQ (2021)

Os consumidores foram questionados quanto à seguinte situação: que palavra veio à sua mente em primeiro lugar quando pensa em ir à feira? Foi então

confeccionada uma nuvem de palavras com todas as respostas e na Figura 8 constata-se pelo tamanho da fonte que “produtos frescos” e “pastel” obtiveram o primeiro lugar no *ranking* de respostas, mas que as verduras e os legumes também obtiveram destaque, bem como a qualidade dos produtos.

A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças na feira, na opinião dos consumidores. Alguns deles deixaram de frequentar a feira pelo fato de pertencerem a grupos de risco ou para evitar a aglomeração de pessoas; outros preferiram o sistema *delivery*. O fluxo de pessoas diminuiu, pois as pessoas estavam preocupadas com o contágio da doença, diminuiu inclusive o número de produtores. Outra mudança importante foi quanto aos cuidados que precisaram ter, como o uso do álcool em gel 70% nas mãos e o uso de máscaras. A pandemia trouxe também modificações no local da feira em si, os consumidores relataram que, em decorrência da pandemia, não puderam mais passear na feira com a família, e houve, também, períodos com restrições de horários estabelecidos pelos decretos municipais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa teve por objetivo verificar se a feira tinha um potencial de promover a inclusão socioproductiva e proporcionar a inclusão comercial de agricultores familiares, com o intuito de contribuir para o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e, ainda, se a feira tinha como consolidar-se como um local de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “distintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos).

A feira se mostrou capaz de demonstrar a inclusão socioproductiva dos agricultores familiares por três principais aspectos: primeiro, por estar organizada a partir da associação dos produtores com estatuto que define normas de participação; segundo, por contar com relações consolidadas e de confiança entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores; e terceiro, por possuir relações solidárias entre os participantes.

A inclusão comercial também foi confirmada e, na feira, as cadeias curtas de abastecimento de alimentos são fortalecidas na medida em que se constroem vínculos comerciais entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores. Esse espaço se tornou alternativo para o comércio, pois, em primeiro lugar, estão imersas em relações sociais que vão além das trocas mercantis, em segundo lugar, ficou explícito

que mais qualidade nem sempre gera produtos mais caros, e, em terceiro lugar, a relação *face-to-face* estimula o desenvolvimento de cadeias de valor que não precisam de meios externos de acreditação.

A feira consolidou-se como um espaço a ser percebido pelos consumidores e dos produtores no que tange a duas das cinco dimensões dos mercados imersos. A distintividade é comprovada na grande aceitação das variáveis indicadoras de produtos mais frescos, saudáveis, maior valoração dos produtos da feira, os consumidores acreditam ser ambientalmente amigável comprar na feira, eles obtêm mais informações sobre os produtos, acreditam ter produtos de qualidade, tem acesso a comida tradicional, com valores favoráveis.

Quanto à conectividade, sobressai a questão da confiança que os consumidores têm nos produtores, relatam que a feira tem boa reputação e desejam sim apoiar os produtores locais e os alimentos ambientalmente amigáveis.

Como foi estudado somente duas das dimensões dos mercados imersos (distintividade e conectividade), como sugestão de estudos futuros tem as demais dimensões conhecidas como multifuncionalidade, governança e infraestrutura sociomaterial para serem exploradas. Vale salientar que esse estudo foi pesquisado empiricamente um dos mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos, valendo como sugestão de estudos futuros todos os outros.

## REFERÊNCIAS

ARAMENDI, O. A.; ZUBILLAGA, B. M.; ZALDUA, M. E. Who is feeding embeddedness in farmers' markets? A cluster study of farmers' markets in Gipuzkoa. **Journal of Rural Studies**, v. 61, p. 22-33, jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.05.008>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. Inovações econômicas em cadeias curtas de abastecimento alimentar. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

BELLIVEAU, S. Resisting Global, Buying Local: Goldschmidt Revisited. **The Great Lakes Geographer**, v. 12, n. 1, p. 45-53, 2005.

BRASIL, N.; SCHNEIDER, S. **Anatomia dos mercados imersos**: guia metodológico. 2020.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. **Temas Psicol**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CANDEL, J. J. L. Food security governance: A systematic literature review. **Food Security**, v. 6, n. 4, p. 585-601, 2014.

CASSOL, A. P. **Redes agroalimentares alternativas**: mercados, interação social e a construção da confiança. 2013.

CASSOL, A.; SCHNEIDER, S. Construindo a confiança nas cadeias curtas: interações sociais, valores e qualidade na Feira do Pequeno Produtor de Passo Fundo-RS. *In*: SCHNEIDER, Sérgio; GAZOLLA, Márcio (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. v. 1. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 195-217.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A.; ALENCAR, M. C. F.; ABREU, L. S. Redes alimentares alternativas e novas relações produção- consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 1-22, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC121132V1922016>. Acesso em: 19 ago. 2020.

DIAZ-MÉNDEZ, C.; GARCIA-ESPEJO, I. O potencial da sociologia da alimentação para estudar os efeitos da globalização alimentar. *In*: CRUZ, F. T.; MATTE, A.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Produção consumo e abastecimento de alimentos – desafios e novas estratégias**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

FEENSTRA, G. W. *et al.* Entrepreneurial outcomes and enterprise size in US retail farmers' markets. **American Journal of Alternative Agriculture**, p. 46-55, 2003.

GARCIA, M. F. **Feira e trabalhadores rurais/as feiras do Brejo e do Agreste Paraibano**. 1984. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

GAZOLLA, M. Cadeias curtas agroalimentares na agroindústria familiar: dinâmicas e atores sociais envolvidos. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 175-194.

GOODMAN, D. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas** – negócios e mercados da agricultura familiar. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Brasil: dos décadas de políticas públicas para la agricultura familiar. **Políticas públicas y agriculturas familiares en América Latina y el Caribe**: nuevas perspectivas [recurso eletrônico]. San José, Costa Rica: IICA, 2015. p. 77-111.

HINRICHS, C. C. Embeddedness and local food systems: notes on two types of direct agricultural market. **Journal of Rural Studies**, v. 16, n. 3, p. 295-303, 2000.

HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. Reading the space of the Farmers' market: a case study from the United Kingdom. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 3, p. 285-299, 2000.

KNICKEL, K.; RENTING, H.; PLOEG, J. D. V. "Multifunctionality in European agriculture". **Sustaining agriculture and the rural economy: Governance, policy and Multifunctionality**, Edward Elgar Publishing Inc, p. 81-103, 2004.

LEWIS, L. R.; CHAMBERS, K. J. Introduction: Geographic contributions to agrobiodiversity conservation. **The Professional Geographer**, v. 62, p. 303-304, 2010.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 22, n. 140, p. 1-55, 1932.

MURDOCH, J.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Quality, nature, and embeddedness: Some theoretical considerations in the context of the food sector. **Economic geography**, v. 76, n. 2, p. 107-125, 2000.

OSTROM, E. **Governing the commons**. The evolution of institutions for collective action. Cambridge University Press, 1990.

PLEIN, C. **Os mercados da pobreza ou a pobreza dos mercados?** As instituições no processo de mercantilização da agricultura familiar na Microrregião de Pitanga, Paraná. 2012. 266 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2012.

PLOEG, J. V. D. Rural development: from practices and policies toward a theory. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 391-408, 2000.

PLOEG, J. V. D. **Camponeses e a arte da agricultura** – um manifesto chayanoviano. Porto Alegre; São Paulo: Ed. UFRGS; UNESP, 2015.

PLOEG, J. V. D.; JINGZHONG, Y.; SCHNEIDER, S. Rural development through the construction of new, nested, markets: comparative perspectives from China, Brazil and the European Union. **Journal of Peasant Studies**, v. 39, n. 1, p. 133-173, 2012.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. **Understanding alternative food networks**: exploring the role of short food supply chains in rural development Environment and Planning, 2003. A 35: 393-411.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Definición del tipo de investigación a realizar: básicamente exploratoria, descriptiva, correlacional o explicativa. **Metodología de la investigación**, p. 69-78, 1994.

SCHNEIDER, Sérgio; GAZOLLA, Márcio. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas – negócios e mercados da agricultura familiar. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SCHNEIDER, Sergio et al. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 167-188, 2020.

SILVA, G. P.; BALEM, T. A.; SILVEIRA, P. R. C. A constituição do SIAL (Sistema Agroalimentar Localizado) de São Francisco de Assis (RS) a partir de estratégias locais e políticas públicas. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 3, p. 302-317, 2015. Disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/1025>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SILVA, L. C. **Cadeias produtivas de produtos agrícolas**. Vitória: UFES, 2005. 10 p. (Boletim técnico: MS: 01/05 em 21/04/2005).

SILVESTRE, L. H. A.; RIBEIRO, Á. E. M.; FREITAS, C. S. Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no Vale do São Francisco, MG. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 13, n. 2, p. 186-200, 2011.

VELASCO, C. L. R.; VILLA, S. P. **Metodologia da investigação científica**. Florianópolis: FUNIBER, 2011.

VERANO, T. C.; MEDINA, G. S. Comercialização por agricultores familiares em feiras municipais: quantificação, participação e localização no estado de Goiás. **Interações**, Campo Grande, v. 20, n. 4, p. 1.045-1.056, 2019.

VERANO, T. C.; MEDINA, G. Feiras que promovem a inclusão de agricultores familiares em cadeias curtas de comercialização. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 197-218, fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.36920/esa-v29n1-11>.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 11, n. 2, p. 20, 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/238>. Acesso em: 2 ago. 2020.

WILKINSON, J. A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 11, n. 2, p. 63-87, 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/239>. Acesso em: 27 jul. 2020.

## APÊNDICE A - PROPOSTA DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DO ESTUDO 4

### QUESTIONÁRIO PARA O CONSUMIDOR

01- Desde quando você faz compras aqui? Ano: \_\_\_\_

02- Quantas vezes você compra aqui?

- Uma vez por semana
- Vezes um mês \_\_\_\_\_
- Vezes um ano \_\_\_\_\_
- Primeira vez

03- Nesta pesquisa nós queremos saber mais sobre hábitos dos clientes que vêm para comprar comida aqui. Qual foi o seu principal tipo de transporte para chegar aqui hoje?

- Carro
- A pé / bicicleta
- Ônibus
- Táxi
- De outros

04- Qual foi o seu ponto de partida para vir à feira?

- A partir de casa
- Do local de trabalho / escola
- De outros

05- Qual é a distância que percorre para chegar até a feira (aproximadamente km)?

06- Que tipo de produtos você comprou e quanto eles pesam no total? (kg)

- Frutas
- Legumes
- Queijo
- Outros produtos lácteos
- Carne (fresca ou processada)
- Produtos de grãos (pão, padaria, cereais etc.)
- Semifabricados
- Bebidas
- De outros

peso total do alimento comprado em kg \_\_\_\_

07- Compare as compras aqui com alimentos que compra de um supermercado típico, você concorda com as seguintes afirmações? (A partir de 1 “Eu discordo completamente” até que ponto a 5 “Concordo plenamente”)

Comparado a um supermercado típico:

	1. Completamente discordo	2. Um pouco discordo	3. Nem concordo nem discordo	4. Um pouco Aceito	5. Totalmente Aceito	Não Opino
Eu obtenho produtos que são mais frescos	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Eu obtenho produtos que são mais saudáveis (bons para a minha saúde)	( )	( )	( )	( )	( )	( )
A seleção de produtos que eu procuro não é tão boa aqui como em um supermercado típico	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Eu dou mais valor para os produtos daqui	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Acho que é mais ambientalmente amigável para fazer compras aqui	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Acho que é mais agradável para fazer compras aqui	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Recebo mais informações sobre os produtos alimentares aqui	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Recebo produtos únicos alimentos aqui que eu não posso comprar em um supermercado típico	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Eu só faço algumas compras suplementares aqui (em comparação) com o que compro em um supermercado típico	( )	( )	( )	( )	( )	( )

08- Quais são as razões mais importantes a seguir pelas quais você compra na feira? Por favor referir até que ponto você concorda com as seguintes afirmações (de 1 “Eu discordo completamente” a 5 “Concordo plenamente”) eu compro aqui porque ...

	1. Completamente discordo	2. Um pouco discordo	3. Não concordo nem discordo	4. Um pouco Aceito	5. Totalmente Aceito	Não Opino
É conveniente para mim	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Este negócio é inovador e criativo	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Confio nos produtores	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Desejo apoiar alimentos ambientalmente amigáveis	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Produção da feira tem uma boa reputação	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Desejo apoiar produtores locais (por exemplo, os agricultores)	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Oferece produtos de alta qualidade	( )	( )	( )	( )	( )	( )
É menos caro para mim	( )	( )	( )	( )	( )	( )
Recebo comida tradicional aqui	( )	( )	( )	( )	( )	( )

09- Como você ficou sabendo desta feira? (Você pode escolher mais de um).

- ( ) Mídia (jornal, rádio, TV)
- ( ) Família, amigos, colegas
- ( ) Folhetos, cartazes etc.
- ( ) Social Media (Facebook, Twitter, Instagram etc.)

( ) Por acaso / passando por

( ) De outros \_\_\_\_\_

10- Gênero

( ) Feminino

( ) Masculino

11- Ano de nascimento

- Desejo não dizer

12- Qual foi seu maior nível de escolaridade completo?

( ) Primário / secundário inferior

( ) Secundário superior (incluindo o ensino superior de ciclo curto)

( ) Terciário

( ) Outro (por favor, especifique)

13- Número de pessoas no agregado familiar

Adultos com 18 anos ou mais \_\_\_\_\_

Crianças menores de 18 anos \_

14- Qual é o rendimento mensal dos seus agregados familiares em salários mínimos?

15- O que você vê como vantagens de comprar nas feiras?

16- O que você vê como desvantagens ao comprar nas feiras?

17- O que mais vem à mente quando você pensa em comprar nas feiras?

18- O que a pandemia da Covid-19 trouxe de mudanças em relação à feira na sua opinião?

#### QUESTIONÁRIO COM O PRODUTOR (AGRICULTOR FAMILIAR FEIRANTE)

1. Desde quando produz e participa desta feira?

2. O quê e quanto produz?

3. Como é feita a comercialização na feira? E depois da pandemia?

4. Como conseguiu participar da feira? Encontrou dificuldades para se inserir?

5. Conte um pouco da sua história de produtor.

6. Qual o tamanho da propriedade?

7. Possui algum selo de certificação de qualidade?

8. Em quantas pessoas são na família?

9. Qual é a renda bruta total da família e qual é a renda com a feira?

10. Quais são as outras atividades desenvolvidas na propriedade que geram renda fora da feira?

11. Como é a formulação dos preços?

12. Se pudesse mudar algo na feira, o que mudaria?

13. Quais são os principais incentivos que são importantes para continuar na feira?

14. Quais as desmotivações que encontra na feira?
15. Utiliza crédito rural? Se sim, quantas vezes utilizou, valores e para quais finalidades?
16. Tem assistência técnica? De quem? Como avalia?
17. Atualmente quais as dificuldades encontradas para continuar participando da feira?
18. Como ocorre a tomada de decisão em relação ao que compra, quanto, como, valor?
19. Obedece a algum órgão, entidade ou pessoa para participar da feira?
20. O que a pandemia da COVID-19 trouxe de consequências para a sua atuação na feira?
21. Quais são as diferenças entre comercializar na feira e nos canais convencionais de comercialização?
22. Discorra sobre as relações de solidariedade, cooperação e competição presentes na feira?
23. Qual a importância das regras para o funcionamento da feira?

## 1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS INTEGRALIZADORAS DO ESTUDO

O objetivo desta tese foi o de identificar como encontram-se estruturadas as cadeias curtas de abastecimento de alimentos, sua interação nos mercados locais e seu potencial para inclusão socioprodutiva e comercial da agricultura familiar. Contemplou quatro estudos inter-relacionados, em que se realizou uma reflexão teórica sobre as principais tendências e discussões que envolvem a construção do tema do desenvolvimento (rural), da agricultura familiar e dos mercados nos quais ocorrem as respectivas transações, interpretando os mercados como um princípio de ordenamento social e de construção social que estão ocorrendo no espaço rural (Estudo 1); apresentou-se, por meio da análise de citações, a estrutura da produção científica que forneceu base para estudos sobre mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais (Estudo 2); analisou-se o enraizamento que os produtores e consumidores apresentaram em sua interação nos mercados locais por meio dos estudos empíricos nas cadeias curtas de abastecimento de alimentos (Estudo 3); e, por fim, analisou-se o mecanismo de funcionamento de uma feira do pequeno produtor rural como forma de estimar seu potencial para a inclusão socioprodutiva e comercial. Buscou-se, também, verificar se ocorreu o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e se a feira teve como consolidar-se como um local de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “distintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos) (Estudo 4).

No Estudo 1, perceberam-se apontamentos, de forma recorrente, em estudos sobre mercados, que, em última análise, os mercados são socialmente construídos e estão imersos (*embedded*) em relações sociais e econômicas. Optou-se, então, por eleger os mercados como uma unidade representativa. Os mercados locais ou de proximidade demonstraram serem alternativas de que a agricultura familiar pode lançar mão e cada mercado é um *locus* específico, em geral um povoado rural ou um pequeno município, onde ocorrem as transações (DAROLT, 2013). Trata-se de mercados socialmente construídos e nos quais as trocas materiais estão imersas em relações sociais de reciprocidade e de interconhecimento. A valorização da agricultura familiar e o reconhecimento de seu potencial dinamizador das economias locais talvez seja o principal ponto de consenso. Esses pesquisadores sustentaram o argumento de que a capacidade de inovação dos agricultores familiares e a sua interação com as instituições locais são fundamentais para que possam ampliar a geração e a

agregação de valor, assim como reduzir custos de transação e estimular economias de escopo. Há de se considerar que a presença, a relevância e o papel do tema poderão propiciar mais pesquisas. Dessa forma, este estudo abriu possibilidade para a pesquisa do Estudo 2, que aponta a necessidade de estudos mais aprofundados que fornecem uma base sobre os mercados de agricultores e sistemas agroalimentares locais.

No Estudo 2, a partir da análise de citação contida em 267 artigos, foi possível identificar a base do conhecimento deste campo científico e observar o grau de associação entre os documentos, de acordo com a compreensão da comunidade de autores. As publicações agruparam-se em cinco dimensões: as definições constitutivas das economias locais alimentares alternativas; as características dos sistemas alimentares locais; a diversidade das redes alimentícias alternativas; a busca por práticas inovadoras e melhorias de gestão nas redes agroalimentares locais alternativas; *locus* da dinâmica de redes alternativas agroalimentares em que a relação consumidor/produtor é priorizada.

Embora as cinco dimensões identificadas no estudo, fruto da AFE, sejam convergentes ao objeto de estudo, fica claro que cada uma tem suas próprias especificidades, propiciando a construção de um arcabouço teórico passível de alicerçar estudos futuros.

Diante dessas constatações, concluiu-se que, embora os aspectos econômicos, sociais e ambientais, dentro e fora dos mercados de agricultores, amplamente citados nos artigos em pauta, tenham significados ímpares, há de se considerar que a presença, a relevância e o papel do tema poderão propiciar mais pesquisas. Sendo assim, este estudo abriu possibilidades para o Estudo 3 da ampliação da pesquisa, no intuito de explorar as formas diversas de caracterização de imersão que se manifestam nas interações entre produtores e consumidores e demais possibilidades de aproximação entre produtor e consumidor na cadeia de circuitos curtos de abastecimento de alimentos nos mercados locais.

No Estudo 3, por meio de uma revisão sistemática, identificou-se também que a maioria dos trabalhos (21 estudos) que discutiram sobre cadeias curtas de abastecimento de alimentos são empíricos, trazendo a possibilidade de identificação de lacunas nos estudos já publicados, o que acaba por corroborar de forma robusta para o fornecimento de parâmetros de comparação para estudos futuros.

Este estudo mostra que as SFSCs enfrentam desafios diferentes. Em primeiro lugar, existem diferenças entre os tipos de SFSCs, como o grau de variabilidade constatado, tanto nas tipologias conceituais quanto na análise dos estudos empíricos. Em segundo lugar, na medida em que as questões ambientais, econômicas e sociais também são vistas como importantes, dependendo das motivações específicas relacionadas com as características de cada indivíduo e de seu consumo, mostrando uma identidade diversificada que não permite a generalização na relação entre produtores e consumidores. Sinaliza-se, então, que não existe um modelo dominante de desenvolvimento dessas cadeias no que se refere às interações entre unidade agrícola, instituições e o contexto associativo.

Revelou-se, ao longo do Estudo 3, a complexidade para ocorrer a sustentação do desenvolvimento rural por meio do crescimento de cadeias curtas de abastecimento de alimentos. São necessários apoio institucional e novas formas de associativismo, envolvendo um gama de atores que operam nesse processo. Além disso, essas relações entre eles devem transformar-se e redesenhar-se ao longo do tempo e do espaço.

Analisando os resultados apresentados no Estudo 3, constatou-se que a maioria dos trabalhos enaltecem o aspecto social que se mostra inerente às SFSCs. Estas incorporam valores sociais e culturais coletivos, modificando a maneira como o alimento é concebido. Destacam que as questões sociais são capazes de servir de ponte entre diferentes mundos sociais, tanto em seus componentes de necessidades quanto nos de seu potencial. No que tange às práticas com os cuidados ambientais de pequena escala em pequenas propriedades, mostram-se como uma lacuna em alguns dos estudos, o que suscita a questão: as SFSCs serão capazes de limitar os danos ambientais gerados e conseguirão, além disso, promover externalidades positivas produzidas por alguns modelos de agricultura, em termos de aprimoramento da paisagem ou de proteção da agrobiodiversidade, por exemplo? (MARINO; MASTRONARDI, 2013).

Apontou-se a necessidade de mais estudos empíricos com evidências sistemáticas e objetivas sobre os impactos “transformadores” das cadeias curtas de alimentos frente aos efeitos sociais, ambientais, econômicos e culturais obtidos por meio de metodologias de avaliação adequadas e inovadoras. Abriu-se a possibilidade da realização do Estudo 4 sobre as feiras livres, que, como tipos tradicionais de cadeias curtas e espaços de comércio de alimentos, diferenciam-se pelas relações de

sociabilidade que possibilitam e pelas interações sociais diretas entre produtores e consumidores.

O Estudo 4 verificou se a feira tinha um potencial de promover a inclusão socioprodutiva e proporcionar a inclusão comercial de agricultores familiares, com o intuito de contribuir para o fortalecimento das cadeias curtas de abastecimento de alimentos e, ainda, se a feira tinha como consolidar-se como um local de percepção dos consumidores e dos produtores aos aspectos das dimensões “distintividade” e “conectividade” desses mercados enraizados (imersos).

A feira se mostrou capaz de demonstrar a inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares por três principais aspectos: primeiro, por estar organizada a partir da associação dos produtores com estatuto que define normas de participação; segundo, por contar com relações consolidadas e de confiança entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores; e, terceiro, por possuir relações solidárias entre os participantes.

A inclusão comercial também foi confirmada e, na feira, as cadeias curtas de abastecimento de alimentos são fortalecidas na medida em que se constroem vínculos comerciais entre os agricultores familiares feirantes e os consumidores. Esse espaço se tornou alternativo para o comércio, pois, em primeiro lugar, estão imersas em relações sociais que vão além das trocas mercantis; em segundo lugar, ficou explícito que mais qualidade nem sempre gera produtos mais caros; e, em terceiro lugar, a relação *face-to-face* estimula o desenvolvimento de cadeias de valor que não precisam de meios externos de acreditação.

A feira consolidou-se como um espaço a ser percebido pelos consumidores e dos produtores, no que tange a duas das cinco dimensões dos mercados imersos. A distintividade é comprovada na grande aceitação das variáveis indicadoras de produtos mais frescos, saudáveis, maior valoração dos produtos da feira, os consumidores acreditam ser ambientalmente amigável comprar na feira; eles obtêm mais informações sobre os produtos, acreditam ter produtos de qualidade, têm acesso a comida tradicional, com valores favoráveis.

Quanto à conectividade, sobressai a questão da confiança que os consumidores têm nos produtores. Os consumidores relatam que a feira tem boa reputação e desejam sim apoiar os produtores locais e os alimentos ambientalmente amigáveis.

Apesar do potencial representado pela feira pesquisada, verifica-se que poucos agricultores familiares aderiram a essa forma de circuito curto. A maioria ainda comercializa nos canais longos. É extremamente fundamental desenvolver ações que promovam a feira municipal e o desenvolvimento de políticas que atendam a essa realidade.

Quanto ao ineditismo, esta tese aplica de forma empírica os indicadores de duas das dimensões dos mercados imersos (distintividade e conectividade) numa feira livre e faz uma profunda revisão teórica sobre as cadeias curtas de abastecimento de alimentos conseguindo progredir na delimitação conceitual do assunto, demonstrando as outras nomenclaturas existentes para o referido tema, podendo servir de referência pra futuros estudos nesse assunto e preenchendo a lacuna dessa pesquisa.

Como sugestão para estudos futuros têm-se todos os outros mecanismos de ampliação das cadeias curtas de abastecimento de alimentos expostas na Figura 4 do Estudo 3 para serem pesquisados na forma empírica, haja visto que foi estudado todos de forma teórica, mas empiricamente foi analisada somente a feira livre. No Estudo 4 também foi estudado somente duas das dimensões dos mercados imersos (distintividade e conectividade), como sugestão de estudos futuros tem as demais dimensões conhecidas como multifuncionalidade, governança e infraestrutura sociomaterial para serem pesquisadas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo; Rio de Janeiro; Campinas: Hucitec; Anpocs; Unicamp, 1992.

ABRAMOVAY, R. Uma nova extensão rural para a agricultura familiar. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL, 1., 1997, Brasília. **Anais** [...] Brasília: PNUD, 1997.

BRANDÃO, J. B. *et al.* Os mercados de hortifrúti em Santa Maria (RS)-um estudo sobre os tipos de produtores e os canais de comercialização. **Redes**, Santa Cruz Sul, v. 25, n. 2, p. 433-460, 2020.

BRAUM, L. M. S. **Propensão ao empreendedorismo**: construção de um modelo confirmatório. 2018. 198 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2018.

DIAO, X.; HAZELL, P.; THURLOW, J. The role of agriculture in African development. **World development**, v. 38, n. 10, p. 1375-1383, 2010.

GAZOLLA, M. Cadeias curtas agroalimentares na agroindústria familiar: dinâmicas e atores sociais envolvidos. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 175-194.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. Fórum – Sociologia Econômica. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, 2007.

HINRICHS, C. C. Embeddedness and local food systems: notes on two types of direct agricultural market. **Journal of rural studies**, v. 16, n. 3, p. 295-303, 2000.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**: comparação internacional. Campinas: UNICAMP, 1998.

MARINO, D.; MASTRONARDI, L. The environmental aspects of the short chain: the results of a direct survey of farmers' markets in Italy. *In*: GIARÈ, F.; GIUCA, S. (Eds.). **Farmers and short chain**. Legal profiles and socio-economic dynamics. Roma: INEA, 2013. p. 63-87.

MAYE, D.; HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. (Orgs.). **Alternative food geographies**: representation and practice. 1. ed. Bingley: Emerald, 2007.

MURDOCH, J.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Quality, nature, and embeddedness: some theoretical considerations in the context of the food sector. **Economic geography**, v. 76, n. 2, p. 107-125, 2000.

PLOEG, J. V. D. **Camponeses e a arte da agricultura** – um manifesto chayanoviano. Porto Alegre; São Paulo: Ed. UFRGS; UNESP, 2015.

PREISS, P. V.; SCHNEIDER, S.; GRISA, C.; MOLINA, A. A. Os sistemas agroalimentares e crise COVID-19: é possível um cenário mais justo e equitativo? *In*: SANTOS, R. P.; POCHMANN, M. (Orgs.) Brasil pós-pandemia: reflexões e propostas. **São Paulo: Alexa Cultural, 2020.**

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes alimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SCHERMER, M. From “Food from Nowhere” to “Food from Here:” changing producer–consumer relations in Austria. **Agriculture and Human Values**, v. 32, n. 1, p. 121-132, 2015.

TREGGAR, A. Progressing knowledge in alternative and local food networks: Critical reflections and a research agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 27, n. 4, p. 419-430, 2011.

VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola**: uma visão histórica. São Paulo: Hucitec, 1991.